







Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A  
NAMORADEIRA

ROMANCE

TOMO II

RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
DO INSTITUTO HISTÓRICO DO BRASIL  
69 — RUA DO OUVIDOR — 69

# OBRAS QUE SE ACHÃO EM VENDA NA MESMA CASA

## Dr. J. M. de Macedo

NINA, romance, 2 vol. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTUA, romance historico, 2 v. br. 4\$000, enc.	5\$000
A LUNETEA MAGICA, romance. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	5\$000
<del>A VIOLETA ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br.....</del>	<del>5\$000</del>
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	5\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.....	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc.....	5\$000
MOCO LOURO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOIS AMORES. 2 v. enc.....	5000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.....	5000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSELLA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8º br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$000

## J. M. de Alencar

IRACEMA, lenda do Ceara, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos. 2ª ed. 1 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-8º. enc.....	6\$000
A mesma obra, 2 v. in-4º, encadernados.....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8º. br. 12\$000, encadernado.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$500
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em um prologo, 4 actos e um epilogo. 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1.....	1\$000

## Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	6\$000
PATA DA GAZELLA, romance brasileiro. 1 v. in-8º br. 2\$000, encadernado.....	3\$000

O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc. 6\$000

## G. H.

DIVA, perfil de mulher. 2ª edição. 4 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 2ª ed. 1 v. enc.....	8\$000

## Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contend : Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc.....	3\$000
CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8º br. 2\$, enc.....	2\$600
PHALENAS. Poesias. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
RESSURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8º (no prelo).	

## Bernardo Guimarães

O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Cayaz, romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombólas, a Gargania do	



# A NAMORADEIRA

## OBRAS DO MESMO AUTOR

NINA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	4\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 vol. br.	4\$000
enc.	5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	5\$000
A MORENINHA. 1 vol. enc.	3\$000
A NEBULOSA. 1 vol. enc.	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 vol. enc.	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO, romance. 2 vol.	
enc.	5\$000
MOÇO LOURO. 2 vol.	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 vol. enc.	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.	3\$000
ROSA. 2 vol.	5\$000
VICENTINA, romance, 3ª edição. 3 vol. br.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES. Quadros da escravidão, 2 vol. br.	5\$000
LIÇÕES DA HISTORIA DO BRASIL. Obra adoptada pelo CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA para uso das escolas do ensino primario. 1 vol. in-4, enc.	3\$000
THEATRO. 3 vol. in-8, nitidamente impressos e enc.	3\$000
Vol. 1º Luxo e vaidade, Primo da California, Amor e Patria.	
Vol. 2º A torre em concurso, O cego Cobé, Abrahão.	
Vol. 3º Lusbella, Fantasma branco, Novo Othello.	
O 1º volume vende-se separadamente. br.	2\$000

*As seguintes peças tambem vendem-se separadamente*

A TORRE EM CONCURSO.	1\$500
LUSBELLA . . .	1\$500
FANTASMA BRANCO.	1\$500
NOVO OTHELLO	\$500

# A NAMORADEIRA

ROMANCE

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

II

**RIO DE JANEIRO**

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

DO INSTITUTO HISTÓRICO DO BRASIL

69 — RUA DO OUVIDOR — 69



# A NAMORADEIRA

---

## TERCEIRA PARTE

---

### I

Ha no homem duas naturezas temporaria e mysteriosamente unidas, profunda e absolutamente distinctas, espirito e materia, natureza animada, e natureza animal; e é no amor do homem e da mulher que mais e melhor se aprecia essa dualidade do ser humano; porque o amor é da alma, e não se póde confundir com aquelle instincto que é apenas impulsão dos sentidos, em que a natureza animal do rei da criação é essencialmente a mesma que a dos brutos.

O seductor, é em regra por paixão, por ufania ou por habito nefando, exclusivamente escravo do instincto brutal; o seductor não ama, aspira o gozo da mulher que voluptuosa ou agradável falla-lhe aos sentidos.

O amor é nobre porque exalta aos olhos puros da alma o objecto amado; o instincto animal é vil porque tende á rebaixar o objecto do gozo.

É por isso que o homem que ama abraza-se nas flammas da pureza da mulher amada: e o homem que tenta seduzir, procura abraçar a mulher, a quem deseja, nas lavas volcanicas da sua luxuria.

O seductor tem sua dualidade especial: porque ao mesmo tempo é de gelo e de fogo: de gelo para a serenidade no calculo; de fogo para atear o incendio. Quando se mostra acezo em mais ardentes chammas, eleva ou modera o calor á seu arbitrio, e estuda cuidadoso o thermometro dos sentimentos e da exaltação da victima para acertar com a hora mais opportuna ao extremo arrojado do criminoso empenho.

Gelo constante para o calculo, fogo a proposito e prompto sempre para o incendio eis os dous elementos principaes da força e do poder do seductor.



Desde que elle, porém, embora não ame, se apaixona sensual, mas ardentemente pela mulher que procurou e procura seduzir, e se apaixona á ponto de não manter independente fria, calma e soberana a faculdade que dirige o calculo, perde a sua maior vantagem, perde o gelo, que lhe dava serenidade, paciencia e subtileza, segurança de si proprio, e visão clara e facil das variações dos sentimentos da victima desejada, arde tambem em um fogo que ella atea voluntariamente ou não, e nem sabe mais se vae ser senhor, ou escravo.

Então o seductor fica no caso daquellas velhas das tabas dos selvagens do Brazil, tristes velhas que occupando-se em preparar os venenos destinados á hervar as flexas dos guerreiros, ás vezes morrião envenenadas antes de acabar o processo mortifero.

Era pouco mais ou menos essa situação em que se achava Ernesto.

Muito presumido da sua fama de seductor feliz e provector, Ernesto nem contou com a sagacidade e com o inverosimil descomedimento de ardiz de uma joven de vinte annos que era *namoradeira* tambem provectora, e ainda menos se lembrou, nem era natural que se lembrasse, das miserias fraquezas da sua idade.

Castigo providencial do passado, os namoradores uzeiros, os conquistadores de damas, quando entrão na velhice, de ordinario conservão ou por habito fatal ou por vangloria ridicula suas pretensões de galanteio ou de seducção, e na velhice pagão os peccados da mocidade, servindo de escarneo às jovens á quem cortejão, e de automatos escandalosos, e de martyres ludibriados, arteiramente explorados, visivelmente illudidos pelas especuladoras que abuzão sem piedade do anachronismo amoroso.

E não ha velho namorador ou lascivo que se convença da sua estúpida desgraça, antes pintando de preto os cabellos brancos, perfumando-se, e untando-se de cheirosas pomadas, espartilhando-se, e atormentando a pobre, decadente, e cansada natureza, como que andão á provocar zombaria, ridiculo, e até opprobrio, com tanto que os deixem na estolida illusão da sua eterna primavera.

Ao mancebo inexperiente o mundo engana dez vezes; ao velho ainda mettido á namorador, ou seductor a serie dos enganos é tão illimitada, como a sua tristissima e lamentavel mania. Cem vezes que o enganem, o pobre velho ainda assim não se desengana. Se isso não é molestia, é mizeria da humanidade.

Com toda sua elegancia e matiz da sociedade de apurado tratamento Ernesto contava já em todo caso dez annos alem de meio seculo, e forçosamente havia de experimentar as funestas consequencias de paixão tam serodia na sua idade, por uma joven bella e allucinadora nos annos mais travessos da vida da mulher.

Rosina tinha em poucos dias desvairado o seo prentencioso seductor; este, porém, illudido pelas fingidas explosões de amor e pelos alvoroços do pejo da manhosa *namoradaira*, mais que nunca se presumia adiantado em seos planos de seducção, e meditava sobre os meios mais seguros de vencer a defeza que já se lhe afigurava heroica.

Na tarde em que deixára a exaltada e *afflicta* donzella, tocando em desespero o *Gran Dio! morir si giovane* da *Traviata*, Ernesto não se retirou abatido, antes vio naquella consternação da alma justamente apprehensiva de infortunio, o annuncio lisongeiro de seo proximo triumpho.

O seductor ainda acreditou que podia reflectir placido e calmo, e reflectio como lhe foi possivel.

Havia na resistencia de Rosina dous pontos de evidente fraqueza no seo conceito: erão — a paixão do luxo e o amor que elle conseguira inspirar-lhe; ella porém se premunira prudente

contra a primeira, declarando-lhe que não receberia mais os seus ricos presentes, e contra o segundo, dezejando um noivo que lhe escudasse o credito, e sem duvida a defendesse zeloso.

O que pois convinha ao seductor era lisqujear e explorar a paixão do luxo, obrigando Rosina á aceitar joias e enfeites de subido valor. mas de modo que não offendesse seus escrupulos. Este recurso era indispensavel; porque senhora que recebe dadas do homem que a ama, é senhora que mais ou menos cedo se rende.

Na questão de noivo e casamento era de rezejar que Rosina achasse entre os seus namorados algum que se apressasse á despoza-la, tornando assim muito mais difficil o empenho da seducção; se porém ella se prestasse á admittir um noivo da escolha de Ernesto. um desses miseraveis que vendem nome e brio pelo dote da mulher suspeita. esse contracto escandaloso seria palma infallivel da victoria almejada.

Longe estava do seductor a idéa de entregar a linda moça á posse de outro: elle a queria exclusivamente para si. reputando inextinguivel seu ardor apaixonado: realizada porém a seducção, era simples a despedida do noivo post. á mão, ou enfim. dada a hypothese de arreeci-

mento das flammias lascivas, ainda o noivo condescendente seria extrema compensação para a victima, e tambem indulgencia para o peccado do sacrificador.

Por mais repugnantes e immorales que pareção e seião semelhantes reflexões premeditadoras de um attentado que a sociedade deveria punir com reprovação severissima e implacavel, houve ainda outra mil vezes mais abominavel, porque foi um ultrage á lei sagrada da natureza.

Ernesto pensou e decidio que o homem que o devia auxiliar nas lisonjas á paixão do luxo, e na escolha do noivo de Rosina, era Ursini, o proprio pae de Rosina !...

Ernesto contava cm a complacencia do pae desnaturado; porque lhe estava patente desde muito a vergonhosa condescendencia com que elle tolerava, e, por assim dizer, animava o seo diario e revoltante galanteio, que não podia ter por fim senão a seducção de Rosina. Elle sabia já por experiencia propria que Ursini, dominado por vil interesse, pelos terriveis impetos do jogo, e pelo culto do ouro, escravo do dinbeiro, era instrumento cego da vontade e do arbitrio de quem llo dava.

A indignidade e perversão de Ursini não po-

dião ser contestadas ; mas o homem que desce ao paul, conspurca-se, e Ernesto, descendo á Ursini, igualava-se com elle.

Mas o seductor não o seria, se consultasse a moral e as noções do dever. Ernesto não vacillou, e logo no dia seguinte foi procurar Ursini.

---



## II

Era meio dia quando Ernesto entrou na officina de Ursini.

— Compadre! exclamou o italiano ao vê-lo chegar, fingindo-se profundamente agradecido ao aperto de mão com que o honrara o riquissimo capitalista; senhor compadre!... aqui, nesta espelunca?... porque não sobe?...

— Não... hei de voltar á tarde... agora desejo fallar-lhe em particular.

— A mim?... em toda a parte ás ordens: o senhor compadre manda igualmente aqui em baixo e lá em cima: respondeo Ursini.

Ernesto hesitava á pezar seo; não duvidava do condescendente italiano; mas sentia natural vexame de encetar as proposições ignobeis que trazia no pensamento.

Depois de breve silencio disse:

— Continue á trabalhar, como se eu não esti-

vesse aqui, e ouça-me : dispenso os seus olhos e preciso dos seus ouvidos.

— Ah ! murmurou Ursini, sorrindo.

E, abaixando a cabeça, o italiano continuou á occupar-se do concerto de um piano que tinha em mãos.

Ernesto, livre dos olhos vivos e petulantes de Ursini, começou logo á fallar em voz de confidencia.

— Compadre, você sem o querer me perturbou o socego do espirito : abrindo-me a porta de sua casa, pôz-me em face, e expôz-me aos encantos da moça mais formosa que em toda minha vida tenho visto. Sua filha é um prodigio de belleza : e eu, sendo homem de bem e de consciencia, não deixo por isso de ter coração. Francamente, isto quer dizer que amo á quem não devo amar.

— Diabo ! disse Ursini, sorrindo-se outra vez ; senhor compadre, eu não esperava por esta !

— E menos eu na minha idade : felizmente Deos me fez rico e generoso : quando amo alguem, não tenho mãos á medir ! compadre. pois que sou casado, não posso casar-me com sua filha...

— Eis ahi o que é claro...

— Como porém amo D. Rosina, desejo e quero torna-la bem feliz ; entende, compadre?... bem feliz. Precisamos casa-la quanto antes...

— Ah, compadre! esse é o meu maior empenho e sem duvida tambem o della ; mas as moças pobres só por milagre achão marido; eu trabalho dia e noute, e ainda não pude economisar bastante para assegurar um dote-sinho á Rosina.

— Isso é o menos ; dice Ernesto.

— O menos?... eu pensava que era o mais.

— O mais ou o essencial é que achemos noivo conveniente para fazer a felicidade de sua filha.

Ursini coçou a cabeça e perguntou:

— Não julga que isso deve ficar por conta da mulher que tem de casar?...

— Não ; a escolha poderia ser desacertada.

— Então, quem ha de escolher?...

— O compadre: como pae assiste-lhe esse direito e esse dever.

— E se a noiva não gostar do escolhido?...

— Eis ahi o que corre por conta e risco do compadre; porque eu estou prompto á dotar D. Rosina, e á dota-la mesmo grandemente, uma vez que ella se case conforme á vontade de seu pae.

— Oh, senhor compadre!... como hei de agradecer tam alto favor?...

— E não será somente esse ; porque é evi-

dente que o senhor e sua familia estão debaixo de minha proteção, e que o cuidado do futuro do meo afilhado pertencerá exclusivamente ao padrinho.

— E ainda mais!... abençoado Ernestinho que me afortunou a familia toda!

— Sou franco e preciso se-lo: não foi Ernestinho, foi D. Rosina que me captivou.

— Ah!... sim... mas... ella é bonita, convenho; o compadre porem...

— Adoro-a; mas sei respeitar sua innocencia: soffro muito, compadre: porque amo sua filha, não posso casar com ella, e nunca a ultrajaria com a idea de seducção: já me lembrou muitas vezes fugir para sempre de sua casa, e todavia volto á ella todos os dias defendido pela pureza de minhas intenções.

— Eu tenho plena confiança na probidade do compadre; o caso porém é grave...

— E o mundo maligno e perverso está ahi para calumniar-me, e suspeitar da mais honesta das donzellas!...

— Na verdade é o ponto mais delicado da questão...

— Achei o meio de conciliar tudo: um noivo para sua filha imporá silencio á maledicção

possivel: eu dotarei D. Rosina sem que se saiba que o fiz, e a minha protecção estendida á toda sua familia explicará o innocente interesse que tambem tomarei pela formosa moça, sua filha.

— Mas o compadre, desse modo, sacrifica ao mesmo tempo o coração e a bolsa.

— Justo castigo de uma louca paixão de velho: eu não quero compensações, nem podia quere-las sem crime, ou antes a minha compensação unica será o meu martirio: peço-lhe que me deixe adorar sua filha, como se adora uma santa em altar, em que não se tóca: solteira ou cazada quero ter o direito de ve-la e de admira-la, de ouvi-la fallar, tocar piano, cantar: é por isso que exijo que o compadre faça a escolha o noivo de D. Rosina, calculando com um dote, cujas proporções serão marcadas pelo meo reconhecimento.

A infamia da proposição mal se disfarçava em despreziveis reservas lançadas adrede para poupar opprobrio escandaloso e confesso ao miseravel pae, que já ouvira demais para em furor desculpavel esbofetear o velho insolente.

Entretanto Ursini, que alias sem olhar para Ernesto coçara muitas vezes a cabeça, não se

mostrou offendido, e respondeo ao compadre com inacreditavel placidez.

— Desde que ha dote para a noiva, encontra-se com certeza noivo conveniente, e desde que o dotador é homem de bem e de consciencia o pae da dotada não tem que escrupulisar. O compadre é perfeito cavalleiro e incapaz de abuzar da confiança da familia que o recebe em seo seio: eu tenho os olhos fechados; porque sei que não preciso abri-los: estou certo de que minha filha não terá necessidade de repellir pretensão alguma affrontosa...

— Á quem o diz?...

— A quem entra em minha casa e sahe della como amigo leal e protector honestissimo: a franqueza com que o compadre acaba de explicar-se ainda mais o elevou na minha estima. O seo amor por minha filha não é crime, a culpa está sómente na lindeza da rapariga: crime haveria na tentativa de seducção; mas o dote para Rosina, e o conselho para o seo casamento abonão de um modo admiravel a virtude do compadre. Ha poucos homens como o senhor!...

— Portanto...

— Pode contar comigo. Ha de-se arranjar um noivo digno de Rosina e do seo nobre e honrado protector.



Mas Ursini que continuára á interromper o trabalho do concerto do piano, coçando frequentemente a cabeça, perguntou logo depois :

— E Rosina, compadre ?...

— Que tem ella ?...

— Como anda na historia ?... franqueza até o fim : como pensa a menina ?... é claro que preciso sabe-lo, e que a filha não dirá tudo ao pae.

— D. Rosina sabe certamente que eu a adoro... é um anjo de innocencia... deseja casar-se... e...

— E... acabe, senhor compadre !...

— Sua filha deve ser bem aconselhada...

— Sobre que ?...

— Ella não confia ainda quanto deve e se faz necessario no amigo, que tomou á peito felicitar sua familia, e dar mais do que abastança, riqueza relativa á seos paes pelo grande e innocente amor que sente por ella. D. Rosina é caprichosa e desconfiada... ao compadre convem dar-lhe bons conselhos... isso convem-lhe muito, compadre ! convem-lhe ; eu lh'o asseguro. É positivo que na situação difficil em que nos achamos, e tratando-se de casamento e de dote que póde ser magnifico, e de protecção que será li-songeiro futuro para toda sua familia, ella e eu

devemos entender-nos como bons amigos, e ella de sua parte entregar-se plenament e sem injuriosas suspeitas á dedicação honestissima e desinteressada do homem que, em honra de sua belleza e virtude, está resolvido á dar-lhe posição brilhante e vida afortunada e invejavel na sociedade.

— E a ingrata desconfia?... perguntou de novo Ursini. não coçando mais a cabeça, erguendo-a porém e encarando de face Ernesto.

— D. Rosina manifesta escrupulos que a glorificação, mas que realmente me contrarião. Dou-lhe um exemplo: ha de crer que protestou hontem, que não aceitaria mais presente ou mimo algum, que eu ainda teimasse em offerecer-lhe ?...

— Ella é assim; porque ficou tola com a educação austera que lhe dei.

— Mas onde está a malicia ou o veneno dos insignificantes adornos que raras vezes trago como tributos á sua formosura?... isto é uma crueldade inexcusavel!... compadre, a sua amizade deve ajudar-me á vencer semelhante capricho de menina exagerada em melindres de pejo...

— Puerilidades... puerilidades... o compa-

dre descanse em mim, que chamarei á razão a doudinha. Estou vendo que descortez e rudemente Rosina excedeo-se, regeitando algum mimoso obsequio do senhor compadre...

— Não o fez, não ; teino porém que o faça, e vejo-me embaraçado, porque realmente não me está bem expor-me á uma repulsa dolorosa. Entretanto eu tinha destinado para o formoso collo de D. Rosina este adereço de perolas que me pareceo bonito.

E Ernesto tirou do bolso e abriu diante de Ursini uma delicada caixinha forrada de setim, dentro da qual estava o precioso collar.

— Que joia estupenda !... disse o italiano devorando com avidas vistas o adereço.

— Compadre, tornou Ernesto, pondo a caixinha sobre o piano ; dê esse collar, como lembrança sua á dona Rosina : é o meio de obriga-la á aceitar... que diz ?...

Ursini reflectio por alguns momentos e logo depois expandio-se, como á uma idéa luminosa e disse :

— Isto vem mesmo á talho de fouce !... olhe compadre ; exactamente d'aqui á breve praso Rosina completa desoito annos.

— Ah !

— Ora eu tinha promettido á minha filha dar-lhe no dia da sua festa um presente de subido valor, e ainda bem que resisti á sua curiosidade, e não a preveni do que seria.

— Mas eu não convenho em priva-la do presente que seo pae lhe destinava.

— Coitadinha!.. já está privada : isto é uma pequena historia dos inconvenientes da pobreza. Desde dez annos ponho sempre de lado alguns vintens com a esperança de comprar uma pequena casa que fosse propriedade e dote de minha filha : consegui capitalisar dous contos de reis e ultimamente puz os olhos em um modesto *chalet* com seo competente jardim, em um dos suburbios da cidade : como sube que estava para vender-se, fui vê-lo, e calculei que o seo preço não excederia á oito contos, e contei que o compraria, deixando-o em hypotheca por seis contos ao vendedor. Era este o famoso presente com que eu devia pôr douda de alegria á minha Rosina ; mas quer saber, compadre ?... o proprietari exigio-me pelo *chalet* doze contos de reis á vista !!!

Ernesto sorrio-se, fingindo acreditar na *historia dos inconvenientes da pobreza*.

Ursini continuou, dizendo :

— Eu não sabia como haver-me com a menina

no dia de seos annos : agora porém tenho o collar de perolas para cumprir minha palavra, e vou pô-lo de reserva.

— Não, compadre, respondeo Ernesto : não imporemos á esse adereço o sacrificio de esperar tanto tempo pela gloria de adornar o collo de dona Rosina: desejo que ella o receba hoje mesmo...

— Isso é facil ; mas eu no dia dos annos ?...

— Tranquillise-se : já lhe declarei que pretendo ser zeloso e dedicado protector de sua familia. Pode estar seguro de que corresponderei amplamente á confiança que lhe mereço ; mas quero tambem que me preste o seu indispensavel concurso para que sua filha se case bem e quanto antes: Ah ! o senhor me ha de dizer, quando eu julgar opportuno sabe-lo, onde fica esse *chalet* : é provavel que deseje vê-lo, e desde que elle agradar á D. Rosina...

— Como, senhor compadre?...

— Não tratemos disso agora. Creio que ficamos de accordo sobre o que lhe propuz.

— Eu tambem penso que sim.

— O compadre se incumbe de procurar e dispor o noivo...

— Sem duvida; e com a garantia do dote não terei muito trabalho... mas o dote?...

— É evidente que ha de ser digno do protector. A quantia será determinada depois.

— E Rosina póde ter conhecimento deste empenho do compadre?

— Certamente; pois que o meo empenho é decoroso, nobre, e sem reservas de intenções occultas e maliciosas; e porque, conhecendo-o, sua filha se convencerá de que deve fazer mais justiça ao meo character e ser menos desconfiada e mais suave em seo trato comigo.

— Hei de dizer-lhe tudo isso e mais ainda. Eu sou homem muito simples, de perfeita lisura, e julgo os outros por mim. O compadre vê que todo este negocio tem seos pontos melindrosos, e um pouco sombrios e escarpados...

— Que quer indicar?...

— Quero dizer que ainda assim aceito em tudo e por tudo a fiança do padrinho de meo filho.

— Sim; e eu em todo e qualquer caso respondo pela felicidade de D. Rosina e pelo futuro de sua familia.

O seductor, ouvindo a aparentemente solemne appellação para sua probidade, lembrou-se de que era capitalista e negociante de optima firma, e respondeo de modo subterfugente e sem comprometter-se; mas Ursini não mostrou compre-

hender o que havia de capcioso e vago na declaração, e accrescentou com expressão de segurança :

— Pois bem ; fico cego, como se de nascença fosse ; fico sem reflexão, nem cuidados, como se estivesse idiota : a visão dos meos olhos, e a do meo espirito estão na honra do meo compadre. Que deseja mais?... o senhor compadre quer ser o protector da minha familia ; seja-o na graça de Deos, e portanto dê ordens na casa e responda por ella.

Ursini fallára com ardor, mas, fallando, coçara com força a cabeça ; e Ernesto, que por certo preferira não receber tam ampla dictadura firmada na garantia da sua honra, não poude protestar, nem dizer que não aceitava o que evidentemente viera pedir.

Em ultimo resultado, Ursini salvára as apparencias da mais escandalosa e infame negociação e Ernesto, entendendo-o assim, retirou-se da officina com a convicção de que acabava de comprar posse e dominio da bella filha de um pae miseravel, sacrilego, torpe e malvado.

Mas, todos os sophismas á parte, o corruptor não fraternisa sempre com o corrompido?... O facto da corrupção nivela ambos e os deixa para sempre com igual baixeza e nodoa.





## III

O empenho que Ernesto manifestára de casar com urgencia Rosina, e o offerecimento de um dote de elevadas proporções para a noiva, tinham feito com que Ursini, durante a conferencia indecente com Ernesto, coçasse a cabeça repetidas vezes.

O italiano teve sinistras apprehensões, e receiou que a filha houvesse fraqueado e cahido na rede da seducção.

Ursini queria negociar e ganhar com o ignominioso galanteio da filha; mas positivamente não concebera nunca a idéa de sacrificá-la á paixão opprobriosa de Ernesto.

Em seo coração, estragado pelos vicios, havia desprezo do decoro, desde que o indecoro offeria vantagens materiaes; mas o que Ursini chamava honra da filha era por calculo, e, di-lo-mos, por orgulho de pae, o signal extremo de

que o grito sagrado da natureza ainda nelle achava écho.

Esta contradicção de sentimentos só se poderia explicar pelo juizo que Ursini fazia da sociedade, conforme a sociedade em que vivera, e a desmoralisação em que passára os seus primeiros annos, e o desejo ardente que nutria de dar á sua filha, joven encantadora, posição deslumbrante no mundo.

Ursini queria ouro, riqueza para Rosina, ainda á custo de malevolas suspeitas: mas, sobre essa baze de ouro, queria Rosina forte e ufana de sua pureza physica para merecer o respeito e todo amor de um esposo que não tivesse o direito de abate-la e de confundil-a com a consciencia do seu aviltamento.

Ursini amava de seu modo á filha, e por isso apenas Ernesto sahio da officina, lançou-se elle para o sobradinho, coçando a cabeça ainda com mais força.

Rosina não estava na sala; mas acudio immediatamente á vós do pae que a chamou e que turbou-se muito mais, reparando que a filha, de ordinario alegre e travessa, se mostrava triste e com os olhos magoados por lagrimas inegavelmente choradas.

— Tu choraste, Rosina?... perguntou o italiano preocupado das prevenções que trazia.

— Chorei; respondeo a donzella sem hesitar.

— E porque choraste?...

— Porque errei.

— Diabo!... exclamou Ursini. bateudo com o pé; diabo! diabo!...

— Meo pae, que é isso?... porque me trata assim?...

— Oh!... quando confessas que cahiste em erro, desgraçada?!!!

— Que erro imagina?... vossa mercê me insulta com algum máo pensamento... oh!... tambem meo pae!...

Ursini fitou os olhos no rosto da filha que, impavida, se deixou olhar sem o mais leve indício de confusão.

Ursini sentou-se no sofá e fez Rosina sentar-se na cadeira mais proxima e, dando as costas para o corredor, de modo que o seo semblante ficasse exposta á luz que entrava pelas janellas, assim e sempre á olhar a filha, elle perscrutava-lhe a alma nos movimentos e nas expreções da phisionomia.

— Rosina, disse o italiano, moderando o tom com que lhe fallara, teo pae é o teo primeiro

amigo; não ha nem pode haver motivo que te aconselhe encobrir-me segredos. É absolutamente necessario que eu saiba em que ponto se achão as tuas relações com o velho malvado que te faz a corte.

A filha corou um pouco e respondeo com tristeza :

— Então no ponto em que meo pae desejou: obedeci de mais; foi esse o meo erro.

— Mas como entendes obedecer de mais?... não vês que te explicas mal?... que foi que eu desejei !...

— Ah! vossa mercê bem sabe que eu ouvi daquella porta a conversação que teve uma tarde com minha mãe : antes não a tivesse ouvido !..,

A filha vingava-se um pouco dos pezares que sentia, imcrepando o pae; este porém pelas apprehensões que trazia, atormentava-se com as phrases dubias que ouvia á Rosina.

— Quero saber tudo... tudo disse elle agitado; refere-me quanto se tem passado... nada me occultes!

— Mas á que vem isto?... para que fazer-me corar ?...

— Ah!... exclamou Ursini, olhando com furor para a filha.

Rozina leo então nos olhos do pae a mais negra suspeita, e por sua vez irritada, dice com amargor:

— Meo pae não pode reprehender-me; e se chegou á desconfiar de mim, é porque está pensando que me impellio mais do que era licito.

— Ingrata! tornou Ursini, adoçando a voz.

— Tranquillise-se; continuou a filha ainda resentida: eu sei defender-me por mim.

— Mas... conta-me tudo... conta-me, e não te encolerizes com teo pae...

Rosina fitou os olhos no collo, e tremula pelo vexame e pela dor da suspeita, repetio circumstanciadamente, e sem omitir episodio algum, toda a historia do galanteio do velho seductor e da sua artilosa afronteza na simulação de violento amor. Nessa ampla franqueza levára ella dous pensamentos: o de manifestar-se isenta de culpa irreparavel que talvez lhe imputavão, e o de confundir tambem seo pae com o quadro das suas lições em pratica.

Todavia Ursini ouviu a triste confissão sem o mais leve signal de desperto do pudor, e emfim, perfeitamente convencido de que se sobresaltára despropositadamente, apertou as mãos da filha, e disse-lhe:

— Creio na doce verdade que acaba de sahir como suave perfume da rosa da tua boca.

E beijou-lhe uma das mãos.

— Mas eu tenho errado! observou Rosina, levantando os olhos.

— Não, menina; tens pelo contrario procedido admiravelmente: é assim que se prepara a melhor das vinganças, que é a vingança mais dolorosa para o offensor. e mais util para a offendida. Olha: para ti o peor do caso está nos beijos do velho que te hão de ter causado tedio; mas, lavadas as mãos e as espaldas com um pouco de agoa da colonia, não fica vestigio.

Á pezar dos profundos vicios de sua educação, Rosina sentio repugnancia, ouvindo esse ignobil gracejo do pae, talvez porque nesse dia algum generoso sentimento lhe estava accusando na consciencia seos desatinos de *namoradeira*.

Ursini, sem dar attenção ao desagrado da filha, continuou immediatamente. dizendo-lhe:

— Confidencia por confidencia: franqueza por franqueza.

E refferio palavra por palavra as proposições que Ernesto pouco antes lhe fizera na officina, e embora surprezo ao ver que a filha parecia

indifferente ás importantes e animadoras revelações que recebia, Ursini proseguio sem parar, accrescentando :

— De quanto me diceste, e acabas de ouvir-me, é positivo que o meo rico e velho compadre está amarrado á teos pés : pódés bem pizar na cabeça desse homem que é um animal sem espirito nem consciencia, e sómente escravo de sensual e affrontosa intenção. Faremos delle tudo e o que melhor nos parecer ; ha porém uma circumstancia, que eu não posso combinar com os seus projectos de seducção, com o dote que te offerece, e com a sua credulidade no teo amor ; é o seo empenho em dar-te quanto antes noivo e marido.

Rosina não respondeo.

Ursini insistio na questão :

— Como é que, tão allucinado como o tens posto, e possesso do mais formoso e travesso demoninho, póde elle querer dotar-te e casar-te para que pertenças indisputavelmente á um marido...

O pae exaggerava demais o abuzo do decoro e do pudor que devia ainda presumir na filha, que era em todo caso uma donzella, e tinha juz, como tal, á respeitosas delicadezas.

Rosina se conteve, e se mostrou senhora, guardando ainda silencio.

— É indispensavel que nos esclareçamos mutuamente : a causa da filha é a causa do pae : que pensas tu de semelhante originalidade?... eu não creio que o velho já esteja completamente doudo : fallaste-me de um contracto inverosimil, insensato, burlesco : que dizes?...

A donzella hesitava.

O pae immoral e desnaturado renovou teimoso e sem brio a impudica pergunta.

Urgida assim, a mizera filha corou fortemente, e escondendo os olhos, respondeo

— Eu não sei... talvez... seja ainda um meio... de... seducção...

— Um meio?... e como?... falla ; não és nenhuma creança... explica-te.

— Pode ser... seria verosimil... que elle acreditasse na possibilidade... de... vencer-me antes... por condição...

— Ah!... ou... depois...

Mas o pae sacrilego interrompeo a explicação, vendo a filha debulhar-se em lagrimas.

Ursini deo tempo á que Rosina socegrasse e depois lhe disse :

— Não vejo razão para chorar : estamos em



bom caminho, e cedo chegaremos ao fim, á que me propuz. Tu desenvolves rara habilidade, e por pouco que continues assim, teremos em breve dote e noivo seguros e um velho arrogante e estúpido á lamentar-se submergido na enchente opportuna do teu e do nosso despreso...

— Mas eu não posso, meo pae, não quero levar adiante esta comedia, esta escandalosa zombaria, que me compromette e me desdoura...

— Como é isso?... agora quasi á ter dote e noivo na mão?...

— Ah, meo pae! eu lhe disse que tinha chorado!

É verdade; disseste-me; mas porque choraste?...

— Porque já sei que tenho dado aos homens honestos o direito de me despresar.

Ursini que já estava de todo livre da conjectura sinistra que lhe perturbara a animo, poz-se a rir da observação aliás judiciosa da filha, e respondeo-lhe:

— Has de ver o que são todos esses senhores honestos, quando fores rica.

— Eu infelizmente já vi um, a quem a minha pobreza não tinha espantado...

— É mais que provavel teres visto cem que

não se tenham espantado: és muito bonita para que te não perdoem a pobreza.

— Sim ; mas esse de quem fallo, não me perdoou o suspeito desdouro.

— Ah! e quem é esse?... sabes que estou á cata de um noivo : talvez nos convenha.

— É um mancebo que amava-me, e queria-me por esposa...

— E então ?...

— Retirou hoje a palavra que me dera, e ainda nobre escondeo o seo despreso na grandeza da sua generosidade.

— Isso é episodio de romance, menina !

— Para não humilhar-me com o verdadeiro motivo da sua despedida, não fez a menor allusão ao grave erro de que tantos me estão accusando, e calumniou-se, inventando uma culpa, um delicto que o desapreciaria se não fosse imaginario.

— E quem é esse heroe ?...

— Chama-se Angelo... é o sobrinho de minha madrinha.

— O filho do mestre André ?...

— Sim, meo pae.

— Oh lá !... mas é um original sem segundo nesta cidade. Que diabo!... Joanna fallou-me

disso, e eu não acreditei!... o pateta amava-te, queria casar contigo, e nunca se lembrou de vir á nossa casa!...

— Veio esta manhã... e não voltará mais á ella.

Ursini coçou a cabeça.

— Queres saber?... disse elle á filha; penso que fizemos um achado feliz. Angelo serve-nos ás mil maravilhas.

— Oh! é muito tarde agora! murmurou Rosina abatidamente.

— Escuta, menina. Não sei bem dar a razão; mas é certo que, em regra, todo o artista de genio tem sua falha no juizo, e Angelo então é, como disse á pouco, um original que faz pena. Qualquer homem de mediocre subtileza, com tanto que possa penetrar na furna onde se esconde esse solitario, dominará facilmente sobre elle. Ora eu conheci-lhe o pae, conheço-o e te respondo pelo noivo.

O orgulho de Rosina despertou estimulado.

— Isso não, meo pae!... exclamou ella; não convenho em que vá arrastar-me aos pés do homem que me regeitou.

— Eu sei fazer as couzas, menina; tornou-lhe Ursini; asseguro-te que será Angelo quem

pedirá de mãos postas o favor de ser teu marido.

Rosina fez um movimento indicador de incredulidade.

Ursini continuou, dizendo :

— Angelo é um pintor de consciencia e de inspiração, tem diante de si futuro brilhante de gloria; mas no Brasil ainda os mais afamados artistas não podem esperar enriquecer pela arte. Creio que o teu casamento com elle não seria muito afortunado em outras circumstancias; no caso porém em que nos achamos, Angelo te ha de trazer os reflexos de sua celebridade e tu lhe levarás dote sufficiente para viveres boa vida...

— Meo pae ! . .

Ursini não comprehendeo, ou fingio não comprehender a exclamação da filha.

— Tu verás. disse ; verás em poucas semanas á quanto te eleva o dote ; por ora começa por um lindo *chalet* no valor de doze contos de réis, além das joias que já tens, e que valem ouro ; isto é só para principiar...

Rosina revoltou-se.

— Mas eu por minha vez despresaria Angelo, se elle se submetesse...

O corrompido italiano não a deixou acabar.

— Se submetesse á que, tola?... pois tu o desprezarias por elle convir no que estás sabiamente fazendo?... serias tão douda que o condemnasses pelo facto de ajudar-te á tomar a mais justa vingança do ultrage imperdoavel com que te ferio esse homem velho e casado que tentou e tenta seduzir-te?...

Rosina sentio a força do sophisma de seo pae : com effeito, não poderia mais condemnar a hypothetica submissão de Angelo, sem condemnar confessamente a sua propria submissão real e effectiva ao plano da supposta vingança de Ursini ; por isso ella respondeo, honrando os nobres sentimentos daquelle que se considerára seo noivo.

— Angelo nunca se aviltaria, como eu me tenho aviltado.

Ursini aborrecido já do que lhe parecia intempestiva sensibilidade romanesca da filha, mudou de estrategia, e disse.

— Veremos se me engano, e se pela primeira vez bato em falso ; imaginemos porém o peor : Angelo te regeita e te despreza absolutamente : e d'ahi?... acaba-se por isso o mundo?... em primeiro lugar á esse desprezo injurioso responde-

se altivamente com o esplendor da felicidade ; em segundo, não é o Sr. Angelo tão distincto e preclaro mancebo, que não aches outro igual ou melhor.

Rosina não respondeo. Ursini proseguiu, falando, como quem era.

— Menina, isso de amor é fogo que se apaga mais cedo do que se imagina : o casamento é um estado, e não póde ser eden de amor senão durante a lua de mel para os mais felizes : o que realmente adita uma senhora é o casamento, como posição definida, e com fortuna bastante para os amplos gozos das festas e dos prazeres da vida, ou pelo menos com a abastança que exclue as privações.

Rosina parecia absorta, e no seo silencio não indicou nem approvação. nem duvida, nem negação.

Ursini disse ainda :

— Formosa, como és, basta que tenhas dote mediocre para que aches excellente casamento, e, liberta dos rudes trabalhos da casa do pobre, poderás empregar o tempo em enfeitar-te com a tua natural e caprichosa faceirice, e te verás sempre cercada, applaudida e insensada por mil adoradores.

Rosina começou á escutar o pae desmoralizado e propinador da peçonha da corrupção.

— Jamais te aconselharia á que solteira ou casada te degradasses com a nodoa que só o perdão de Deos póde lavar além da morte ; mas sentir-se, reconhecer-se, ufanar-se objecto de predilecção do culto arrebatado dos cavalleiros mais elegantes, da inveja das senhoras mais pretenciosas é a mais excuzavel ambição, e a maior felicidade que uma joven formosa póde encontrar na terra.

— Ah! e casada com um homem que se estima pelas suas virtudes?... perguntou Rosina á esmolar uma suave lição de amor puro, e de angelica e doce caridade.

O pae negou a esmola, envenenando ainda mais a filha.

— Se o marido virtuoso e estimado é pobre, e é tambem pobre a joven que com elle se casa, casão-se duas pobrezas, callejão-se as mãos, e afeia-se tismado o rosto da mulher, que apenas véste andrajos, e não depára quem a olhe e menos quem a admire. Ora, quando a joven assim casada é bella, como tu és, Rosina, na verdade o painel dessa vida desconsola.

— Tem razão, meo pae ; murmurou a donzella vaidosa.

— Ah ! estás tocando á realidade material e unica deste nosso mundo?... pois é por ti sómente que apuro a vingança contra o meo insensato e perverso compadre ; queres ver o fruto da minha conferencia revoltante de hoje com esse velho tão rico e poderoso como imprudente e idiota?... repara neste collar de perolas !

E Ursini tirou do bolso e abriu a caixinha forrada de setim, expondo aos olhos da filha o bello adereço.

Rosina olhou mais do que devia para a preciosa joia.

Ursini foi deixar a caixinha sobre o piano, e voltando á sentar-se, disse.

— Aquillo é nada, o *chalet* bem pouco ainda, o mais que ha de vir... ah ! fica sabendo que vás completar desoito annos em breve praso que ainda não marquei definitivamente.

— Eu ?...

— Não me has de desmentir : é preciso que faças annos quanto antes... o dia da tua festa deve ser fecundo.

— Ah ! meo pae ! e que dirão de mim ?...

— Muito mal um ou dous mezes e muito bem longos annos depois : serás tão applaudida pelo teu habilissimo ardil, como o velho pateta dicultisado por todos.



— Mas emfim... casada... com quem?... oh!... isto é um sonho afflictivo!... esse velho fatal não convirá jamais em dotar-me e ver-me casada sem...

E, abaixando os olhos, Rosina ousou completar o seu pensamento :

— Sem ufanar-se do meo opproprio, o que não conseguirá.

— Por certo ; nós porém conseguiremos tudo.

— Impossivel!

— Em?...

E, sorrindo sem pejo, e não se abysmando pela terra, esse pae que fallava á sua filha, esse miseravel proseguio, dizendo :

— Continua á incendia-lo sem incendiar-te.

— Um dia chegaremos ao extremo do insulto na exigencia, e da desaffronta na força da repulsão.

— Isso fica para o fim ; antes porém do fim tudo se adia, nada se promette, deixa-se esperar, e a esperanza vae dando de si...

Rosima tremia.

-- O segredo, bem o sabes, está em que o futuro nunca chegue á ser presente, mantendo-se constantemente o millionario e presumpçoso seductor sempre nos ardores da vespera, e nunca lhe consentindo o amanhecer do dia.

— Ah, meo pae!...

— A questão é de semear e colher: semea-se com a astucia, colhe-se, encarecendo-se esperanças... ora... tu bem sabes...

Rosina sentio-se devorada pelo fogo da vergonha.

O pae infame atreveo-se á accrescentar:

— Estás vendo que não prescindo da tua pureza que é o meo santo orgulho.

Que é que o sacrilego chamava pureza?...

Ursini levantou-se e disse:

— Conto com o teo juiso, menina; estamos agora inteiramente absorvidos nos cuidados da vida real, que te dará todos os recursos para a vida poetica depois. Não percas as vantagens que já tens conseguido. Eu por mim tenho mais facil tarefa: vou amarrar de pés e mãos o teo noivo original: hoje não; pois convem dar-lhe um dia e uma noute para a febre do ciume; hei de ir apanha-lo amanhã nas horas de prostração.

— Meo pae! não eu... não quero que lhe fale... não o deve fazer...

— Que pensas tu?... eu nada sei do amor de Angelo, nem do que se passou entre vocês dous: sou capaz de jurar-te que é elle que vae confiar-me os seus segredos.

E ajuntando immodesto gracejo á essa expli-  
cação talvez falsaria, disse á rir :

— Angelo é meo e quero vender-t'o : quanto me dás por elle?... eu sou negociante de preço fixo : vendo-te Angelo pelo maior dote que souberes ir arrancando ao meu estupendissimo compadre.

E, rindo-se ainda, Ursini deixou a filha, e desceo para a officina.

Rosina ficando sob a impressão desse gracejo que indicava a segurança com que seo pae contava assenhorear-se do animo de Angelo e dirigi-lo á seo arbitrio, entregou-se por breves momentos á esperanza da reconquista do noivo que lhe fugira ; mas logo depois, voltando á seos impulsos de vaidade, hesitando embora um instante, mas immediatamente vencida pelo gosto da fa-  
ceirice e do luxo, avançou para o piano, estendeo o braço, tomou a caixinha forrada de setim, abriu-a, e contemplou risonha o collar de finis-  
simas perolas.

Um fraco, mas doloroso gemido fez estremecer a embevecida Rosina que, voltando os olhos, vio Joanna, a pobre mãe, em pé, com a face encostada ao portal do corredor, com os braços cahidos inertemente, e olhando para a filha com dous

fios de lagrimas, que alvejavão sublimes, cahindo aos lados de seu rosto moreno.

Erão ali duas joias de perolas e ambas para Rosina.

Nas mãos da filha de Ursini o adereço de perolas, presente da seducção.

Aos olhos da filha de Joanna as perolas das lagrimas choradas por sagrado amor de mãe.

Rosina largou sobre o piano com movimento nervoso a pequena caixa que guardava o adereço.

---

## IV

Rosina tinha recebido a formal despedida de Angelo com impeto de colera e explicavel desabrimento; mas logo depois, fugindo envergonhada da presença de sua mae, fora, recolhida á seo quarto, exprimentar prompta e fortissima reacção da consciencia e do sentimento mais delicado.

A afflicção vehemente de Angelo, seo fallar precipitado e demasiadamente conciso, claro e preciso na exposição da sua grave culpa, o conhecimento que ella tinha do character e das virtudes do nobre mancebo, e finalmente a dolorosa e profunda segurança que elle deixára ouvir com tanta verdade, da firmeza e perpetuidade já inuteis do seo desgraçado amor, tornavão patente a melindrosa e santa falsidade do pretexto para o rompimento dos laços que

erão de purissimo noivado e que devião ser do mais doce hymeneo.

Angelo a amava ainda e sempre, e porque a amava muito, mais fundo recebera no coração o golpe dado pela sua excessiva leviandade, que á muitos se affigurava já degradação.

E Rosina, a vilipendiada de tantos, e de alguns que costumavão contempla-la em extasis de admiração, e que á simples suspeita de sua triste fraqueza, a ultrajavão já com esgares insolentes, testemunhos injuriosos da crença do seu aviltamento, merecera ainda ser poupada, e de certo modo respeitada pelo unico homem, á quem assistia o direito de confundi-la atraído!...

Angelo ferido no seu immenso e poetico amor, na sua confiança, nos sonhos da maior felicidade, Angelo justamente suspeito da immodestia e da perfidia da sua noiva, não podendo nem devendo mais dar-lhe a honra do seo nome honesto, em vez de faze-la corar, indicando o motivo real de seo desprendimento, inventara um aleive contra si proprio, offendera-se para não offende-la, beijara-lhe os pés para não desprezar-lhe a mão, e fugira-lhe, arrependendo condemnado para não parecer condemnada-la!...

No rompimento como Angelo o preparara e effectuara, se havia indignidade, se apparecia uma nodoa, erão só para elle: Rosina ficava incolume, isenta de culpa: o culpado era somente elle.

No seo proceder artificial mas grandioso só impozéra um castigo á noiva perfida, a ostentação do amor inabalavel, constante, angelico, maravilhoso, que ella não perdia, mas inutilisara pelos seus erros, que a compromettião na opinião geral

Mas esse castigo era ainda uma consolação embora amarga; porque significava genuflexão lisongeira diante do poder de sua belleza, ou talvez o matiz sublime da nobre falsidade, innocentando a criminosa pelo influxo da constancia do amor alias desmerecido.

Rosina accusada pela propria consciencia, e considerando a alta generosidade do delicadissimo cavalheiro, que até então não soubera apreciar bastante, sentira-se commovida, exaltada, engrandecida pelo amor de coração tam nobre, e apezarada, e arrependida do abatimento moral que a menoscabava.

Rosina, enfim que até esse dia nunca tinha amado Angelo, amou-o desde a manhã desse dia,

e amou-o ou porque a mulher ama ás vezes por capricho o amante que lhe foge, ou porque a grandeza da estima e o sentimento da admiração acendem quasi sempre o amor no coração da mulher.

Angelo tornára-se, aos olhos de Rosina, bello, magestoso, adoravel por duas condições contradictorias: porque se mostrára nobremente ativo, honrando a sublimidade da mulher, não a querendo nem de leve suspeita pela insensação tolerada do amor de outro homem; e porque ferido pela offensa e pelo perjurio, sacrificára a violencia do seo resentimento ao melindroso respeito com que generosamente poupava ás confusões do pudor e á increpações affrontosas a donzella que havia escolhido por noiva.

Na offensa da despedida e na bizzarria da explicação havia culto religioso e magnifico á soberania, ao melindre, ao pejo, á alma, ao coração, ao sentimento da mulher que Angelo tinha amado ou ainda amava.

Angelo tinha preferido parecer suicida á ser algoz; matava-se para não matar; exaltava-se no seo infortunio com o perdão recondito que concedia á criminosa, e com o patente labéo de um perjurio, cuja responsabilidade tomava para



si, á fim de deixar á coberto de conjecturas desairosas e infamantes aquella que fôra e continuava a ser objecto do seo primeiro amor.

O brilho de tanta virtude encheo de luz celeste o coração de Rosina que, arrebatada pela admiração e pelo reconhecimento, e deprimida pela consciencia dos proprios erros, chorou duplamente sobre o bem que perdera e sobre o mal que se fizera.

Como tam rapida passára ella da ira ardente para subito amor, e do resentimento para a gratidão, é segredo inexplicavel da natureza susceptivel e do espirito sempre voluvel e cheio de vivos contrastes dessa donzella em quem a imaginação usurpára o sceptro da razão e por habitos de inconstancia, de capricho e de sensibilidade já alterada mudava inopinadamente de sentimentos, como lhe era facil e useiro mudar de namorados.

Nem se póde explicar de outro modo a variedade e contradicção de idéas com que, depois daquella reacção que prometia ser de influencia tam benigna e tam honrosa, depois do amor que rompera da estima e do arrependimento que nascera da consciencia dolorosamente despertada, Rosina, ouvindo os sophismas e as lições immo-

raes de seo pae, chegára ao ponto de não oppôr absoluta resistencia ao desairoso projecto que Ursini concebera de ir procurar no mancebo altivo e nobre o ignobil noivo exigido por Ernesto, e finalmente se abaixára a avançar dous passos para o piano, á estender o braço, á tomar e abrir a caixinha, e á sorrir, contemplando o collar de perolas!...

Evidentemente havia em Rosina amotinação de sentimentos oppostos, paixões diversas em alvoroço; mas no amor em que ella se suppunha abrazada por Angelo era ainda a ufanía de haver merecido a adoração do mais honesto e escrupuloso mancebo, e era talvez douda esperanza e nascente capricho de reconquistar outra vez pelos milagres da sua belleza o noivo que lhe fugira, e que, lhe fugindo, se confessava amante desgraçado, que lhe tinham dado aos olhos lagrimas de santo, mas ephemero arrependimento, e ao coração leviano sonhos suaves do bem, da verdade e do justo apreço de um homem tam resplendente de mimosa sensibilidade como de grandes virtudes.

Em Rosina o que se via e se devia lamentar era o quadro vivo e triste da ruina moral da innocencia e da pureza.

Mas ainda ao menos a donzella vaidosa e eufetizada pelo fulgor do luxo, obedeceo a um asomo de pudor, e largou sobre o piano o presente da seducção.

Joanna deixou-se, onde estava, e com vago e expressivo movimento da cabeça que ajudava o sentimento á manifestar-se pela palavra, disse-lhe quasi logo :

— Ainda erraste !... não era teo pae que devia ir á Angelo: teo pae ha de espanta-lo muito mais!...

— Ah, minha mãe !... não fui eu que o pedi.

— Mas tiveste a fraqueza de lhe deixar a acção livre. Ah, Rosina ! minha filha !... ainda nos resta um recurso... impedirei que teo pae vá amanhã, indo eu hoje...

Rosina comoveo-se e perguntou sentidamente :

— Tam tarde agora !... dizer-lhe o que ?...

Joanna era simples e não sabia sophismar, como Ursini, para disfarçar o amargor de uma idéa.

— Para dizer-lhe a verdade toda... toda... e traze-lo convencido de que apenas tens sido mal aconselhada... sómente inconsiderada e ligeira... porque assim, minha filha, Angelo te perdoará.

Rosina interrompeo a pobre mãe, e disse rapida:

— Nunca!

— Rosina!... Angelo é teu anjo! deixa-me ir...

A donzella presumida, soberba, contradictoria e estouvada revoltára-se ao pensamento da sua humildade e do perdão de Angelo, que Joanna queria obter: um rir nervoso estremeceo-lhe nos labios, e ella respondeo:

— O anjo bateo as azas... voou!... minha mãe se perderia á procura-lo nas alturas... não quero...

E mudando a ironia em despeito e assanho, accrescentou com voz firme:

— Não quero!...

Joanna recuou e desapareceo, retirando-se pelo corredor.

Desgostosa de si e de todos, colerica e aturrida, turbada e incapaz de reflectir, pensando em Angelo, amando-o e aborrecendo-o, lembrando Ernesto, desprezando-o, e todavia tendo na memoria as lições de Ursini. Rosina passeou ao longo da sala algum tempo, e emfim, n'um impulso de afflicção ou de aborrecimento de tudo, já ia sahindo, quando da porta do corredor vol-

tou, e, chegando-se ao piano, agarrou com raiva a caixinha forrada de setim e foi trancar-se no seo quarto.

Acabando de fechar a porta, Rosina atirou a caixinha sobre o seo toucador, e ora estendendo-se no leito, ora andando como louca em volta do seo pequeno aposento, passou longa hora de febril hesitação.

Mas pouco e pouco foi serenando, e á medida que mais serenava, olhava muitas vezes para o toucador, até que finalmente em repentino movimento avançou para elle, abriu a caixinha forrada de setim, tirou della o collar de perolas, acolhetou-o ao pescoço e olhou-se ao espelho.

A vaidosa sorriu-se outra vez ao duplice gozo da vista do seo formoso collo e do adereço de finas perolas que brilhavão alvejantes nelle, como corôa magnifica na frente de uma rainha.

---



## V

Ursini começava a ter pressa de depennar profusamente o seo velho compadre. Até poucos dias projectava, ao contrario, espaçar quanto fosse possivel o desengano de Ernesto; porque lhe parecia mais facil por menos sensivel ir ganhando em pequenas dadivas valores, cuja somma avultasse muito no fim, e para isso bastaria que Rosina entretivesse longamente o galanteio e as esperanças do seductor; mas uma opposição inesperada viera alterar-lhe o socego no seio da familia, e obriga-lo á accelerar a acção da repugnante comedia.

Joanna, a esposa cegamente submissa, a senhora de espirito fraco e humilde, de educação obediente e de genio passivo, amargurada em seo amor de mãe e no descredito da filha, senão ostentava resistencia energica, indignação e justos brados contra o infame proceder do marido,

affligia-o de continuo, quando estava a sós com elle, queixando-se, chorando e protestando.

Ursini estimava Joanna, devia-lhe vinte e dous annos de perfeita felicidade, tinha orgulho do recato e da honestidade de sua esposa ; sabia domina-la, estava certo da sua obediencia; consumia-se porém vendo-a chorar e padecer; sobre tudo incommodava-se com a desacostumada perturbação da tranquillidade suave do seo viver no lar domestico.

Isso muito mais do que as proposições instantes do compadre o determinou a abandonar o seo primeiro proposito. e á adiantar a obra tam lucrativa como degradante e imperdoavel.

Assim, e como dicéra á Rosina, foi no dia seguinte pôr-se de intelligencia com Angelo.

Ursini conhecia pouco e mal o character do filho do mestre André, e errava muito no juizo que fazia da sua originalidade ou excentricidade.

Tendo em grande conta o proveito que podia tirar das disposições galhofeiras e traquinas que são communs nos estudantes e nos jovens artistas, o italiano esperou que Angelo, preparado sagaz e manhosamente por elle, não hesitaria em ajuda-lo á chasquear e a enganar Ernesto.

Faltando á promessa feita á Rosina, Ursini



começaria por mostrar-se sabedor de quanto se passára entre ella e Angelo, queixar-se-ia da revolta de sua filha que em afflicção e desespero se estava negando á continuar á obedecer-lhe na traina da mais eugraçada e tormentosa vingança tomada contra um homem casado e velho que, com abuso de confiança, e orgulhoso do poder da sua grande riqueza, ousára tentar seduzi-lo, e sem dar ao joven pintor tempo para reflexões, explicaria a natureza, o ridiculo, as conveniencias da vingança, repeteria, ataviada com falsidades e pretextos, os mais verosimeis e interessantes a arenga que já uma vez fizera ouvir á Joanna; abundaria em recriminações contra os ricos ignorantes e soberbos que procurão humilhar e desprezão os artistas que valem muito mais do que elles, e excitando o espirito de classe e avantajando a graça, o pundonor e o optimo exito do estratagema de que Ernesto devia ser victima, indicaria a necessidade que, em taes circumstancias, tinha de um artista companheiro e socio para levar ao cabo a desforra de Rosina innocente e pura, e o menoscabo, o castigo dado na bolsa, e a desillusão grotesca do perverso velho criminoso de tentativa de seducção.

( ) corrompido e experiente italiano, confiando

muito na rede ardilosa dessa historia, e ainda mais no amor ardente de Angelo, e na perspectiva do dote elevado de Rosina, dirigio-se esperançoso ou quasi certo de feliz empenho á casa do joven pintor, cuja conquista, além do mais, lhe assegurava a doce quietação do animo sobre saltado de Joanna.

Mas pouco antes da hora do jantar, Ursini, voltando á casa, e subindo ao sobrado, mostrou-se aos olhos de Rosina confuso e de máo agouro.

A filha estava melancolica e apprehensiva e não dirigio ao pae pergunta alguma.

Foi o pae que teve de fallar.

— Angelo não é original, é estúpido; disse Ursini; debes esquece-lo, menina!

Rosina tornou-se livida, e murmurou:

— Regeitou-me... humildemente offerecida... talvez...

— Oh! não: foi elle que tomou a palavra para confessar-me, o que chama sua irremediavel desgraça... o diabo do estroina chora, jurando que te ama, e lamenta achar-se preso á um dever que reputa imprescindivel, e que eu de balde demonstrei que era ridiculo.

— Uma vergonha de mais!... disse Rosina, que trocara a lividez por inflammado rubor.

— Se eu te digo que elle é estúpido !... peor que isso, nem merece a reputação que lhe emprestão, como artista ; assevero-te que não passará de estouvado borrador de ruins quadros historicos.

— E que me importa isso ?...

— Dizes bem : que te importa ?... perdeste um noivo nescio, e eu preparo-te em compensação um noivo sabio.

Rosina indifferente á compensação annunciada, pareceo seriamente preocupada e perguntou :

— Meo pae... desculpe-me : promette-me dizer a verdade por mais cruel que ella seja ?...

— Oh !... por Deos !... eu nunca te engano : a minha regra contigo é sempre verdade e franqueza.

— Pois bem : que pensa desse dever imprescindivel... de que falla... Angelo ?...

Ursini fallava a verdade, quando lhe convinha, e dessa vez a verdade podia convir-lhe.

— Penso que é falso e perfido pretexto. Angelo tem o unico merecimento de não saber mentir : já te disse que elle é estúpido.

— Oh !... mas então porque teima em dizer que ama-me, e porque me ultraja com o seu despreso ?... perguntou Rosina com fervor.

Ursini julgou esta pergunta menos simples e mais complicada que a outra, e por isso respondeu o contrario do que pensava.

— Explicação airosa de namorado inconstante: neste ponto elle fez excepção de estupidez. despreza-te; mas quer que ainda em cima lhe fiques agradecida pelo desprezo: pelo menos eu entendo assim; mas na minha condição de pae da despresada julguei mais acertado aceitar a explicação que não te desairava, e em que elle, por hypocrita humilhação, se metia pela terra á dentro.

— Ah!... balbuciou Rosina, rindo, com um rir porém, que indiciava descrença do juizo ou da lealdade de Ursini, e intima convicção do contrario do que lhe ouvia.

— Desconfias do que te digo, Rosina?...

— Oh! não, meo pae; eu já não confio nem desconfio do que ouço sobre Angelo; porque não penso mais nelle: que viva um seculo... Angelo morreo para mim.

— Prova de bom juizo: e demais rei morto, rei posto.

— Que quer dizer?...

— Já t'ò disse: tenho os ollios postos em um guapo mancebo que se te agradar...

Rosina absorta ou indifferente nem sequer por curiosidade perguntou quem era esse noivo tão facilmente improvisado.

— Não queres saber o seu nome e qualidades?... creio que vale a pena : tornou-lhe o pae.

— Que me importa ! disse a filha, fazendo um movimento de desgosto.

Ursini conhecia melhor o character de Rosina do que o de Angelo, e portanto marcou certo o ponto que devia atacar.

— Devéras que o tal pintorsinho deixou-te profunda setta no coração! tão perdida estás por elle, que nem te inflamma o orgulho esse desdem com que desestima a inclinação terna, de que se devia ufanar por merecê-la da mais formosa donzella, que floresce no jardim do Rio de Janeiro!... Ah, Rosina!...

Rosina doeo-se :

— Eu nunca senti amor por esse homem... e menos o sentiria hoje; disse ella.

— Disseste-me o contrario hontem, e agora mesmo estás manifestando que ainda o amas, e muito...

A filha exarcebou-se com a insistencia do pae; e disse :

— Supponhamo-lo !

— Incorrerias no erro mais lamentavel. Olha : Angelo é carta absolutamente falha no baralho : não podes jogar com elle, que definitivamente te voltou as costas.

E Ursini recolheo perspicaz a impressão que tinhão causado á filha as palavras *te voltou as costas*.

— Das duas uma . continuou elle : ou é verdadeiro o motivo da retirada de Angelo, e embora o lamente, deves procurar outro noivo, pois não penso que tenhas a idéa de ficar perpetuamente solteira ; ou o motivo foi pretexto, e falsidade, e Angelo te offendeo com o mais cruel desprezo, e em tal caso...

— Em tal caso... acabe, meo pae !

— Ah ! quem póde acabar o meo pensamento é a tua justa altivez de donzella formosa, e recatada.

Rosina estava agastada com o pae, e para magoa-lo, disse :

— Bonita ainda me reputo ; mas recatada, meo pae?... na verdade depois que fui impellido á animar... o cortejo insidioso... as deshonorosos pretensões de um homem casado, perdi o direito de queixar-me da desestima, ou do desamor de Angelo.

Ursini não se defendeo da manifesta accusação que a filha lhe dirigira.

— Mas que diabo de amor era o delle e que poder é o teo?... pois tão friamente se foge á uma joven encantadora e á quem se dizia querer tanto?... eu comprehenderia que elle tivesse vindo aqui em furias de ciume á tomar-te contas, que te maltratasse com a rudeza da palavra colerica, que te injuriasse com a suspeita revoltantemente injusta; tudo isso indicaria amor em desespero; inventar porém uma historia burlesca, e para não te empurrar com as mãos, voltar-te as costas, e ir pintar seos quadros muito á gosto, e placidamente!!!

Rosina despeitada e raivosa, perguntou, torcendo as mãos.

— Elle... trabalhava...

— Absorvido na téla, onde pretende representar Augusto contemplando compadecido, mas soberbo, o cadaver de Cleopatra: o seo painel não tem sentimento, nem grandeza; devo porém confessar que Angelo estava dando ás dobras e inclinações da toga do heroe combinadas com a attitude do corpo deste formas cheias de verdade e de perfeito estudo.

— Meo pae!

— Já vês que Angelo é um homem de gelo, ou que em vez de se achar comprometido por grave e delirante culpa, como veio aqui dizer-te, naturalmente esquece-te, ou te menospreza; porque se prendeo á outra mulher, ou calcula com alguma noiva que é menos pobre do que tu.

Rosina preferia a esquivaça de Angelo pela sua immodestia, e pelo seo comportamento equivoco, á perfidia e inconstancia delle por qualquer especie de influencia de outra mulher.

— Não! isso não! exclamou ella; nem é de gelo, nem ama outra, não!

— Por consequencia não te julgou digna de uma hora de ciumes, de alguns minutos de explicações ou ao menos da consolação de uma injuria que désse testemunho de amor suspeito e enfurecido.

— E por consequencia!!... disse sem saber o que dizia Rosina desnorçada pela malefica influencia do pae.

— Por consequencia Angelo te abateo demasiadamente, despedio-se de ti, como de uma já desencantada illusão da mocidade, como, eu sei lá! talvez como um devaneio que acaba por fatigante, e o que te cumpre...



— Eu o sei! murmurou Rosina, abafando a raiva.

E levantou-se.

— Menina, acudio Ursini, procurando retela; precisamos conversar um pouco e rasoavelmente.

— Hoje?... perguntou a filha, fazendo ouvir na pergunta um protesto contra a possibilidade de conversação calma.

— Hoje, sim; respondeo Ursini; hoje, porque o tempo urge. Eu te disse que tenho de mão um excellente noivo para ti...

— Oh, meo pae!... um noivo?... para mim um noivo que vossa mercê apanhou de passagem ahi na rua?...

— Doudinha!... eu supponho o noivo optimo; quem todavia se lembra de obrigar-te á casar com elle?...

— Esse noivo é pois?...

— Não é, será instrumento da oração ao arbitrio da grammathica da tua vontade; a gente da oração principal, se te convier; subordinalo ou incidente, como te parecer; mas em todo caso...

Ursini segurava pelo braço Rosina que teimava em querer sahir da sala...

— Em todo caso!... perguntou ella.

— Um auxiliar para o embaimento do meo compadre, e optimo auxiliar, porque será opportunamente conservado ou despedido conforme o teu capricho, noivo mandado embora, ou marido feliz e felicitador á mercê de tuas sympathias ou antipathias.

— É de mais!... exclamou a filha, com indignação mal contida.

— É de mais? como?... perguntou Ursini visivelmente contrariado.

Um esforço de Rosina, e o subito movimento de contrariedade de Ursini separarão o braço de uma das mãos do outro.

A filha sentindo-se livre da prisão que a continha, recuou alguns passos e disse :

— É de mais, meo pae ; porque realmente é demais!...

E, voltando-se logo, adiantou-se, uma vez ao menos com acção nobre e activa e com melancolia grave e digna, retirando-se á passos grados pelo corredor.

Ursini seguiu-a com os olhos e ao vê-la desaparecer, sorriu-se ironicamente como quem contava com o animo inconstante da filha.

---

## VI

A situação tornara-se difficilima para Rosina contrariamente compellida por affectos diversos e emaranhada em duvidas, hesitações e impetos oppostos.

Se pensava que convindo-lhe serenar o espirito para escolher com acerto a melhor linha de proceder, lhe erão precisos alguns dias de recolhimento, em que se furtasse ás vistas dos visinhos, á observação dos namorados e ás visitas de Ernesto, vinha-lhe a idéa de que por um lado se expunha assim á juizos e conjecturas que a malidicencia inspiraria, e por outro poderia parecer á Angelo muito consternada pelo seo desdem, o que a sua presumpção e a sua vaidade não toleravão.

Se pelo contrario admittisse a presença e portanto o galanteio do seductor, ou teria de rechaça-lo, pondo termo á intriga já muito es-

cabrosa e nesse caso achar-se-ia em absoluto antagonismo com seo pae; ou prestando-se á continuação dos laços vergonhosos armados ao ouro do velho rico, daria pleo e justificado fundamento á desestimação e ao abandono com que Angelo a rebaixára, e amontoaria novos erros sobre aquelles que já tão caros lhe tinham custado.

Pelo muito que estava soffrendo, ella principiava á trocar por aborrecimento a indifferença que sentira por Ernesto: desconfiava que seo pae levasse já álem e mais do que dizia as suas convenções com o audacioso velho, e phantasiava, tremendo, mil perigos que poderia correr.

Rosina acreditava que Angelo ainda a amava, e por explicavel capricho de desdenhada e presumida, ardia por vencer a esquivança repentina do joven pintor, e por isso mesmo desejava-o, e talvez começava realmente a amal-o.

Joanna atiçava este sentimento, não sabendo faze-lo com intelligente subtileza; mas poderosamente ajudada pela oportunidade: Ursini muito mais habil estimulava com ardor o desvanecimento e a paixão do luxo que erão os dous demonios que tentavão com maior poder á filha.

Rosina hesitava pois, e hesitando cogitava no meio de ganhar tempo sem comprometter qualquer disposição ou definitivo proposito que em breve chegasse á tomar, como lhe era indispensavel e urgente.

Ora quando a mulher almeja e procura d'véras um expediente, acha-o mil vezes mais depressa, e melhor inspirada que o homem.

Rosina mal acabou de jantar, deixou os paes á mesa, e sem os prevenir, foi vestir-se para sahir, e quando Ursini se levantava áfim de descer á officina, mostrou-se ella ataviada com todo o esmero.

— Oh lá ! exclamou o italiano ; por Baccho ! estás divina !... que temos hoje ?...

— Venho pedir-lhe que me leve á passar a tarde com Marieta.

Marieta era uma joven, filha de outro italiano que fizera, mascateando, mediocre fortuna.

Manzonati, o pae, era amigo de Ursini, e Marieta fôra companheira de collegio e desde então camarada de Rosina.

Ursini comprehendeo logo que a filha queria nessa tarde escapar á visita de Ernesto, e julgou prudente a idéa de Rosina, e ainda mais acertado condescender com ella.

Rosina e Marieta passarão juntas e alegremente aquella tarde e parte da noute; mas á hora da despedida — as moças tem tambem sua maçonaria, e suas allianças fraternaes — as duas camaradas pedirão á seos paes tres dias de vida intima, regosijante e feliz.

Rosina queria levar comsigo Marieta, e esta fallava com olhos longos á Manzonati, á rogar permissão.

Ursini de boa ou má vontade secundou os pedidos da filha; Manzonati que era pouco escrupuloso e de economia que se aproximava da avareza, calculou com a menor despeza do macarrão, e conveio em separar-se de Marieta por tres dias.

Rosina exultou: Marieta era por tres dias a sua salva-guarda, o seo ganho de tempo, a sua ostentação de ledice á janella, uma festiva resposta ao desdem insultante de Angelo, e uma companheira — obstaculo á erupção natural ou artificial dos volcões de amor ardentissimo do velho que se presumia de proximo — feliz seductor.

Ursini admirou e applaudio dentro de si o habilissimo recurso da filha, o qual não lhe escapou ao espirito subtil e fraudulento. Marieta não

podia ser esperançosa rival de Rosina: não era feia; tinha a côr marmorea, os olhos bellos, e os cabellos negros das italianas; mas estava muito longe de competir com a camarada.

Por ser um estorvo provisorio aos ardores de Ernesto, Marieta era um incentivo, uma contrariedade ainda mais excitante, que sem dispendio de resistencia e de artificios custosos farião encarecer os dotes da formosa Rosina, e inflamar a paixão forçosamente contida, sopeada, e aguilhada do velho sensual, e todo incendios inuteis.

Em vez de tres dias Marieta ficou em companhia de Rosina quatro semanas.

Manzonati era condescendente: consolava-se da ausencia da filha, indo vê-la na casa do amigo e compatriota, onde ás vezes jantava, o que, conforme os seus calculos, importava diminuição nas suas despezas diarias.

Durante a primeira semana a presença de Marieta não foi incommoda á Ernesto; porque a filha de Manzonati era agradavel, experta e indiscreta como Rosina, e o velho galanteador de damas, presumindo-se namorado por esta, e sabendo quanto ás vezes aproveita á um seductor despertar ciumes no coração da mulher, cuja posse almeja, não quiz perder o ensejo de empregar esse meio.

Marieta ria-se muito dos cumprimentos e das lisonjas de Ernesto, e evidentemente não se mostrava esquiva; mas Rosina, que aliás algumas vezes parecia observar esse principio ou ensaio de galanteio, nem se acendia ciumenta, nem indicava zeloso cuidado.

O velho cada dia mais allucinado pela belleza de Rosina, acabou cedo por enfadar-se com a companhia de Marieta, de quem não tirara o proveito que havia esperado, e começou á queixar-se á Ursini de hospedagem tam longa e contraria á seos planos de protecção, insistindo de novo pela necessidade do noivo conveniente.

O italiano fez garbo da sua solitudine em obedecer ao compadre, assegurando-lhe que o noivo já estava fallado e disposto; mas que era preciso não contrariar a caprichosa Rosina, apressando a retirada de Marieta, que em todo caso não podia demorar-se por muitos dias fóra da casa de seo pae.

Ursini contemporisava, illudindo Ernesto e condescendendo com Rosina. A companhia de Marieta lhe estava sendo utilissima: pois ao mesmo tempo exacerbava a paixão do compadre, aquietava o espirito agitado e afflicto de Joanna, e fazia renascer a ledice natural e a leviandade habitual da filha.



Com effeito Rosina, á principio com esforço, e pouco á pouco realmente consolada e distrahida pela presença e pelo genio brincão da amiga, tam alegre, e livre de preocupações se afigurou ao pae que este, apanhando-a de passagem no corredor, disse-lhe ao ouvido.

— Um segredo: hoje á noite virá tomar chá connosco... o tal sujeito...

— Quem é?... perguntou a filha curiosa.

— O que será teo noivo... se te agradar.

Rosina não respondeo; mas tambem não exclamou, como dez dias antes exclamara: « é demais!... »

Ursini observou a filha durante o dia, e não vio-lhe no rosto, nem nos modos, signal algum de enfado ou de desgosto, e convenceo-se de que ella aguardava o candidato á noivo com indifferença, mas sem antecipada repugnancia.

As oito horas da noite entrou na casa de Ursini e este apresentou á sua familia o joven Albino Archimedes, seo amigo muito prezado.

Albino era um mancebo de vinte e quatro annos de idade, de estatura pouco á cima do ordinario, bonito de semblante, e bem talhado de corpo, como dezejarião se-lo muitas senhoras, trajava com apuro requintado da moda, e á

primeiro vista obrigava a *sympatia*. Tinha bellos olhos, admiraves dentes, e mãos brancas e pequenas: penteava-se como um cabelleireiro francez e suas botinas de Mellièt ostentavão a delicadeza de seos pés.

Ursini não se animára á indicar, apresentando Albino, nem sua familia, nem sua posição social, ou o *myster* de que elle se occupava na sociedade, limitara-se á fazer em breves palavras o elogio de suas qualidades, e do seo notavel talento.

Albino era o que Ursini não se animaria a declarar á filha, homem tam miseravel e corrompido que, á primeira offerta de dote e protecção, se mostrara prompto e decidido á ser noivo de uma joven já suspeita pelo simples facto de semelhante negociação de casamento com um desconhecido.

Albino devia á natureza não só bonitas feições e gentileza, como intelligencia clara e agradavel facilidade de se exprimir; e devera á seos paes alguns estudos superficiaes de humanidades que á força de castigos até aos dezoito annos recebera.

Nessa idade um dia roubara as joias de sua mãe, avultada quantia da gaveta de seo pae, e

fugira da capital de sua provincia para a do imperio, mudando de nome proprio e de familia. Não foi perseguido ; mas ficou abandonado á si mesmo...

O pae severo confundio a honra com o orgulho : occultou o crime do filho que lhe nodoára o nome, e deixou-o solto na carreira da perdição.

O dever paternal impunha outro procedimento : cumpria que o filho fosse apanhado e exemplarmente castigado no segredo do lar da familia ; lançado porém ao abandono, era offensa viva á natureza e á sociedade.

Albino dissipou em breve na cidade do Rio de Janeiro todo o fruto do seo crime e reduzido á penuria, e já habituado á vadição e aos prazeres, desceo ás mais baixas e condemnaveis acções para haver dinheiro.

Em sua degradação nem mesmo o crime podia repugnar-lhe.

Fez-se poeta, e cantou e chorou, explorando todos os sentimentos das victimas a quem resolvia finter : não houve casamento nem baptisado em familias ricas que não inspirassem a sua musa, nem morreo homem afortunado, cujas virtudes não celebrasse.

O calote e o furto com destreza executado fo-

rão para elle fontes de elegancia e de renda, e rojando por todas as vergonhas, tornou-se corrector habilissimo na praça da libertinagem, servindo de aluguel ás cortesãs escandalosas e á impudicicia hypocrita.

Albino era pois a corrupção mais desprezível.

O proprio Ursini chegaria talvez á suicidar-se se em desespero, se visse Albino casado com Rosina.

Todavia, precisando de um noivo *conveniente* para enganar Ernesto, o italiano, desnortado pela recusa de Angelo, ao voltar para casa encontrára na rua Albino, e nelle *puzera os olhos*.

Dous ou tres dias depois Ursini fallou, e, sem esforço nem debate, alugou, á preço ajustado, aquelle candidato á noivo !...

Albino acreditou-se alugado ou comprado não só para pretendente á mão, como para marido *conveniente* da joven que era dotada por protector millionario.

Ursini o embalára com essa esperanza; receioso porém da influencia da boniteza e dos attractivos de Albino, e não querendo nem que Rosina o repellisse como noivo para a comedia, nem que se deslumbrasse á ponto de *quere-lo* para marido, industriou-o, aconselhou-o de arte

á demonstrar-se diante da filha absolutamente repulsivo, por ostentação de immoralidade rudemente sophista.

Albino era ainda mais vil, porém muito menos astuto do que o italiano, e os conselhos e a lição deste estavam tam de harmonia com o papel presente e futuro que lhe corria a obrigação de representar, que, obediente e escrupuloso, protestou desempenha-lo conforme as instrucções que recebia.

Albino não é uma ficção, como não são ficções, em nossa irreflectida sociedade, nem Ursini, nem Rosina.

Convém applicar o ferro em braza á certas ulceras...

Na exposição semi-nua do vicio vae o ferro em braza.

---



## VII

Albino esforçou-se por agradar sem parecer impertinente : em vez de impôr a apreciação de seus dotes e vantagens, esperou sempre poder indicar condescendencia em fazê-lo, e nunca esperou de balde porque Ursini tinha interesse em recommenda-lo até certo ponto.

Conhecendo mal a arte da musica, Albino possuia suave e extensa voz de tenor, e cantava de cór algumas arias, e muitos romances francezes e italianos, e assim. depois de haver discorrido o melhor que pode sobre theatros, bailes e festas do Rio de Janeiro, urgido por Ursini, sentou-se ao piano, e acompanhando-se com imperfeição patente, cantou bem e expressivamente uma barcarola, e o romance do *Trovador*.

Tendo-se servido e terminado o chá, Ursini, como que gracejando com o seu joven amigo, provocou-o á fallar sobre o amor e o casamento,

obrigando Joanna, Rosina e Marieta á envolverem-se na discussão das duas theses mais importantes para a mulher.

As senhoras fizeram apenas observações passageiras; mas Albino, animando-se pouco á pouco, expoz com vivacidade que procurou tornar interessante os seus principios que elevavão o respeito e a confiança que se devem á mulher, á alturas falsas e insanas que erão em realidade da parte do homem a petulancia na baixaza.

Albino poetisou banalmente o amor, matisando idilios triviaes com algum fervor de apparente sentimento, e subindo ou descendo logo á segunda questão, sustentou que o casamento devendo ser sempre o sublime e sagrado triumpho do amor mais perfeito, e por mais perfeito angelicamente embebido na absoluta confiança mutua dos esposos amantes, excluia — sine qua non — toda idéa de ciume, porque o ciume é suspeita, e a suspeita é ultrage.

Elle não comprehendia noções do dever presidindo a vida dos esposos : o dever é obrigação, e portanto aniquila o supremo encanto da espontaneidade ; detestava a fidelidade conjugal pelo dever e pela religião, que são inuteis, quando ha verdadeiro amor, e são oppressões e sacrificios sem elle.



A amor é a bemaventurança na vida de casados amantes; mas a confiança absoluta e cega era a condição também absoluta e imprescindível do amor; por consequencia, considerado assim o casamento, a fidelidade mutua dos esposos não precisa ser zelada, porque já está essencialmente garantida: no casamento o homem, que representa a força, tem por unico dever o trabalho, e os cuidados materiaes que assegurão o bem estar presente e futuro da familia, e a mulher, que representa a felicidade pela belleza, pelas graças, e pelas virtudes fôrta de deveres tem amplo direito de brilhar, de deslumbrar, de ser admirada e invejada para honra e gloria do marido, á quem exclusivamente ama.

O homem que se casa, não pode tomar contas do passado da noiva; as contas só se tomão antes do casamento, e este, na peor das condições, é amnistia obrigada de todos os peccados: o casamento por amor purifica: o casamento por amor faz do noivo um santo, e da noiva um anjo.

A senhora casada por amor é em corpo e alma de seo marido, que é em corpo e alma de sua mulher; o marido e a mulher dormem o somno dos justos no paraiso da confiança; mas assiste sempre á mulher, que representa a felicidade

pela belleza, o direito de receber todos os cultos, e ainda os mais ardentes, prestados á sua belleza, desde que, não por dever, mas por amor de esposa, não deixar que se apague a flamma pura de sua fidelidade, e o marido erra, desmente o seo amor, e é indigno da esposa amante e fiel, senão dorme o somno dos justos no paraíso da confiança, e se ultraja o seo anjo, pondo em duvida a sua pureza conjugal pelo facto da mais ligeira duvida, que é a aniquilação da confiança sublime.

Albino transportava-se extravagantemente, considerando desse modo o casamento por amor; quando Ursini, receiando ve-lo cahir de subito no extremo do ridiculo, o interrompeo á rir, dizendo-lhe, como homem pratico e experiente da vida:

— Até ahi Petrarca á fazer versos á sua Laura; mas não se digerem poesias, nem ellas alimentão á familia: vamos ás realidades deste mundo; concedi-lhe demais ampla liberdade de poetisar sobre o amor; no casamento porém ha um lado material que é positivo e diariamente requisitador implacavel: ainda não nos fallou do dinheiro, que veste o corpo, e mata a fome do esposo santo, e da esposa anjo: que nos diz á esta malvada proza do mundo?...

— Já o disse, respondeo Albino; essa triste miseria da vida humana fica por conta do homem que representa a força, e que pela força é de obrigação o encarregado do trabalho.

— Ah ! sendo assim...

— E o deve ser, e do mesmo modo ou pela mesma razão a esposa, tendo plena confiança no marido, não se envolve, e nada tem que ver com as fontes de recursos que elle explora, com o tempo que é preciso empregar dentro ou fóra de casa para recolher a colheita de ouro devida á sua solícita e honrosa diligencia.

— Desse modo, observou Marieta, as vantagens todas são para a mulher.

— Não, minha senhora ; não ha vantagens que não sejam para ambos ; porquanto na maior felicidade e soberania da mulher é que consiste a maior dita do marido.

— A theoria é enlevadora.

— E toda ella se resume em poucas palavras: no casamento o amor garante a felicidade, e pelo amor a confiança mutua assegura aos esposos ampla liberdade, de que não se abuzará jamais.

— E na hypothese do abuso?... perguntou Joanna.

— É de sobra o remorso para castigo do crime.

— Mas a dôr, o infortunio do esposo ou da esposa que é victima da infidelidade?...

— Em quanto a victima não sabe que o é, não soffre, e vive ainda feliz na ignorancia do infortunio : quando emfim descobre a traição...

— Acabe...

— Dá-me um expediente, um meio que prescreve o homem da lei fatal da morte?...

— Sem duvida que é impossivel.

— E como então nos cumpre considerar essa lei implacavel?...

— Com resignação e paciencia : é isso?...

— É, minha senhora ; e não ha remedio contra o casamento infeliz, como não o ha contra a morte.

— O divorcio... a separação...

— Escandalo publico, que não lava, antes ainda mais aviva a nodoa. Na terrivel hypothese, quando o infiel é o marido, a esposa deve chorar em segredo, e vencer com a generosidade do perdão a inconstancia e a perfidia do ingrato : se é a esposa é a delinquente, cumpre ao esposo esconder-lhe a vergonha e vigia-la para impedir novos desvios... e perjurios...

— Eis ahí a desconfiança...

— Pois se o amor necessariamente deixa de existir!... desde então o casamento se torna peso, e apenas se tolera com resignação e paciencia; mas sem o escandalo publico que degrada a mulher e não restaura a honra do marido.

Joanna que oppuséra leves objecções ás theorias insidiosas e aos vis sophismas de Albino, teve pejo de provoca-lo á enunciar principios de mal dissimulada tolerancia da corrupção da mulher casada, e calou-se para que elle se calasse.

Tambem fazia-se tarde : já erão dez horas da noute e Albino, desculpando-se por haver, encantado pela obsequiosa e amabilissima familia, ido muito além dos limites permittidos á uma primeira visita, levantou-se e despedio-se.

Ursini, embora a noute estivesse tão a diantada, acompanhou Albino, pretextando, por cerimonia, querer leva-lo á casa.

Ursini ainda tinha diante de seo irresistivel vicio pelo menos quatro horas de *lansquenet* em uma sessão animadora e muito concorrida.

Joanna ao separar-se das duas jovens camaradas, reteve um momento Rosina; e disse-lhe em voz baixa :

— Acautela-te : o mancebo que aca ba de dei-

xar-nos é o noivo que teo pae te destina : juro-te que elle vale mil vezes menos que Angelo, e não passa de um miseravel sem consciencia nem coração.

Rosina sorrio-se, e depois de haver beijado, apertou docemente a mão de sua mãe.

Rosina pensava como Joanna relativamente á Albino.

---

## VIII

O leito de Marieta era defronte do de Rosina, no mesmo aposento, e tão perto um do outro que as duas moças, se quizessem, podião depois de deitadas e antes de dormir, conversar em voz baixa, e sem receio de ser ouvidas.

É provavel que em outras noutes já tivessem conversado em segredo : nunca á duas jovens que dormem no mesmo quarto faltarão confidencias que preludião suaves sonhos ; nessa noute porém Rosina e Marieta com certeza conversarão.

Marieta foi a primeira á fallar, pela optima razão de que Rosina não fallára desde dous minutos de silencio depois de se acharem ambas em seus leitos.

— Que te parece o teu noivo em projecto?... perguntou ella.

— Que lhe achas tu?... disse Rosina, perguntando tambem em vez de responder.

— É um bonito rapaz, por Baccho!... como disem teu pae e o meo.

— E além de bonito?...

— Conforme: homem de sublimes idéas, se pretendes viver vida de douda feliz: poderás ir com elle á China, tendo a segurança de o conservar convencido de que não sahio do Brasil; animal ruim, incommodo, e repulsivo, se tens o pensamento de viver vida seria e um pouco clausal, como a de tua mãe, neste mundo que ainda é mais carnavalesco nos trescentos e sessenta e dous dias do anno, do que nos tres dias do carnaval.

— E que pensas de tudo isto, Marieta?...

— Que teu pae é um homem de juizo, se te falla, segundo creio, com sinceridade e sem recursos mentaes, nos conselhos que te dá e no ardid que em teu proveito vae tecendo.

— Ah, Marieta!... e eu?... e Angelo?...

— Se queres, comêço por ti...

— Comêça por mim.

— Eu te invejo o pae que tens, e todavia julgo que sou menos pobre que tu.

— E que tem isso?...

— Ah! muito: que destino nos espera na ordem natural das cousas?... imaginemos o me-



lhor : casar-nos-emos com artistas pobres, loucos de ternura por nossos encantos antes e durante a lua de mel, e que depois de passada essa lua, que é o tempo do nosso imperio, exigirão que lhes engommemos as camisas, e que vamos para a cozinha preparar-lhes o jantar...

— E nossas mãos de setim branco...

— É horrivel o pensa-lo !... nossas mãos ca-leijadas e nossas faces chamuscadas...

— Com effeito... eu vejo incessantemente a vida que leva minha mãe !... entretanto é inconcebivel ! minha mãe não se queixa e parece feliz com meo pae...

— Tua mãe foi desde a infancia criada e educada assim : teu avô era um mestre de obras rude e enfesado, que não tinha idéa do mimo com que na alta sociedade tratão as senhoras : era um homem de trabalho e que exigia trabalho : tua mãe sahio ao molde de teu avô : é a honestidade com toda a asperza do labor domestico, e tambem com um certo embotamento de espirito que a livra de sentir o lado máo e triste do seo destino.

Rosina não protestou.

— Tu, ao contrario, és intelligente, instruida, prendada, formosa ; conheces bem o que vales

para ser muito desgraçada, se sacrificares todos esses thesouros em um casamento de inclinação sem dinheiro.

— Talvez ; disse Rosina.

— Não tens o segredo de tirar tres ou quatro vezes a sorte grande na loteria ; és pobre e é só o dinheiro que chama dinheiro. Os homens achão o maior prazer em namorar-nos, e não terião duvida alguma em seduzir-nos ; mas fogem ante a idéa de casar com senhoras pobres, como se fugissem de molestia contagiosa.

— Parece.

— Que é pois melhor?... condemnar toda tua vida ao serviço de criada grave do senhor teu marido, pobretão, como tu, ou muito occupado em poupar despezas para não comprometter sua mediocre fortuna, ou comprar marido...

— Comprar?!?! perguntou Rosina, elevando um pouco a voz.

— Comprar ou escolher bom esposo com a magia da tua belleza ajudada pela magia da tua riqueza.

— Estás então nas idéas de meo pae?...

— Se estou! depois que vi, ouvi e apreciei o teu elegante, velho, pretencioso e fervoroso apaixonado, ainda mais me admiro das tuas hesitações.

— Ah! tu não hesitarias, Marieta?...

— Eu?... se pudesse, tirava-te o lance: haverá sopro de fortuna mais agradável para uma joven bonita, pobre e astuta do que o amor delirante de um velho rico e mettido á seductor para nem ao menos merecer compaixão, e que tolamente abre a bolsa e paga caro a gloria de ser o ludibrio da habil desfructadora?...

— Desfructadora?...

— Sim, e sem dó, nem piedade: um velho incapaz de inspirar afeição, e portanto sempre importuno e ridiculo, quando namora, e revoltantemente grotesco, se pretende seduzir, deve pagar o tédio que causa e a indolencia das pretenções á pezo de ouro e á zombarias e irrizões.

— E a minha reputação?

— Quem acreditará jamais que a formosa e viva Rosina é amante de um sexagenario que podia ser seo avô?...

— Acredita-se no poder da riqueza.

— Tem paciencia e appella para os furores, e para a careta do velho no dia do desengano.

— Vingar-se-ha de mim, propalando e fazendo crer que tudo lhe concedi, e que foi elle que me abandonou.

— Se fosse moço, talvez; mas naquella idade

de casa arruinada com espeques nas paredes e com pretensões de edificio habitavel e solido; aos sessenta annos e devéras apaixonado terás nelle em vez de um desprezado vingativo o mais chorão e teimoso mendigo de simples tolerancia de adorações repugnantes, ainda mesmo no meio dos escarneos mais patentes.

— Mas Ernesto é casado... é pae de familia...

— Tanto peor para elle, e tanto melhor para ti: por essa condição augmenta a inverosimilhança do teo deslustre. Eu por miun até faria ostentação da farça: appareceria em sociedades, nos theatros, em passeios publicos e isso com duas vantagens: iria realisando pingue colheita de joias e de bellos vestidos, e ao mesmo tempo confiando á todos sem excepção o segredo da farça.

— E o miseravel viria logo á sabe-lo.

— E eu lhe diria que precisava explicar assim o esplendor do meo luxo no interesse da defeza de minha reputação.

Rosina estava dentro de si admirada de rever-se na moral facil, commodissima e artificiosa da amiga, que lhe pareceo aliás demasiado favoneadora das doutrinas de seo pae; mas sem motivo algum para duvidar da lealdade de Marieta, perguntou:

— E Angelo?...

— É um poeta que faz versos só de pés quebrados: Angelo moço como é, se me afigura ainda mais tolo do que Ernesto já velho.

— Porque?...

— Porque desertou no dia da batalha e quando mais vantajosa e segura se lhe offerecia a victoria.

— Em tudo como meo pae!... disse Rosina.

— Tu amas esse Angelo?... perguntou Marieta.

— Creio que sim; pelo menos faze-o de conta.

— É pena: o amor é um famoso trapalhão nos calculos da razão e nas questões de interesse.

— Embora!

— Mas eu penso que Angelo não te ama.

— Porque?...

— Fugio-te muito depressa e muito extravagantemente.

— É por isso mesmo que ainda me supponho amada: a subita violencia do rompimento indica erupção violenta de ciume.

— E o pretexto ou a causa real da sua despedida?...

— Só admitto o pretexto, e esse está na generosidade magnifica do seo character.

— Em tal caso é provavel que Angelo volte bem cedo á entregar-se prisioneiro e captivo sem restricções.

— E se não voltar?...

— Rosina, eu desconfiaria do inverno.

— Isso é lá para as terras do norte; mas o verdadeiro amor é navio que *desnortêa* nas tempestades.

— Sendo assim, as tempestades serenão.

— Portanto... que me aconselhas?...

— Pois que amas Angelo, eu no teu caso esperava por elle alguns dias, sem que por espera-lo ou para espera-lo desanimasse a minha esperança de boa fortuna material á custa do meo velho protector, namorado sem ventura, e fonte de proximo futuro de chamariz de noivos.

— E se Angelo não vier?...

— Não se deixa de navegar, porque um navio dá a costa.

— Compreendo.

— Pois se é tão simples ! em coração de moça solteira o vacuo é a maior das loucuras : noivo perdido, noivo substituido. Não ha Angelo desertor que valha um recruta ou voluntario que vem jurar bandeira.

— Ah, Marieta !...

— Que é?...

Vamos dormir?...

— Tens somno ou vontade de sonhar?...

— Talvez ambas as cousas.

— Tu sonharás com Angelo, e eu sonharia com Ernesto. Boa noute !

— Sonha pois com elle : boa noute.

Rosina não tinha somno; mas estava cansada de ouvir a amiga reproduzir como echo fiel, senão as palavras, ao menos todas as idéas de seo pae, e começava á suspeitar que este houvesse alluciado Marieta para ajuda-lo á combater e destruir o amor em que elle talvez a suppunha demasiado acesa por Angelo.

A suspeita já lhe parecia bem fundada ; porque Marieta, que ao receber a confidencia do galanteio e das pretensões de Ernesto, limitára-se á rir muito e á zombar do velho mettido á seductor, sómente desde tres noutes principiára á dar-lhe conselhos e á pronunciar-se no sentido dos projectos de Ursini, chegando nesta ultima conversação á enunciar os mesmos argumentos de que elle se servira.

Rosina ou não lembrava, ou não julgava circumstancia importante o facto de ter sido na quinta e quarta noutes anteriores que ella emfim

occupára a attenção da amiga, confessando-lhe a triste retirada de Angelo, e contando-lhe com sentimento e verdade a historia do seo amor, da qual rompia naturalmente o elogio d'aquelle coração virgem, daquella alma poetica, senhoril e bella e de suas virtudes suaves, mas profundas.

Marieta aggravou ainda mais a nascente desconfiança de Rosina; pois, sentindo que esta não dormia, poz-se á fingir que sonhava, como a amiga lh'o recommendara, e foi dizendo com voz entrecortada, e como se estivesse dormindo :

— Ernesto... bom velho... é meo namorado... que adereços... agora é um diadema... brilhantes... quero tudo... o velho paga... deve pagar... apertou-me o braço... dá-me uma pulseira... beijou-me o collo... que enjo-o... dá-me um collar... beijou-me os dedos... dá-me dez aneis!... namorado velho... paga... paga... e eu rio-me... rio-me...

E Marieta desatou á rir, interrompendo o sonho.

— Estás douda?... perguntou Rosina.

Marieta continuou á sonhar.

— Peior... o velho quer sedusir-me... oh!... não!... não!... é horrivel... a seducção... oh!... não!...

E a filha de Mazonati parecia em ancias de tormentoso pesadelo.



— Acaba com isso, Marieta! disse Rosina.

Marieta passou do pesalelo á novo rir com offensa da verosimilhança do sonho, e deixando de rir logo depois, proseguio :

— O pobre velho... quer seduzir-me... que venha... lá vem... chegou... como é frio e desprezível... abre uma bolsa... derrama ouro... abre outra e outra... quanto ouro!... velho, sahe!... quero ajuntar o teu ouro... vem mais tarde... quanto ouro!... rica! rica!... ai! lá volta o velho... chega-se á mim... eu sou fada... torno-me em estatua de marfim... elle teima... eis-me transformada em leoa raivosa... elle insiste... oh!... quanto ouro!... quanto ouro!... eu volto á minha figura de donzella formosa, zombeteira, mas honrada... curvo-me... apanhei uma das moedas de ouro... aqui está ella fechada na mão...

— Já se vio douda assim!... tornou á dizer impacientada Rosina.

Marieta continuou :

— A moeda está fechada na mão... pergunto ao velho :— cruz ou cunho?...— ... o velho hesita... depois brada :— cunho!...— eu abro a mão... olho... digo — perdeo!... é cruz... — o velho esbraveja... eu vou gritando :— cruz,

diabo!... cruz, diabo!... — o velho foge á correr... cruz, diabo!... corre ainda mais... cruz, diabo!...

E Marieta outra vez se pôz á rir com estouvamento e impertinencia.

— Marieta! juraste não deixar-me dormir esta noute?...

— Mandaste-me sonhar com o teu velho: imaginei-me Rosina e sonhei.

— Pois bem: está acabado. Podes pensar em Ernesto quanto quizeres, com tanto que me deixes o direito de conciliar o somno.

— Preferias que eu sonhasse com Angelo?...

— Não. Prefiro á tudo que não sonhes em voz alta. Já sei bastante, como pensas.

— Por consequencia...

— Boa noute.

Marieta reconheceo que estava incomodando a amiga, e respondeo:

— Perdoa-me. Boa noute.

— Não me offendeste para me pedires perdão, garrula teimosa! mas eu morro de somno e a tua garrulice não me permite dormir.

— Dorme pois, vigilante de amor! dorme ou sonha acordada: boa noute, mãe!...

— Boa noute, innocente!...

E as duas jovens amigas se calarão, como que





## IX

Depois de um mez e alguns dias mais, separaram-se emfim Rosina e Marieta na melhor intelligencia possivel.

Rosina tinha observado cautelosa o pae e a amiga, e convencida em breve de que não havia accordo algum entre elles, fôra prompta em confessar á Marieta a sua passageira suspeita, e em pedir-lhe perdão, que recebeu em um beijo.

Marieta, ainda mais invejosa, porque a suspeita indicava cuidado e zelo do amor de Angelo, modificara o systema de seos conselhos, e teimando sempre em sustentar a conveniencia de atizar a paixão de Ernesto e de abusar de sua credulidade e de sua fraqueza de ridiculo velho sensual, tomando-lhe em donativos sufficientes valores para formar um dote capaz de attrahir algum casamento vantajoso, lisonjeára o capricho ou a terna esperanza de Rosina, assegurando acredi-

ditar na probabilidade do arrependimento e da volta de Angelo, e encarecendo a dita da união da amiga com elle.

No entanto Marieta, loureira, estouvada, faceira e jovial como Rosina, lançara-a sem difficuldade no ardor febril do namoramento em que lhe fez optima companhia á janella ; fingira-se muitas vezes deslumbrada, vendo as joias e bellos vestidos, presentes do velho apaixonado, excitando assim as vanglorias de requestada e o gosto do luxo que devião perder de todo a filha de Ursini.

Por ultimo, finalmente, na noute que precedeo ao dia da sua retirada, Marieta confiou á Rosina que á miudo se encontrava na casa de uma familia da amizade de seo pae com um manco que lhe fazia a côrte, e que tambem era artista, devendo por isso naturalmente conhecer Angelo, e prometteo-lhe colher noticias deste, fazer observar seo procedimento, e, se fosse possivel, perscrutar seo coração.

É inutil dizer que Marieta imaginára um namorado artista, que não existia : mas, principalmente por esta invenção, as duas jovens se separarão mais amigas do que nunca tinham sido.

Rosina teve e não teve saudades de Marieta :

teve-as; porque sempre as deixa uma camarada alegre e confidente lisongeira; e não as teve, porque ella hia de longe servi-la muito, e porque enfim a filha de Ursini já desejava acção livre e isenta da observação de olhos estranhos: Marieta começava a estorva-la.

Evidentemente Rosina ainda não amava Angelo: o pendor inopinado e forte que a obrigava á dezejal-o era capricho de donzella ou de senhora desdenhada.

Não o amava, não; por que ella ainda tinha febre de loureira para procurar o gozo futil de ser namorada por outros, e ainda mais porque inconsiderada e pueril lembrava douda os comicos abalos e divertidas scenas de jogo de affectos violentos com o velho de quem zombava, embora sacrificando sua reputação de honesta; e friamente cubiçosa, abatida, interesseira pela sêde de brilhantismo e de luxo, reflectia desconsolada que desde um mez não apresentára um vestido novo, nem em seo cofre de joias brilhava um só mimo recente.

A reflexão era indecorosa, baixa, aviltante; mas era natural: Ursini tinha já acostumado a filha á magia e á cubiça das sedas, dos diamantes, das perolas e das esmeraldas.

Na imaginação de uma mulher desvanecida os velludos, as sedas, as pedrarias fulgurantes, quando se ostentão, fazem inchar e radiar o orgulho, e quando se cubiçãõ e se imaginãõ, causão vertigens.

E Ernesto soubera vingar-se bem de um mez e alguns dias da importuna presença de Marieta; pois que em tão longo periodo apenas presenteára o afilhado e se esquecêra de Rosina.

A penitencia fôra sentida pela filha de Ursini.

Rosina muito olvidada por Angelo que talvez pudesse te-la arrancado das esarpas do precipicio da corrupção, chamava, ápezar seo, á sua memoria Ernesto, cuja riqueza lhe proporcionava ostentação de preciosos enfeites, e cujo amor delirante e cego podia ser tão facil e tão fecundamente aproveitado.

A filha de Ursini, avizada em vão pela consciencia, e em vão concitada pelo capricho ou pela nascente affeição á Angelo, avançava portanto pelo caminho escabroso e arriscado que seo pae abrira á seos passos.

Tão voluvel e inconsequente em idéas e sentimentos continuava sempre á mostrar-se que, tendo Albino voltado já duas vezes á casa de Ursini, Rosina, embora não o animasse com



aquelle agrado solícito que autorisa as primeiras declarações de um pretendente, não o distanciava bastante com a frieza glacial, que apenas deveria disfarçar por cortezia o profundo desprezo merecido por semelhante homem, que a ultrajava com o simples intento de chegar até ella.

Rosina violentava-se para tolerar a presença de Albino; mas arreceiava-se de contrariar absolutamente a escolha do complice feita por seu pae, até porque duvidava que fosse facil encontrar algum outro que tão prompta e ostentosa-mente se prestasse á tão fria e indigna submissão.

A filha de Ursini hesitava; mas pela propria hesitação ia sempre descendo, e pensando ora em Angelo, ora na riqueza, e no ardimento do-needor de Ernesto, ora na condescendencia ignobil de Albino, sophismava comsigo mesma, exaggerando as seguranças do seu supremo direito de enxotar á um tempo e opportunamente de seus pés e de seu lado o velho seductor tão ridiculo e insensato, e o moço noivo sem brio, e tão desprezível e infame.

Assim pois, e livre de Marieta, Rosina esperou desejosa que Ernesto se apressasse á vir fervoroso render-lhe cultos logo no mesmo dia

da retirada da amiga importuna, e tanto mais que o velho, resentido e queixoso da importunação que lhe parecera systematica, deixára de apparecer nas tres ultimas tardes.

Mas Ernesto fez-se esperar em vão: ou em seo animo luzira a primeira desconfiança de estar sendo ludibriado, ou a sua colera e o seo pique não se desafogarão facilmente: o certo é que uma semana passou sem que elle apparecesse na officina de Ursini, ou subisse ao sobradinho.

Rosina impacientava-se: Ernesto era como a sua modista e o seo joalheiro gratuitos, e, além disso, não era suportavel a idéa de que fosse o ridiculo velho, quem marcasse com o seo malquerer, ou com o seo arrefecimento o fim da intriga amorosa.

Por pouco tempo mais que Ernesto mantivesse o seo proposito de esquivar-se á ir á casa de Ursini, era provavel que pae e filha o fossem procurar e render-se aos seus cofres de ouro.

O famoso seductor porém perdera a sagacidade paciente; a velhice tem fraquezas moraes que são logicas na fraqueza physica, e, instinctivamente pressa, empenho de aproveitar o tempo; porque tudo lhe annuncia abatimento,

queda. e queda emfim, de que ninguem se levanta.

Ernesto, o rico pobre velho, era velho sensual e apaixonado por uma formosa moça de vinte annos, pela mais bella mulher-tentação, que o transportava, e allucinava, mostrando abraçar-se por elle no amor mais ardente, e apenas contendo-se defendida por despertos e assomos de pejo, que cada dia mais gasto e fraco apenas demorava a victoria infallivel da seducção.

O velho teimara demais, teimando oito dias : vivera oito dias em penar de saudades e em fogo de desejos : não desconfiára de desamor e de abuzo ludibrioso : o velho namorado nunca desconfia de escarneo e de fingimento interesseiro da mulher joven, á quem ama, e que diz ama-lo ; porque não quer expor-se á desconfiar do seo demerito por velhice. O velho namorado, ou mettido á seductor é a credulidade tola elevada á mania, é pobre doente, e, quem sabe?... é talvez um infeliz que em prematura caducidade se entrega ás zombarias das moças, que o castigão, como ridiculo, quando sómente devião poupa-lo, e compadecer-se da sua decrepidez manifestada embora incompleta e obscuramente em ternezas mal cabidas nelle.

Ernesto contava sessenta annos; mas era robusto, elegante, e nessa idade avançada podia explicar as suas serodias pretensões de seductor com os costumes de sua mocidade, e com a consciencia do poder da sua riqueza; mas acreditando que inspirára amor á bella e loureira Rosina, não denunciava essa credulidade tola elevada á mania, essa doença que ataca os velhos sensuaes e os torna lamentavelmente ridiculos?...

Elle deixara de apparecer na casa de Ursini durante oito dias, e fechara por mais de um mez o cofre de seus valiosos presentes de vestidos e de joias por habil manejo de seducção, cujas vantagens em melhores tempos experimentara; velho porém, como já era, não soube ou não pôde esperar.

Isto é apenas nota de um facto: não é lição; porque não ha lição que corrija a mania namorante ou seductora de bellas jovens, que assignala o começo da caducidade, ou ao menos a mais triste fraqueza moral dos velhos sensuaes.

Entretanto Rosina estava alvoroçada e vivamente compellida pela indignação, pelo capricho e pela sêde de dons e presentes alimentadores da faceirice e do luxo, quando Ursini, que

desde alguns dias não cessava de coçar a cabeça, appareceu-lhe emfim radioso ao subir ao sobrado para jantar, e de passagem murmurou-lhe ao ouvido :

— Elle volta... vem hoje.

Rosina sorrio-se, e sem responder ao pae, disse entre si, fallando consigo mesma :

— Que venha! .. hei de vingar-me.



## X

A vingança de Rosina foi digna de joven namoradaira, que em pouco tinha o decoro, e que ainda em menos a circumspecção.

A louca jurára á si mesma, á magia dos seus encantos, ás vanglorias da sua vaidade enlouquecer Ernesto.

A louca queria contagiar loucura.

Era facil o contagio passado pela mais linda estouvada ao mais allucinado velho.

Rosina aprestou-se como o paladino antigo para o combate. Escolheo um simples vestido de mousselina côr de rosa, de duas saias, cercado e carregado dos enfeites á moda ; mas cujo corpinho lhe desenhava completamente o tronco, o que era sempre objecto de seo vivo cuidado de moça que se sabia muito bem feita : cobrio com a mais fina camisinha o peito, que transparecia formoso e alvejante, como gostava de mostral-o, e não

esqueceo as anquinhas que aggravação a riqueza de suas formas com a voluptuosidade que o movimento emprestava ; vestio-se e adornou-se emfim, calculando antes como mulher sensual do que como donzella faceira.

Quando entrou na sala trazia nas mãos a caixinha forrada de setim, onde se achava o adereço de perolas com que ella ainda e de proposito não se havia ornado.

Rosina depositou a caixinha sobre o piano e esperou. A certeza da volta de Ernesto apasiguára seos temores e inflammara em seo extravagante e desinquietao animo o mais ardente desejo de transportar, desatinar, aturdir, pôr em phrenesi o misero velho, pretendente á seductor, tornar-lhe o sangue em fogo, e tortura-lo sem piedade com as suas fingidas chammass, e rindo dentro de si com o favor e a segurança de sua enregelada indifferença e illimitado desamor.

O fingimento de Rosina devia ser como a fogueira da inquisição á queimar horriavelmente a victima além disso obrigada, ou excitada pelos algozes, á agradecer a dolorosa graça do martyrio.

Na profanação de sua propria pudicicia, Rosina se propunha em desordenado estouvamento, e com a mais condemnavel malicia á divertir-se



e á provocar donativos interesseiros, indo até ao desafio da lascívia, que devia levar Ernesto á insanía, e faze-lo, convicto de proximo triumpho seo, derramar flôres de ouro sobre a amante rendida e já tocando ao altar do sacrificio.

A menina demonio sentara-se, como de costume, no banco do piano, e sorria-se bella e insolentemente ameaçadora, quando sentio os passos de Ernesto que subia a escada.

A refalsada contrahio os labios, deixou de sorrir, e mascarou-se de enfadada seriedade.

O elegante sexagenario achou-a com os braços cruzados sobre o peito, de modo á deixar que se projectassem entoados, e se adivinhassem fontes de delicias dous botões de magnolia sem o calix verde.

— Não pude mais! disse Ernesto, aproximando-se.

— Eu o esperava; respondeo Rosina sem offercer-lhe a mão; mas apontando para uma cadeira que estava perto do banco do piano.

— Rosina, eu estava mal contigo: tornou-lhe Ernesto sentando-se.

— Mal comigo!... eu o esperava sem deseja-lo, pôde-o crer!... a hypothese do immenso favor da sua absoluta e perpetua retirada da casa de meos

paes era um sonho vão de generosidade de homem honesto e de perdão de Deos, com que eu nunca cheguei á contar ; porque descreio da sua generosidade de homem honesto, e sei que não mereço a protecção do céo.

— Rosina !

— Eu esperava o seductor ! Tinha a certeza de que elle havia de voltar ; porque sabia demais que elle calcula com a violencia criminosa e infame do amor mais desgraçado, para vir martyrisar-me com a sua presença e a sua voz, e as suas fallas insidiosas, depois de me haver calculadamente trucidado o coração com a sua ausencia de um seculo !...

— Oh !... o martyrisado fui eu !... nem sabes ! queres que t'o diga ?...

— Não ! eu sei o que podem e sabem dizer os seductores. Eu o esperava ; tinha a certeza de que o senhor voltaria em breve, á tres dias, hontem, hoje ou amanhã ; tinha a certeza ; tinha-a ; quer a prova ?... ali a tem sobre o piano.

E Rosina mostrou a caixinha forrada de setim verde.

— Criança desconfiada !... formosa e pura donzella !... disse Ernesto, que se embriagava de amor e de esperanças, ouvindo as doces recriminações da colerica e linda Rosina.

— Eu lhe tinha declarado, continuou a digna filha de Ursini, que não me abaixaria mais á receber presentes seos, á receber presentes de um homem casado, que, por casado, não póde pretender a minha mão, e que, apesar de casado, ousa amar-me, teima em fazer-se amar, e amotina a minha fraca razão de moça sensível: e que fez o senhor?... abusou da cegueira de meo pobre pae; impôz-me um novo e custoso presente, que eu não posso aceitar pelo senhor, e que não posso regeitar por meo pae!... diga: isto é nobre?... é de cavalleiro?...

Ernesto respondeo docemente:

— Rosina! eu t'ó confesso: fui eu, sim, fui eu que induzi teo pae á dar-te em seo nome esse pobre collar de perolas... desobedeci-te... mas porque te revoltas assim contra o innocente ardil do mais indomito amor?...

— O seo amor?... oh!... dizem que antigamente ornavão-se as victimas que se conduzião ao altar do sacrificio, e o seo amor me adereça com brilhantes e perolas, me enfeita com os mais lindos vestidos, para que?... não é meo pae, nem meo irmão, não póde ser meo marido.

— Mas adoro-te!...

Rosina ia subindo rapida na escala da exaltação.

— Adorar-me?... e com que fim?... não é claro que essas joias, que esses vestidos são ultrages, trazem horrivel insulto na intenção, com que são dados ?...

— Socéga... quero explicar-me... quero tranquillizar-te ; disse Ernesto.

A comica namoradeira exaltou-se ainda mais.

— E essa ausencia de tantos dias não foi manifesto recurso da seducção para explorar minha fraqueza, e a mais insensata afflicção, para exasperar-me, para endoudecer-me á ponto de...

Rosina não pode acabar a phrase ; mas levantando-se com os olhos e as faces em fogo, resplandecente de ira, de indignação, e talvez de um terno sentimento em transportado delirio, curvou-se ameaçadora e terrivel para Ernesto, dobrando-se um pouco pela cintura, de modo a aproximar bastante do rosto e das vistas do velho apaixonado seo peito que transparecia, e seo seio palpitante de tempestuosa commoção e emquanto assim *contagiava a loucura*, ella convulsa, e com os dentes cerrados perguntou :

— Que quer de mim o senhor ?...

Ernesto começava á não saber de si : vinha seduzir e se perdia seduzido. Tremulo tambem, e todo possesso do formoso demonio, mal pode responder :

— Quero sómente a tua felicidade !...

Rosina deixou-se cahir sentada no banco do piano, ficou por momentos muda, e logo de improviso abysmou-se em lagrimas.

Ninguem sabia chorar como ella.

O elegante velho tomou entre as suas as mãos que a dor e o pranto lhe abandonarão sem resistencia, beijou-as com ternura, e disse :

— Não chores, anjo de pureza !... sê razoavel e ouve-me. Se soffres por amar-me um pouco, pensa e lamenta o horror dos meos tormentos, pois que te amo, como nunca se amou no mundo, e em respeito a honra de teu nome e de tua virtude me sacrifico e me desgraço !...

Rosina, sentindo que esgotára a fonte de suas lagrimas artificiaes, fez um esforço patente, libertou suas mãos, cobrio com ellas os olhos e soluçou sem chorar.

Os velhos tem a vista cansada e gasta. Ernesto não vio o fingimento soluçante de Rosina á divertir-se e a desorienta-lo.

— Morro de amor por ti ; mas não te quereria jamais nodoadada por mim... não !... não !... és o meo anjo... nunca te aviltaria sacrilego !... deixar porém de amar-te, não !... tambem não !... oh ! se tivesses um cão amigo e fiel, intelligente

defensor, escravo ufanoso, lhe negarias a gloria de debruçar-se á teos pés?... é tudo quanto te peço, é tudo!... só te peço a gloria de ser o teo cão amigo fiel, com o direito de algumas vezes debruçar-me á teos pés... e beija-los!...

Rosina ainda soluçava com intermittencias longas; ainda escondia o rosto; mas já duas vezes tinha suspirado.

O seductor continuou, dizendo

— Ouves-me?... oh, bella Rosina!... ajuda-me á construir o monumento do teo futuro: eu preciso da tua condescendencia para, tornando-me desgraçado, fazer-te bem feliz!... ouves-me?... juro que respeitarei tua innocencia, é esse o meo orgulho no mais cruel sacrificio!... quero-te rica, deslumbrante, rainha dos bailes, centro de todas as admirações e de todos os cultos nos theatros, invejada por todas e pelas mais afamadas bellezas, quero-te maravilhosa pela maravilha da tua formosura, soberba pela riqueza dos vestidos, rutilante pelo brilhantismo das joias e do luxo, e celeste pela pureza de tuas accções; quero-te assim; porque vendo-te assim pelo meo amor desgraçado, mas sublime, terei minha consolação nos triumphos de tua omnipotente belleza!...

Rosina deixou cahir indolentemente as mãos

no collo, e com amorosa e melancolica expressão nos olhos abatidos, murmurou, suspirando tristemente :

— E o mundo?...

— Que te importa o mundo que irá ajoelhar-se diante de ti?...

— O mundo?... esse infame calunniador já diz que eu sou... sua amante.

Ernesto, vendo a colera prestes á acender-se de novo no animo da donzella, apressou-se á responder :

— Já me submetti ao extremo expediente que despedaçara a calumnia na boca perversa do mundo aleivoso.

— E como?...

— Casar-te-has, minha Rosina!...

A ardilosa e artista donzella fez um movimento de repugnancia.

— Oh, não!... disse ella.

E abaixando e modulando ternamente a voz, accrescentou :

— Eu quero viver e morrer solteira.

O pobre velho rico quasi que chorou de gratidão e de sensibilidade inefavel.

— Não, meo anjo encantador, não... é indispensavel que te sujeites á aceitar um noivo, como

eu me sujeito á consentir em que o tenhas mas dictando-te para que o tenhas sem oppressão de senhor, e eu sem opposição e sem odio de inimigo.

— Ah !... mas eu não comprehendo bem !... não amo homem algum que possa ser meo noivo ; como hei de casar-me ?...

Ernesto embriagava-se com essas expansões francas, embora talvez involuntarias, expansões ingenuas, innocentes e candidas da donzella, que o amava tanto.

Pobre velho como todos os velhos no seo caso !...

Ernesto guardou a lembrança do lisongeiro e suavissimo protesto que lhe augmentava as esperanças da seducção e disse :

— Minha bella Rosina, eu te prometti e te darei um noivo : já o tens, conforme me informão ; mas, confesso-te, que modifiquei ou alterei essencialmente um dos meos compromissos.

— Qual ?...

— Eu te garanti um noivo á tua escolha : oh, minha Rosina !... é de mais !... é muito !... eu te peço de joelhos, que o noivo seja escolhido por mim...

— Porque ?...



— Rosina !... Rosina !... perdoa-me !... mas eu não quero que te cases por amor !...

Ernesto acabava de fallar com verdadeiro e profundo sentimento.

Rosina o reconheceo ; mas vaidosa e cruel, querendo demorar e fruir aquelle profundo padecer que era sua vangloria, repetio :

— Porque ?...

— Oh !... e o perguntas !... não vês, como te amo ?...

A loureira fez-se mais triste ainda, e cerrando um pouco os olhos, suspirou e disse :

— Se fosses solteiro, Ernesto !...

O velho refreava á custo os mais impetuosos assanhos, temendo espantar com elles a donzella, que nessa tarde se mostrava tão suspeitosa, e pavida.

— Sejamos rasoaveis ; disse elle : deixa-me fallar-te : escuta-me.

Rosina abaixou os olhos. e com as mãos ora cahidas no collo, ora á acudir o bello seio offegante, pareceo absorta e pesarosa.

O seductor fallou :

— Pois que a minha extrema desdita me obriga á tolerar que te cases com outro, eu te peço que aceites o noivo já escolhido por mim...

— E quem é elle?...

— O que te foi apresentado por teu pae, Albino.

— Um homem vil... eu apenas o honro com o meu tedio...

— Porisso mesmo, bella Rosina!...

— Oh!...

— Albino será mais teu escravo do que teu marido; tu ficarás perfeitamente rehabilitada pelo casamento, rica pelo dote que receberás...

A seducção transparecia franca.

Rosina teve obrigação de sublevar-se encarrrou Ernesto e perguntou:

— Para que eu seja depois de casada o que?...

— Para que ainda então eu possa amar-te, como até hoje... gosando o teu amor nas poesias de tua alma, e na suave contemplação da tua belleza!...

— Sempre o idyllo!... sempre o inverosmil!...

— Barbara incredula!... não comprehendes os milagres e os gozos angelicos de sublime affecto cheio de pureza?... sim, eu te quero minha amante, mas minha amante só na alma! dizes que amas-me, e eu quero, eu exijo de ti o sacrificio unico de não amar outro homem!

— Rosina murmurou :

— Esse sacrificio... é facil...

— Casa-te pois embora... paciencia!... mas não ames teu marido : ah !... conserva-me fiel esse coração, conserva-me só minha essa alma !... e deixa-me uma consolação e doce gloria : deixa-me desinteressado ufanar-me dos triumphos da tua formosura mais resplendente pela riqueza : deixa-me encher de diademas tua fronte, de brilhantes e perolas o teu collo !... deixa-me fazer-te rutilar na opulencia, planeta magnifico !... se quizeres, eu te amarei, e tudo isso farei de longe ; ao menos porém na sublime santidade do meu amor, ao ver-te resplendendo, eu direi comigo mesmo : — resplende por mim !...

— Ernesto !... exclamou Rosina commovida :  
O seductor continuou :

— E se algum dia eu tentar... offender-te... mentir ao puro enlevo deste amor innocente... ah !... repulsa-me como ao mais perverso dos homens...

— Ernesto !... adoras-me assim ?... perguntou a filha de Ursini com indizivel embriagamento.

— E tu ?... e tu, Rosina ?...

— Eu ?...

A temivel e endemoninhada namorada deira der-

ramou mil magias em um olhar que inundou de influxo deleitoso o velho, e disse logo e no meio desse olhar.

— Decide da minha vida; resolve o meo destino, respeitando minha honra.

Ernesto apertou-lhe as mãos, beijou-as com fervor que desmentia a santidade dos seus ostentosos protestos de pureza, e passados breves momentos de agitada commoção, tornou, dizendo :

— Casarás com Albino ; assim se faz preciso.

Rosina abaixou a cabeça, cruzou as mãos no collo e respondeo com accento repassado de dor :

— Ernesto !... por compaixão !... esse homem me inspira horror !

O seductor enterneceo-se :

— É uma contrariedade... mas... se absolutamente o exiges... eu me obrigo a procurar-te outro noivo... estás contente ?...

— Não ; tornou a moça no mesmo tom ; não... o outro... qualquer que fosse... seria o mesmo...

— Rosina !... disseste que eu resolveria o teu destino... e agora...

A donzella respondeo em voz gemebunda, e como se exhalasse um gemido de angustia :

— É que eu te amo... Ernesto..

O velho vacillou... quasi que se lançava aos pés de Rosina á cobri-los de beijos, e á atraçoar os seos já tão atraçoados intentos lascivos ; dominando-se ainda porém, disse tremulo e atarantado :

— Em nome do nosso amor... eu quero que te cases...

— Casar-me-hei ; murmurou Rosina.

— Com Albino ?...

— Que me importa ?...

Ernesto bebia gota á gota o veneno que a namorada lhe derramava no coração.

Enternecido e animado, mas contendo-se muito nessa tarde para começar á fazer acreditar no respeito, e no amor todo espiritual, que assegurava, limitou-se á apoderar-se de uma das mãos da donzella e acarinhando-a com doce aperto, continuou á tecer os laços da seducção.

— Sei que em breve completarás dezoito annos : desejo preparar de antemão o presente que te farei no dia da tua festa. Está á venda um modesto *chalet* que, se te agradar, será teu. Amanhã á tarde irás com teu pae ver o *chalet*. Eu estarei lá.

Rosina protestou ; porque era indispensavel que o fizesse.

— Não, Ernesto ; é presente avultado de mais para que eu o aceite. Peço-te que me dês um lenço... enxugarei nelle minhas lagrimas.

O velho seductor levou á seo peito a mão de Rosina, e tornou-lhe :

— Mereço tão pouco de ti que me regeites uma lembrança de amor?... queres que me ajoe-lhe para rogar-te que vás amanhã com teo pae?... não ha mal em ver o *chalet*... depois decidirás... vae!... eu estarei lá.

— Irei ; balbuciou a loureira.

— Obrigado ! exclamou Ernesto, beijando-lhe a mão. Attende mais, angelica menina ! logo depois do dia de teos annos marcaremos o da minha forçada e misera abnegação, o dia do teo casamento e...

Rosina presentio que o seductor hia humilha-la, procurando deslumbra-la com as proporções do dote que lhe destinava, e sabendo que devia contar com este sem precisar abater-se, descendo á assumpto demasiado aviltante, retirou a mão que Ernesto lhe tomara e apertava, e disse com fogo que foi crescendo :

— Casamento ! o meo?... que tenho eu com isso?... oh ! a desgraçada escrava se submete ao captivo horrivel ; não lhe fallem porém delle !... é crueldade demais.

— Minha Rosina !

— Casar-me-ei !... não posso ser tua, Ernesto ; que me importa de quem vou ser, e quando tenho de casar-me !

O coração do velho palpitava ancioso e desordenado em torturas de paixão e lascivia abafadas á esforços incríveis.

A namoradeira proseguiu dardejando dos olhos flammas, e dando á voz todas as modulações, ora harmonicas, ora desarmonicas, do sentimento transportado e delirante :

— Cumpra-se o meo destino !... casar-me-ei !... com Albino... sim ! é melhor que seja com elle !... casada, eu o detestarei mais do que hoje !... ainda que me mate, detesta-lo-ei e lhe darei a vida do detestado !...

Ernesto convulsava.

Rosina levantou-se, olhou para o velho com indizível expressão de furor e raiva.

— Ernesto !... imaginaste um amor, dous amores, duas vidas, dous futuros absurdos, impossiveis ; abusaste da minha paixão desorientada para me acorrentares á esse pacto artificial e talvez funesto ; pois bem !... eis-me acorrentada ; mas ah !... treme, se me enganas !...

— Oh ! não, não !...

— Suicido-me por ti!... casar-me-ei!... tu, porém, has de amar-me casada sempre, á mim só, como me tens amado solteira!... é pelo teu amor que me condemno ao supplicio que me impões!... quero pois o teu amor sempre, sempre!

— Sim!... sim, bella Rosina!...

— Mas, vê bem, Ernesto!... o amor de que eu te fallo, é o da alma, é o do céu, é o dos anjos, pois que não nos podemos casar na terra: é o amor que sonhaste, é o impossivel que eu temo, é o milagre que eu exijo. Ernesto! juras que respeitarás sempre minha pureza?...

— Juro! juro!...

— Amar-me-has sempre santa e honestamente, como até agora?...

— Sempre!

— Não abusarás nunca da minha fraqueza e dos impetos de minha paixão?...

— Nunca!

— Ernesto!...

— Juro-o.

— E se eu te experimentasse?...

— Juro-o.

— Pondo as mãos sobre um altar?...

— Sim.

O bello e petulante demonio levou as mãos á



canisinha, arrancou-a, e mostrando nú o peito alvejante e formoso, onde nem de leve se desenhavam as clavículas, disse com arrebatamento, que excluía o pudor :

— Põe as mãos e jura.

O peito era o altar.

O descomedido e impudico arrojo só se explicaria por delirio de amor, e todavia era apenas frio e calculado embuste de namoradeira empenhada em aniquillar de todo a razão titubante do velho apaixonado e rico.

Mas os olhos de Rosina estavam nadando em fogo.

Ernesto, o seductor seduzido, abrazado, quasi rompendo em lavas do volcão da sensualidade, curvou-se aproximando o rosto para aproximar os labios do altar offerecido...

— Perjuro!... observou Rosina, recuando um passo.

O velho martyr obedeceo, e estendendo os braços, tocou com os dedos, que tremião em viva convulsão, naquelle peito deslumbrante, e murmurou sem consciencia :

— Juro.

— Agora creio; disse Rosina.

E ainda cruelmente embusteira e incendiaria, accrescentou logo ternamente :

— Oh ! como eu te amo, Ernesto !

E sentando-se de novo no banco do piano, repetio o estribilho das suas expansões de mentiroso sonho de imaginação.

— Porque não és solteiro ? !... porque ?...

O seductor sem duvida confiava muito em algum expediente já premeditado para encadear com desmesurado esforço os assanhos de sua voluptuosa paixão assim excitada ; mas, agitado, anhelante, e como em desabrida tormenta do coração e dos sentidos, afastou-se dous passos de Rosina, e passeava ao longo da sala, procurando socegar, e cada vez atordoando-se mais, porque não podia desprender os olhos do rosto formoso e então melancolico e enternecido da refalsada tentadora.

Rosina não teve piedade do seu martyr : havia determinado endoudece-lo de todo nessa tarde, e para consegui-lo ainda mais do que bastava ao ludibrio insensato, e á cubiça de bellos mimos, nem poupou o seu proprio pudor de donzella ; pois que o devia ter.

— Ernesto ! disse ella, dando á voz doçura infernalmente deliciosa.

O seductor martyr estremeceo e parou :

— Que queres ?... perguntou.

— Peço-te uma fineza...

— Dize!

— Vem prender ao meo pescoço aquelle collar de perolas.

A namoradeira infrene não tinha tornado á cobrir o peito com a camisinha que pouco antes arrancara delle...

E o velho, o pobre velho, correo transportado á caixinha que estava sobre o piano, e logo depois em pé, e por detrás do banco onde a joven se achava sentada, lançou o adereço em torno do bello pescoço e fez por acolxetar o cordão de perolas.

Mas a cabeça de Ernesto dominava o tronco, e seos olhos se perdião no peito de Rosina que offegando anciosa e impudica, empurrava em intermitente e consecutiva aspiração penosa a gola do corpinho de seo vestido, deixando entrever incompletamente, porém demais, o que o recato nunca demais esconde.

As mãos de Ernesto tremião e quasi sem o soccorro dos olhos conseguirão por fim prender o adereço; e todavia elle ficou na posição em que estava, embriagado de voluptuosidade.

— Ainda não acolxetaste o collar?... perguntou a seductora, simulando reparo.

— Deixa-me assim alguns momentos ainda!... disse Ernesto com voz fortemente abalada, pou-sando de leve a boca nos cabellos, e abys-mando os olhos no seio maravilhoso de Rosina.

— Ernesto! não sabes acolxetar um adere-ço?... perguntou poucos momentos depois a estouvada e abusiva namoradeira.

— Espera... espera... alguns momentos só!...

E o seductor sedusido, o pobre velho presu-mido e ludibriado, sem pensar no que fazia, ou em impulso de instincto que o levava á empregar suas armas de seducção as mais poderosas, levou tremente e insano as mãos ao peito da camisa, tirou d'ali um botão, soli-dario brilhante de alto quilate e grande valor, e elevando e estendendo o braço direito sobre a cabeça que dominava, marcou com os olhos abys-mados o alvo, esperou a aspiração intermittente, que abria espaço entre o peito e o corpinho do vestido de Rosina, e no passageiro e opportuno ensejo, largou dos dedos o brilhante que foi cer-teiro cahir no seio da donzella immedesta.

— Ah! exclamou ella, levando as mãos ao peito.

— Não te ferí, tranquillisa-te; disse Ernesto que acabava de perder a posição lassiva, tendo-a pago bem caro.

Rosina adivinhara logo que especie de setta de amor lhe cahira entre os seios.

— Ferir-me?... respondeo maviosa ; ah !... á quanto tempo me feriste mortalmente... aqui !...

E apontou para o coração ; accrescentando porém logo :

— Mas... tu és desasisado, Ernesto !... sim... tu abusas e me offendes... foi um insulto !...

— Rosina !...

E o seductor hia dizer talvez, na desordem de idéas em que se achava perdido, alguma banalidade gasta, ou, peor, alguma contradicção com os seos protestos de respeito sagrado á virtude da donzella que intentava conquistar.

Mas a supposta victima acudio de prompto ao supposto algoz.

Pobre velho !...

Rosina cortou-lhe a palavra, pondo-lhe nos labios a rosea palma de sua assetinada mão de princeza.

— Não falles... não te desculpes... me é doce perdoar-te... porque a offensa foi de amor... e eu amo-te !...

— Rosina !... Rosina !... Rosina !... exclamou Ernesto em erupção involuntaria e ameaçadora de phreneticas lavas.

A loureira sentio que a cratera ia vomitar violentas labaredas, e levantando-se do banco do piano, indiciando-se vacillante, medrosa, incendiada de paixão sensual, prestes á succumbir, assombrada do perigo, quase á render-se á descripção do vencedor, e á fugir-lhe desejosa, mas consternada, subjugada e só implorante de compaixão, douda á entregar-se por amor doudo, e á esquivar-se por natural e fraca e ultima resistencia ephemera de confusões de pudor, ella, Rosina, que artificialmente simulava tudo isso, sem que experimentasse commoção alguma nos segredos de sua alma, fingio temer a influencia de Ernesto que tão junto della a ameaçava, e arredou-se apavorada, e foi vergonhosa e perturbada sentar-se no sophá, onde escondeo o rosto, que lhe atraçoava o falso rendimento do coração, nas mãos tão pequeninas para cobrir tão grande opprobrio.

Rosina sabia que estava absolutamente defendida pelas condições do lugar e da hora: podia ali e então fingir todas as fraquezas sem receio do abuzo do presumido triumphador.

Ernesto a tinha seguido de perto, dizendo-lhe:

— Porque me foges, Rosina ?...

— Juraste respeitar-me, Ernesto ! respondeo

ella, como á pedir soccorro generoso para sua propria fraqueza.

O seductor, embora todo em chammas, comprehendia tambem que era impossivel naquella sala o crime que elle reputava abuzo tolerado pela sociedade, e não querendo sobresaltar com seos transportes lascivos a donzella, para cuja profanação tinha já premeditado e disposto sitio adequado, chegou-se á ella, e sem mesmo sentar-se á seo lado no sophá, perguntou-lhe outra vez com a mais vivo abalo, e com tanto interesse que sem o querer denunciava occultos designios :

— Rosina !... irás com teo pae amanhã ver o *chalet* ?...

— Sim... sim... disse a filha de Ursini, cobrindo atarantada o peito com a camizinha de que o havia despojado.

FIM DA TERCEIRA PARTE.





# A NAMORADEIRA

---

## QUARTA PARTE

1

Propicio almoçava sozinho e de má catadura no dia em que Ursini e Rosina tinham de ir á tarde examinar o *chalet*; mas dessa vez a preguiça do dormilão fora intencional: queria fallar á irmã sem testemunhas.

O calaceiro e vicioso mancebo tinha completamente esquecido o motivo da briga que tivera no bilhar com Luiz Alberto, e nem mais pensára em Rosina e no commendador Ernesto; na ultima noute porem um dos seus amigos lhe dicara, que Albino frequentava a casa de seo

cunhado, e que transpirava na vizinhança o projecto de casamento desse vil ganhador com sua sobrinha.

Propicio conhecia Albino, arripiou-se. ouvindo semelhante noticia, e resolveo pôr-se ao facto de tudo, adivinhando algum grande escandalo; porque não admittia que sem elle, Ursini quizesse entregar a filha á homem tão indigno.

Era por essa razão que Propicio estava almoçando pensativo e sombrio.

Joanna o servia solícita.

A ama de Ernestinho sentada no chão e á pouca distancia embalava a criança.

Quando acabou de almoçar, Propicio disse á irmã :

— Preciso fallar-te : manda a negra com o menino para a janella.

A ama não esperou pela ordem : levantou-se e levando a criança nos braços, foi para a sala.

— Que temos ? perguntou Joanna.

— Temos que reina aqui em casa pouca vergonha escandalosa.

— Propicio !

— Em primeiro lugar o teu compadre Ernesto ou é o mais estúpido dos velhos ricos, ou é amante feliz de minha sobrinha.

— Posso jurar-te pela salvação da minha alma que não é seo amante; disse Joanna com ardor.

— Mas pelo menos parece-o, e para o respeitavel publico parecer é se-lo.

A pobre mãe não respondeo; fez porem um movimento de impaciencia.

— Além disso, continuou Propicio, conta-  
rão-me hontem certa historia de casamento de Rosina com o maior patife que ha na cidade do Rio de Janeiro, com um famoso Albino...

— Não; Rosina o detesta....

— Mas o sabujo acha aberta a porta da casa! sabes o que anda ahi?... é opprobrio de Rosina e transacção infame entre Ernesto, Albino... e...  
teo marido,

— Estás doudo ?...

— Nunca fui tam ajuizado, e a prova é que vou tomar providencias.

— Quem governa aqui é Ursini.

— Mas visto que elle desgoverna, eu assumo a dictadura. Ernesto ha de sahir desta casa á ponta-pés, e Albino idem com quatro taponas para melhor quinhão.

— Propicio !... não o farás...

Joanna tinha medo, porque sabia que o irmão

era violento, desordeiro, indomavel e capaz de todos os excessos, desde que se encolerizava ou se suppunha ultrajado.

Propicio torceo os bigodes e disse :

— Favas contadas : hei de po-los na rua e vê lá que a bisca de teomarido não caia em metter-se no meio do rolo ; porque eu quando brigo, não repáro : ninguem te mandou fazer-me tio de sobrinha : era melhor não teres tido filha...

— Sim... era melhor...

— Confessaste ! claro como meio dia sem chuva ! eu não aturo desaforos, e muito menos de aristocratas...

— Não me entendeste, Propicio ! enganas-te : o que ha é apenas uma triste meada, que não podes bem comprehender...

— Sim ? em tal caso luz de gaz na noite escura... ou deslinda a meada, ou leva tudo o diabo !

— Propicio ! meo irmão...

— Faca ou dente ! sim... póde ser que a faca deva entrar no rolo ; e eu a tenho... tenho-a !...

E o furioso valentão tirou do bolso... abriu e mostrou um canivete, cuja folha luzente era quasi de um palmo.

Joanna recuou com horror.

Propicio envaivado e feroz disse á rir ironica e satanicamente.

— Isto *espinha* bem o coração de um rico aristocrata que por capricho ou por vicio *suja a casa* dos pobres.

Havia ao menos nessa furia grosseira, brutal e susceptivel de ir até o crime, que o mancebo desenfreado e sem educação estava ostentando ameaçadoramente, alguma cousa de elevado e nobre nos sentimentos, se é que a inveja e o odio, que os homens ricos inspiravão ao vadio pobre, não lhe davão apenas apparencias de dignidade rude.

Mas em Joanna crescia, avultava o medo.

Propicio repetiu-lhe :

— Faca ou dente! ou faze-me saber tudo ou dou-me por sabido, e corto o *nó gardio* com o meo canivete.

Joanna estava á tremer, medindo as possiveis consequencias da ira e dos assanhos de vingança daquelle selvagem seo irmão, e emfim imaginou que poderia aquietá-lo, confessando-lhe o que sabia.

— Propicio! dice ella; posso contar com a tua discrição?... promettes por tua honra guardar o segredo que vou confiar-te.

— Por minha honra! prometto-o; respondeo Propicio, avançando com a mão direita em signal de juramento.

Mas accrescentou logo:

— Segredo em todos os casos morto; livre porem o meo direito de esconder o canivete na barriga do teo compadre, se não bastarem os pontapés pela escada á baixo.

Joanna fallou tremula, confusa, mas sincera e franca: refferio á Propicio o que ouvira de Ursini: relatou as pretensões affrontosas de Ernesto, o resentimento de seo marido e seos planos de vingança productiva, as promessas de dote e riqueza que o seductor garantia, e os travessos embustes de Rosina que se divertia, obedecendo á seo pae. A nobre esposa e extremosa mãe esgotou todos os limitados recursos de sua pobre intelligencia para desculpar o marido e innocentar a filha.

Propicio ouviu tudo em silencio á principio iracundo, depois curioso, e em seguida e até o fim, reflectindo gravemente: soube dos *presentes* repetidos e valiosos de Ernesto, do proximo donativo de um bello *chalet*, embora ficasse ignorando que na tarde desse dia Rosina iria ve-lo em companhia de seo pae; convenceo-se ou não.

mas pelo menos concebeo a possibilidade de que a sobriuha lançava habilmente a rede para pescar lisonjeiro e rico dote á preço de fingimentos de amor, sem rendimento ignominioso, e com lulibrio merecido do velho que se presumia de proximo feliz seductor ; e finalmente não duvidou mais de que Albino fosse apenas comparça de triste comedia, recurso necessario para mais completa illusão e zombaria do millionario pretendente que devia semear ouro ás mãos cheias sem que jámais colhesse fructos da sementeira.

Propicio nascera com felizes disposições naturaes: teria sido homem probó, escrupuloso, talvez altivo e orgulhoso, se, baldo de educação não houvesse em licencioso abandono cahido no golphão dos vicios pela ociosidade, pelas más companhias, pelo contagio dos costumes pervertidos, e pela reprehensivel fraqueza do amor da irmã, que com a bolsa do marido lhe alimentava em multiplicados tributos pecuniarios de pequenas quantias o gozo facil de vadiação corruptora.

Na sociedade de pobres occiosos, de maltrapilhos por negação ao trabalho, de immoraes por incapacidade do labor que acompanha á virtude, Propicio aprendera á querer e invejar

gozos licitos e illicitos, que só a riqueza proporciona, e na privação de muitos desses gozos resentido e assalvado odiára aquelles que por privilegio da fortuna merecião mais do que elle; porque podião comprar, o que excedia ás proporções dos minguados donativos de Joanna, e dos seus problematicos lucros de jogador de bilhar, e de clakista alugado de theatros, e em tal prevaricação da sua natureza só lhe ficara a consciencia da sua força physica, a violencia impetuosa na vingança da afronta, e o odio invejoso aos que gozavão e brilhavão mais do que elle; perdera porém infelizmente as instinctivas delicadezas do brio nas escabrosas ruinas do deboche, e com o seo orgulho rude apenas ostentava certa nobreza de character, que realmente não podia ter estando como estava viciado pela ociosidade.

Quando Joanna acabou de fallar, Propicio acendeo um cigarro e poz-se á fumar sem dizer palavra, mas evidentemente menos encolerizado: as informações dadas pela irmã lhe parecerão verdadeiras, não acreditou que Ursini quizesse fingar largamente o seo compadre rico por espirito de vingança contra o tentador de seducção da filha, vio com acerto no revoltante



manejo sómente: baixa ambição de ouro; mas convencido de que Rosina, servindo aos planos do pae, não era amante de Ernesto, e unicamente procurava senhorea-lo, aticando-lhe a paixão, desarmou as fúrias do seo entono brutal.

É verdade que pouco antes elle tinha dito á Joanna que parecer ou ser em assumpto de honra de donzella era para o publico a mesma cousa; sua moralidade porém não era tão melindrosa, como se ufanára de manifestar á irmã.

Propicio fumou silencioso o seo cigarro e quando menos se poderia esperar, ao atirar fóra a ponta ainda acesa, soltou uma gargalhada.

— Do que ris assim? perguntou Joanna.

— Do patéta do velho!... olha, mana: que ha pouca vergonha em casa; é positivo; mas que tem sua graça, confesso. Esses homens ricos que insolentes opprimem os pobres ou tentão levar a deshonra ao seio das familias destes, precisão receber lição mestra: eu teria dado ao teo compadre lição de páo; mas Rosina é mais habil, dá-lhe lição á morcego.

— Então pensas...

— Que em todo caso isto não póde continuar assim... sobre tudo Albino deve ser posto fóra... ainda que o diabo leve o *chalet* e o dote!...

— Tens razão... não andamos no melhor caminho... por estas loucuras já Rosina perdeu um excellento noivo...

— Quem ?...

— Angelo, o sobrinho da comadre Clotilde... conheces-lo ?...

— Puff!!! um impostor.

Joanna não quiz contrariar o irmão; mas, continuando, disse :

— Todavia... o casamento de Rosina poria termo á todas essas inconveniencias...

— Conforme ; respondeu Propicio, reflectindo.

— Se achassemos algum moço trabalhador, de bom procedimento e capaz de agradar á minha filha...

— Desagradaria por certo ao teu compadre, disse Propicio, acendendo outro cigarro.

— Eu já imaginei um meio que... vencida uma difficuldade grande, seria talvez decisivo.

— Que meio é esse ?...

Propicio começava á ouvir com dobrada attenção.

— Minha comadre, a madrinha de Ernestinho, é muito soberba; e está nisso a difficuldade á vencer... disse Joanna.

— Ah!... não é bicha de sete cabeças : observou o irmão.

— Pois eu creio que se achassemos noivo digno de Rosina, e elle conseguisse ganhar a protecção da minha soberba comadre... eu sei que ella manda sobre o marido, e talvez o obrigaria á incumbir-se de tratar do casamento...

Joanna que dizia não saber pensar, vivia pensando em expedientes para salvar a filha; e tivera lembrança feliz, engenhosa e propria de mulher, querendo lançar a fidalga e arrogante Amelia entre Rosina e Ernesto.

Propicio atirou com o cigarro, e exclamou:

— Que demonio de idéa!... é de pôr o velho á ver estrellas ao meio dia!... eu voto.

— Falta-nos o essencial.

— Que é?...

— Um moço honesto que...

— Um homem de bem... isso acha-se do pé para mão...

— Propicio, um homem de bem custa muito á achar-se.

— Verás. Agora tenho que fazer.

E Propicio deixou a irmã consolada por ter podido serena-lo.

---



## II

Propicio, chegando á sala, ordenou a ama que levasse o menino para dentro, e voltando-se para Rosina que estava ao piano, perguntou-lhe :

— Que musica é essa?...

A sobrinha olhou admirada para o tio e respondeu logo depois :

— Que lhe importa ?...

— Quero ver se tocas melhor do que d'antes : anda lá! começa!

— Isto é caso novo !... mas pela novidade e porque estou estudando... convenho.

Propicio estendeu-se no sophá, dobrou uma perna sobre a outra, e ora torcendo o bigode, ora afagando a enorme pêra á Cavaignac, pareceo prestar attenção.

Rosina foi por desvanecimento empenhando-se em tocar o melhor que podia, embora

amasse pouco e ainda menos respeitasse o tio que era ás vezes grosseiro com ella, e que tendo-lhe dado signaes de afeição e de amor durante seos annos de menina, depois ou resentido dos cuidados com que Ursini a desviava da sua intimidade, ou por inexplicavel indiferença, apenas a saudava de passagem, quando não ralhava enfezado accusando-a de namoradeira.

Com effeito Propicio, conservando embora as doces impressões do amor innocente, que lhe tinham inspirado a companhia, as travesuras, e as graças infantis da sobrinha, havia-se desacostumado da sua brincona sociedade, desde que ella entrára para o collegio e depois, atirado ás extravagancias e aos vicios da ociosidade, e sempre muito preocupado das atarefadas calaçarias diarias, só lembrando a irmã para pedir-lhe dinheiro, aborrecendo o cunhado, e não tendo tempo á desperdiçar com a sobrinha que por ser santa de casa não tinha condão de milagres, sem desprezar de consciencia Rosina, quasi que devéras a desprezára pelo descuido e indifferente desmazelo, com que a esquecia moça, a ignorava formosa, e não tinha nem ouvidos para ouvi-la, nem

olhos para vê-la, nem coração para senti-la e ama-la.

Mas Propicio, que aliás sómente fingia attender ao piano, em breve levantou-se do sophá, soltando um — bravo! — talvez fóra de proposito, e de pé, á pouca distancia, e em posição escolhida cravou os olhos na sobrinha á considerar-lhe o rosto, as mãos, a estatura e o talhe do corpo, e emfim as proporções delicadas do pé, que avançado comprimia ou soltava o registo do piano.

As sensações que semelhante estudo deixavão no animo do observador, transluzião no brilho do olhar, no incendimento da face, no leve tremer dos labios que á final, separados ligeiramente e como que paralyticos, conservarão a boca de leve entre-aberta em muda enlevação dos sentidos.

Propicio estava surpreso: não sabia explicar como até então não tinha sabido ver a maravilhosa belleza que em todas as manhãs olhava desattento e desaperebidamente.

O tio acabava de descobrir a incognita mais conhecida—a enfeitadora lindeza de Rosina.

Entretanto a sobrinha sabia ver muito melhor que o tio; porque executando a sua musica,

vio e revio tudo, quanto os olhos, a face e os labios de Propicio estavam denunciando, e já meio-vingada da indiferença e da cegueira de alguns annos desse homem, que não soubera até então apreciar seus encantos, ao chegar á pauza final da peça que tocára, alegre e folgasona, e ainda com as mãos mimosas e bellas em exposição sobre o teclado, voltou um pouco a cabeça, e perguntou :

— Que diz, tio Propicio ?...

— Diabo, Rosina!... estás tocando piano com sentimento e gosto de matar!...

— Só?...

— O mais nada tem com o piano; mas realmente és formosa á fazer resuscitar á quem matas, tocando musica...

— Tio Propicio, vá consultar os medicos: vossa mercê está doente.

— Não digo que te enganes; mas de que me suppões doente?...

— Dos ouvidos e dos olhos que não estão no seo estado normal.

— Ah, ladrão de sobrinha vingativa!... dou as mãos á palmatoria: se te parece, applica-me bolos, que bem os tenho merecido.

E Propicio avançou dous passos, e offereceu as mãos abertas á sobrinha.



Rosina poz-se á rir e disse :

— Que feias mãos, tio Propicio !... esconda isso...

— Tu nem sabes, o que vales, Rosina !

— Ora !... não chego á valer uma carambola.

— Se quizesse, poderias fazer, com que eu não entrasse mais em bilhar algum.

— Oh, não ! prefiro imagina-lo rei, tendo um taco por sceptro, e as bolas por população do seo reino do taboleiro.

Propicio não podia desejar que a conversação continuasse no mesmo tom : tornou-se grave e disse :

— Basta de gracejos : fica sabendo que hoje demorei-me em casa para occupar-me de ti.

— Ah, meu tio !... ainda ha milagres : esqueceo o bilhar ?... e por mim ?... muito obrigada.

— Rosina ! tua reputação anda por ahi aos pedaços...

A donzella corou e respondeu :

— Já sei : vossa mercê quer apanhar para si alguns d'elles.

— O que eu quero, é salvar-te...

— Nas azas de que anjo ?...

— O commendador Ernesto te compromette horrivelmente : todos te julgão sua amante...

— Todos, não ; ainda tenho um homem generoso que me faz justiça...

— Quem é ?...

— É vossa mercê, tio Propicio, que hoje descobrio que eu era bonita, apesar de ser sua sobrinha : se é capaz, negue-o !

— Nega-lo seria mentir ; ha porem couza ainda peor, do que a diffamação que te vem das tuas doudas relações com esse velho rico, e famoso seductor...

— E que é ?... diga.

— O boato do teu proximo casamento com Albino, que é o ultimo dos miseraveis...

— Ah ! já consta ?... não tenho esse Albino na melhor conta ; mas... como me falta algum outro noivo, á quem recorra...

— Rosina, tu me respondes zombando ; o caso porem é muito serio : é como tio, e amigo interessado que te fallo...

— Ah ! então isto é serio, tio Propicio... ? vejamos, onde vae ter ; ouço-o sem rir-me.

— Ernesto é um infame, que tem posto em suspeitas vergonhosas a tua honra... estás quasi perdida na opinião do publico.

Rosina tornou a corar, e disse confusa :

— Supponhamos...

— Albino ainda é mais infame do que o commendador Ernesto, e o teu casamento ou o simples projecto do teu casamento com elle seria a confissão da tua ignominia.

Rosina repettio perturbada ; mas esforçando-se por simular seguridade ou ironia :

— Supponhamos...

Propicio proseguio, dizendo animado :

— Tua justificação e o renascimento do teu credito perdido dependem do teu casamento com um homem em quem todos reconheçam capacidade moral para assegurar tua innocencia por conhecer bem todos os segredos que a familia reserva e guarda...

A experta Rosina adivinhou logo um novo pretendente em Propicio.

— Só meu tio; disse ella interrompendo-o.

Propicio completou o seu peneamento :

— Com um homem que tenha tambem bastante capacidade material, e boa reputação de paciencia muita duvidosa para, impondo respeito ou medo, conter os insultos dos maldizentes.

— Só meu tio ; tornou á dizer a incorrigivel zombeteira, tomando um ar de seriedade que illudio á Propicio.

— Sim ; creio que só eu ; e devo confessar-te, Rosina ; ainda cego e surdo hontem certas novidades fizeram-me chegar a mostarda ao nariz ; antes porem de ir ás do cabo, reflecti e julguei que me cumpria vir hoje offerecer-me para arrancar-te ao mais triste destino, embora dando ao diabo a minha independencia de rapaz solteiro.

— E... em tal cazo... o diabo era eu, tio Propicio !...

— Não eras, és o diabo, Rosina ! porque hoje vim, e perdendo a surdez e a cegueira, estou espantado de não ter á mais tempo notado e reconhecido que és o ladrão de moça mais formosa e tentadora do Rio de Janeiro !... palavra de honra !...

— Deveras, meo tio?... pareço-lhe assim?...

Propicio, ouvindo sua irmã informa-lo da intriga interesseira armada contra o rico velho apaixonado de Rosina, concebera a idéa de envolver-se no trama para dissipar em sua desordenada vida, o dote e os valores que o pretencioso seductor inutilmente desperdiçaria ; demorando-se porém á observar a sobrinha, e.n verdade se sentia vivamente impressionado da sua belleza, e o manifestava em toscas e grosseiras

expressões próprias da sociedade que frequentava, e dos seus hábitos de voluptuosos e materiaes amores.

— Se me pareces assim?... ah, Rosina! em ti não ha que tirar, nem pôr... perfeita como a Eva da criação do mundo; palavra de honra!

— Tio Propicio! isto é caso serio... com effeito é verdade que vossa mercê quer casar comigo?...

— Hontem estava resolvido á isso, por generosidade de bom e dedicado tio; mas hoje, meo anjo de sobrinha, hoje quero-o, peço-o, desejo-o; porque, falte-me a luz na hora da morte, se não és um prodigio e uma tentação!

— Até aqui a historia de hontem com segunda edição correcta e emendada hoje; como porém será a historia de amanhã?...

— De hoje para sempre de captiveiro á teos pés, se teos pés não me empurrarem...

— Mas por pouco que eu empurre, lá me foge para o bilhar...

— Qual!... palavra de honra! o que eu sinto por ti é forte, como amor de cão, á quem houveses matado a fome, e curado a lepra; amor de lamber os pés apezar dos pontapés!

— Ama-me, pois, tio Propicio?...

— Nem podes pensar, como te amo! olha, Rosi-

na: quer o quizesse, quer não, creio mesmo que não pensaste nisso; mas a brecha está aqui!...

E Propicio, apontando para o coração, accrescentou :

— Perdoa-me a cegueira e a surdez de tanto tempo, ladrão de sobrinha! perdoa-me; porque estás bem vingada: feriste-me deveras no amago!

— Tam depressa! faz desconfiar!

— Se foi como um raio! eu te juro que estou fulminado, palavra de honra!

Havia nos asperos e achamboados protestos de amor de Propicio alguma coisa de natural e sincero; mas nem por isso Rosina se commoveo.

— Quer saber?... disse ella: vossa mercê, tio Propicio, veio hoje perturbar os calculos egoistas da minha vida...

— Ao contrario; vim operar dous milagres, fallando-te ao mesmo tempo a razão e ao coração; salvando-te o credito de honesta, e offerecendo-te amor, como nunca houve mulher que o acendesse mais fozoso!

— Tio Propicio, eu devo confessar que sempre o achei bonito e agradavel...

— E porque não me abriste os olhos?... foi falta de caridade... ah, Rosina! que demonio de cegueira!... ao pé de um anjo e não ve-lo!...

— Faça idéa dos pezares do anjo!...

— Agoas passadas não moem moinho; perdoa-me, Rosina!... ah ladrão de sobrinha! queeres que me ajoelhe á teos pés...

— Não é preciso... o essencial já sei... vossa mercê ama-me... eu... sou sensível... o casamento com o tio Propicio interessa á minha reputação, e... me garante... marido dedicado... e... extremoso...

— Palavra de honra!...

— Mas...

— Estás de accordo?... é a questão.

— Talvez... por ora não sei... ha um segredo... não é segredo de honra, não... e todavia é um segredo... que... sem confia-lo...

— Oh! confia-m'o!...

— Tenho vergonha... quem sabe o que vossa mercê pensaria de mim...

— Deves dizer-me tudo... porque na peor das hypotheses... o tio...

— Já disse que não é segredo de honra...

— Tanto melhor...

— Mas... é segredo ainda assim delicado... faz-me corar...

— Que puerilidade!... falla!

— Ah! tenho medo dos seos olhos... se quiser que eu falle... ha de fecha-los... cobri-los

com as mãos, para que eu esteja certa de que me não vê, quando eu fallar...

— Fazes-me tremer!...

— Pois não trema: guardarei o meo segredo.

— Não: eis-me de olhos fechados: amo-te e por tanto preciso ouvir-te.

E Propicio fechou os olhos e os cobrio com as mãos.

— Não abra os olhos sem ter ouvido todo o segredo que me faz corar, e hesitar antes de responder ás suas declarações de amor e proposições de casamento... é indispensavel que eu lhe diga... que eu lhe faça esta confidencia difficil... que me vexa muito...

— Já estou sem olhos! falla e confia em mim, formosa sobrinha!

— Sim... mas não retire as mãos, nem abra os olhos... tenho vergonha... em premio porém da sua condescendencia... no fim do segredo... beijarei com os meos labios o seo ouvido... não abra os olhos!... não retire as mãos... espere um momento que eu vença o meo vexame...

— Esperarei uma hora pela confidencia do diabo que me tenta, ou do bom anjo que deve beatificar-me... palavra de honra!...

Rosina, vendo o tio de olhos fechados, e



com as mãos sobre os olhos á esperar ridiculamente a confissão do seu segredo, poz-se nas pontas dos pés, e sem fazer o mais leve ruido esgueirou-se e sahio pelo corredor.

Propicio ficou só, immovel, de olhos fechados á espera da confidencia; excitou por vezes a sobrinha já ausente á fallar, e emfim cansado e aborrecido, tirou do rosto as mãos que cobrião os olhos, abriu estes e achou-se victima da mais completa zombaria.

Rosina o deixara na mais burlesca e ridicula posição e sem duvida estaria rindo-se desapiadadamente do tolo de quem escarnecera.

Propicio não se conteve; pronunciou em voz alta uma jura indecente, e sahio furioso e precipitado.

---



## III

A furia e a precipitação com que Propicio se lançara para a rua aplacarão-se vencidos por grave preocupação que lhe absorvia o animo.

O assalvado mancebo tomou a logração em que cahira, como travessura de joven engraçada e sciente de que pode abuzar do seo poder de formosa; arrependeo-se da jura brutal que lhe escapára, e foi procurar distrahir-se no bilhar.

Mas a preocupação o senhoreava, seguindo-o incessante e viva.

Propicio perdeu ao bilhar o pouco dinheiro que levava, aborreceo-se da companhia dos socios habituaes, e ás duas horas da tarde, depois de passeio longo, apressado, e sem consciencia do que fazia, entrou no jardim da Praça da Constituição, sentou-se em um dos bancos de

pedra á sombra de uma arvore, e entregou-se absolutamente á sua preocupação.

A perspectiva dos aureos despojos que a paixão do commendador Ernesto estava deixando e muito mais ainda promettia deixar á Rosina, tinha excitado consideravelmente a cobiça do vadio esbanjador de tempo e dinheiro ; mas á quem se sobrava sempre aquelle, muitas vezes faltava este.

Na primeira hora de reflexão, em quanto Joanna lhe fallava, Propicio pensára que, despedido primeiramente Albino, e logo depois Ernesto, não deixava de convir-lhe muito o casamento com a sobrinha que lhe levaria boa somma em joias e no valor do *chalet* talvez uns doze ou deseseis contos de reis, que lhe darião meios para tafular um ou dous annos, e semelhante idéa era incentivo irresistivel.

Em verdade, quando cogitava assim, o mancebo tunante ao menos excluia dos seus calculos o pensamento de empolhar o dote promettido por Ernesto á Rosina ; porque não acreditava que o dote, o ultimo e ameaçador donativo, pudesse ser conseguido sem que o noivo se achasse de harmonia e combinação com o velho seductor, e elle, não por nobreza de character,

como dizia ter, mas por altivez rude, e odienta inveja não se abaixaria jamais diante dos ricos aristocratas, conforme os denominava

Atiçada assim a sua ambição de esbanjador immoral, e de um lado contando pouco com a efficacia da protecção da irmã, de outro contando muito com a contrariedade e desestima do cunhado, Propicio já estava resolvido á procurar ponto de apoio no coração da sobrinha, quando Joanna, lembrando o expediente da intervenção da esposa de Ernesto, o convenceo de todo da urgente necessidade de declarar-se amante e escravo de Rosina; porque, com effeito, sem a condescendencia ou o amor desta seria inutil o empenho da soberba fidalga protectora.

Mas Propicio não precisou fingir; a belleza e as graças de Rosina produzirão em seos sentidos e em sua imaginação o choque mais forte: o mancebo pervertido não sentio pela sobrinha o amor santo que enleva a alma e só muito depois desperta os desejos; experimentou porém aquelle fogo material que é a paixão nos homens gastos e corrompidos pelo habito da sensualidade. Elle vio-a, cobiçou-a, adorou-a com olhos lascivos e imaginação libidinosa. Era o seo modo de amar.

Como até então Propicio não tinha visto, cobizado e adorado assim Rosina, é segredo dessas indifferenças, dessas cegueiras que ás vezes se observão nas convivencias da familia; ou por que falta ahi o excitamento da curiosidade que em seo estudo melhor avalia os thesouros, ou por que outras circumstancias incalculaveis fazem não saber ver esses thesouros, do mesmo modo que talvez sómente o vicio da vadiação e do jogo, o phrenesi das orgias, o desenfreamento de paixões baixas e o consequente desamor, esquecimento e desprezo de familia havião cegado Propicio aos encantos da sobrinha.

O mal educado, asperrimo e grosseiro mancebo, que nunca fizera côrte delicada, unica que é devida á uma donzella de boa sociedade, de costumes honestos, ou pelo menos de apparencias de recato, declarara o seo amor á sobrinha em termos que bem merecião immediata e dura repulsão; a sobrinha, porém, preferira divertir-se com o tio, e dera-lhe com o castigo do ridiculo e da confusão burlesca o mais claro desengano ás suas inesperadas pretensões amorosas.

Era isso — a belleza voluptuosa de Rosina, a idéa da fortuna para muitos menos que mediocre, para elle lisongeira e consideravel; e

finalmente sua manifesta esquivação ao amor que lhe declarara — o que determinava a insistente e sombria preocupação de Propicio.

Todas as esperanças do tio aniquilavão-se ante o indifferença da sobrinha. Dona Amelia podia mandar sobre o marido, Ernesto podia pelo seo ouro governar Ursini e talvez obriga-lo á condescender com o casamento da filha menos conforme ás suas sympathias, e mais opposito ás suas prevenções; Joanna emfim facilmente se prestaria á apoiar a intervenção da comadre; Rosina porém era de vontade independente, e por pouco que a quizessem contrariar, seria capaz de elevar a opposição á capricho e de tornar o capricho em barreira indestructivel.

A imaginação de Propicio multiplicava ao infinito as maravilhas da belleza da sobrinha, e pelo menos triplicava a sua fortuna, reduzindo-se as joias e o *chalet* á moeda circulante.

E Propicio via o — impossivel — diante de tanta e tão voluptuosa belleza, e de tanto e tão favoneador dinheiro.

E em sua triste e desanimadora preocupação o homem que estragado pela ociosidade, pelas más companhias e pelos vicios, ainda bla-

sonava do seo orgulho e da nobreza com que sabia erguer altiva frente diante dos *ricos aristocratas* que desprezão os pobres, lembrou-se por vezes de Ernesto, que bem poderia protegê-lo, e outras tantas vezes lembrou-se tambem de que lhe seria possivel tomar o logar e as condições de Albino.

Seja dito em honra da verdade : de cada vez que lhe surgia na alma a lembrança, o pensamento ignobil, Propicio estremecia e revoltava-se contra si mesmo : não era porém a virtude que o fazia estremecer e revoltar-se, era esse falso orgulho, resto unico e adulterado de suas nobres e felizes disposições naturaes corrompidas pelo viver escandaloso, immoral e degradante.

Não ha character honrado e honesto, não ha coração generoso e nobre, não ha virtudes naturaes, e, se o quereis admittir, virtudes innatas por mais de ferro que sejam, que resistão á ferrugem da ociosidade, da companhia dos homens pervertidos e devassos, da vida vadia, sensual, sem religião, vida vivida em botequins, em lupanares e em orgias.

Propicio estava já profundamente contagiado de corrupção : o seu pretendido orgulho era



apenas insolencia de malcreado com a brutal vangloria de sua força physica simulando a conservação zelosa de algumas noções de dignidade e de honra, que em sua infancia recebera de sua honesta, religiosa e virtuosa irmã.

Propicio, pensando nos encantos e na riqueza ou na fortuna de Rosina, ainda pois se revoltava contra a maior ignominia, que alias era um recurso para o lascivo e ambicioso sem pejo... ainda se revoltava; mas tinha-a já lembrado...

Na escada da corrupção em taes casos lembrar é descer.

Depois das primeiras lembranças e das primeiras revoltas o homem corrompido pensa que raciocina quando sómente sophisma: desce mais um degráo da escada, desce'dez e desce todos...

Não é fatalidade, é logica: ha leis na moral que são as mesmas leis da physica; na degradação moral tambem o movimento é uniformemente acelerado.

Mas Propicio ainda se enfurecia contra a idéa de prostrar-se infame aos pés do *rico aristocrata* Ernesto, quando ao dobre do sino da igreja de S. Francisco de Paula ouviu o annuncio de que erão cinco horas da tarde.

O pobre diabo tinha esquecido o tempo que

corria : havia perdido ao bilhar toda a sua riqueza, alguns mil réis que trouxera no bolso, erão passadas as horas de jantar, e não estava seguro do seo credito nas casas de pasto que costumava frequentar ; levantou-se pois obrigado pela necessidade á ir pedir á irmã que lhe dêsse refeição, embora não fosse de costume na casa do cunhado guardarem-lhe o prato, pois que regularmente elle jantava com os companheiros de folgança e de perdição.

Quando de caminho desembocava na rua em que demora a casa de Ursini, Propicio estacou de subito, fitando os olhos em um homem que passava, levando á seo lado a mais faceira e bonita moça.

O homem não o tinha visto : mas a joven, que simulara passar sem te-lo apercebido, sorrira-se de leve para deixar entender o contrario.

Erão Ursini e Rosina.

Onde irião elles ?...

Propicio não poude vencer a sua curiosidade, que já era então bem natural na situação em que trazia o espirito : seguiu pois de perto o pae e a filha.

Mas Ursini fez com a mão signal de parar a um carro desses a que o povo alcunhou com o nome de *bonds*.

O carro parou: Ursini e Rosina entrarão nelle.

Propicio avançou tambem um passo para subir ao carro; logo porém lembrou-se de que não lhe restavão nem duzentos réis no bolso completamente esvasiado.

O carro seguiu...

Ursini achara conhecido, com quem se poz á conversar, apenas se sentou.

Rosina voltara-se um pouco para fóra do carro, e olhando Propicio, sorriu-se outra vez maliciosamente, e disse-lhe adeos, meneando o leque com a graça e requebro da hespanhola namoradeira que é a rainha da telegraphia do leque.

---



## IV

Propicio, entrando em casa, apresentou-se á irmã um pouco apprehensivo ; mas urgido pela fome, disse-lhe logo :

— Joanna ; ainda não jantei.

— Pois has de jantar mal ; porque eu não esperava mais por ti.

D'ahi á alguns minutos Propicio jantava muito melhor do que merecia e com appetite devorador que estava em contradicção com as disposições do seo espirito: entretanto elle comia depressa, e como distrahidamente.

Joanna em pé via-o jantar, e o observava desconfiada ; porque a filha já lhe tinha dado noticia do novo namorado e pretendente que achara tão de subito no tio.

Propicio acabando de jantar, acendeo um cigarro, e poz-se á fumar.

Logo depois disse :

— Quando vinha para casa, encontrei Ursini e Rosina : onde forão elles ?...

— Forão ver o *chalet* ; respondeo Joanna, desviando os olhos para não supportar os do irmão.

— Ah !... e sem duvida o teo compadre ha de estar lá.

— Não sei ; mas é provavel.

— Ao menos devias ter acompanhado tua filha.

— Ella foi com o seo protector natural : a filha está no lado de seo pae.

Joanna não quiz dizer que Rosina fôra ver o *chalet* contra os seus conselhos de mãe, e que Ursini se oppuzera á que ella acompanhasse a filha.

— Fizeste mal ; disse Propicio ; mas... não discutamos.

— É melhor : façamos por esquecer este assumpto.

— Isso é impossivel : mana, tenho levado todo o dia de hoje á pensar sobre o futuro de Rosina.

— Ah ! balbuciou a irmã.

— Minha sobrinha já se acha muito comprometida ; mas ainda não está perdida, como eu temia : todavia na carreira desastrada e vergo-

nhosa em que o pae a atira, só eu e tu podemos impedir a sua quéda fatal.

Joanna sabia onde o irmão queria chegar, e por isso absteve-se de responder. Amava muito á Propicio; amava porém mil vezes mais a sua filha: céga para os defeitos e maculas daquelle, quando precisava defende-lo, e apatrocina-lo, tinha olhos de aguia para devassar seos menores senões, desde que tratava de obstar que a sua Rosina fosse á elle sacrificada.

Mas Propicio não desanimou com o silencio da irmã.

— Sabes que é mais?... disse-lhe: quero um dia prestar para alguma cousa neste mundo. Estou prompto á casar-me com Rosina para com o meo nome restabelecer-lhe o credito e com o meo amor felicitar-lhe a vida.

— Propicio, respondeo Joanna; o que acabas de dizer é generoso; mas não passa de sonho, e de illuzão.

— Porque?...

— Meo marido não tem confiança em ti, e jamais consentiria...

— E que me importa a cara ou a careta que faria teu marido, uma vez que tu me ajudasses na empreza, e Rosina se decidisse por mim?...

— Posso asseverar-te que ella não te ama : apenas te estima, como sobrinha :

— Tambem não creio que ame o tal Sr. Albino e todavia não põe duvida em casar com elle.

— Já te disse que estamos livres dessa desgraça.

— Não estaremos porém livres de outras iguaes ou peiores. Joanna, tu debes interessar-te por mim... bem ves que a minha resolução é generosa... ainda a pouco o reconheceste...

— Sim... mas a occasião é pessima...

— Ao contrario é optima...

— Optima?... quererias pois ligar-te á teu cunhado e á tua sobrinha para... illudir... o meo funesto compadre ?...

— A maroteira é de bom gosto ; mas... eu não me abaixo á aristocratas. O que desejo e exijo de ti, é que me auxilies, convencendo Rosina de que ella será ditosa, — e ha de se-lo —, casando comigo.

— Sabes que Rosina é muito caprichosa.

— Falla-lhe á razão e ao interesse de futuro. É indispensavel que ella se case quanto antes :



ora Angelo já a deixou á ver navios, e é hoje quasi impossivel achar um homem de bem que se sujeite á desposa-la nas tristes circumstancias que se tem dado.

— Ainda esta manhã me disseste que era facil acha-lo.

— Sim ; porque já o tinha achado em mim. Julgas acaso que não sou homem de bem ?...

— Ora !... que pergunta !...

— Por consequencia...

— Propicio, não teimes nessa tua idéa. é inutil pensar nella : tens contra ti Ursini e Rosina.

— Rosina vira a cabeça para onde lhe sopra o vento : podes conseguir que ella ao menos condescenda em ser minha esposa por conveniencia... o amor virá depois... e se puder vir logo, choverá no molhado...

— Mas... Ursini?... eu não quero a guerra ou o resentimento entre meo marido e minha filha.

Propicio rio-se e disse :

— Tudo se fará em boa paz, á contento geral e n'um abrir e fechar de olhos...

Joanna reparou na segurança, com que o irmão acabava de fallar-lhe, e deseiosa de conhe-

cer seos planos pelo muito que os temia por amor da filha, perguntou :

— E dada a hypothese de disposições favoráveis de Rosina, como em boa paz nos livrarias do meo maldito compadre, e alcançarias a approvação de Ursini?...

Propicio sorrio-se outra vez.

— Oh! já te esqueceste, mana?... ageitame o coração da sobrinha, e eu te mostro, como a intervenção protectora da tua maravilhosa comadre cabe como um raio no meio da garabulha que anda aqui em casa.

Joanna sobresaltou-se e exclamou :

— Não envolverei essa senhora ou outra qualquer nas vergonhas de minha familia!

— Isso fica por minha conta e risco.

— Prohibo-te que o faças!...

— E porque?...

A mãe tomou nobre attitude e com voz firme, disse :

— Porque tambem eu não quero que Rosina seja tua esposa.

— E a razão?... e a razão?...

— Porque tu és vadio, esbanjador, e vicioso.

Propicio conteve um impeto de colera; mas

olhou para a irmã resentido e com indignação que flamejava no olhar.

Joanna, impavida, assoberbou-o, dizendo-lhe :

— É isso, que te digo!...

— És mãe-leoa comigo!... porque não o és com Ursini que te leva a filha pelo caminho da perdição?...

— Ursini é meo marido e me governa; é pae de Rosina, ama-a e tem direitos sobre ella : contra meo marido eu só poderia recorrer para Deos : na terra em quanto eu viva fôr, hei-de obedecer á Ursini. Tu és apenas meo irmão, á quem amo com fraqueza reprehensivel, mas de quem saberei livrar minha filha; porque te conheço e sei demais que és vadio, esbanjador e vicioso.

Propicio reconheceo que tendo contado muito com o amor da irmã, se descuidara de calcular com os extremos do amor de mãe, e, primeira vez hypocrita, soube concentrar a ira, e disse triste e sentidamente :

— É assim... não o posso negar; vadio e esbanjador, tenho-o sido; mas vicioso... não! honra até aqui!...

E bateo brutalmente com a mão no peito.

Joanna voltou o rosto desgostosa daquella pa-

tente confusão das noções da moral e das idéas do vicio e da honra.

Propicio continuou á fallar.

— Minha irmã! estou arrependido da vida de estroina que tenho vivido! palavra de homem de bem!... eu amo devéras... amo tempestuosamente á Rosina!... olhe! é questão de casamento ou de suicidio!... a paixão entrou-me e não sahe mais... só com a vida!... mas é amor que me viro do mal para o bem!... quero trabalhar... verá o que hei de fazer... verá o meo arrependimento...

— Quero ve-lo primeiro; disse Joanna. Se fosses, o que promettes ser...

— Se-lo-ei!... ao diabo a minha alma, se o não fôr; se-lo-ei, palavra de honra!

A amorosa irmã, sem deixar de ser mãe, ainda mais amorosa lembrou-se de explorar em beneficio do irmão esse amor que, se fosse verdadeiro, poderia talvez operar um milagre de regeneração moral.

— Pois bem, disse ella; se te corrigires, se te mostrares trabalhador, mais dedicado á familia, mais morigerado, docil e honesto, eu te prometto interessar-me vivamente por ti, e convencer minha filha da conveniencia...

Propicio interrompeo Joanna, perguntando-lhe assomado:

— Essa é boa!... e quantos dias me queres na tua inquirição da experiencia?...

— Dias?... Propicio! tu te atraçoas sem o pensar: o habito da ociosidade e a pratica dos vicios não se vencem senão em longos mezes de combates para dar triumpho real e seguro á virtude. Demonstra assim que te tornaste bom, e eu te abençoarei, além de i mão querido, esposo feliz de Rosina.

— Muito obrigado!... exclamou Propicio com ironia colerica: muito obrigado pelos seos favores!... quer deixar-me á espera...

E completou seo pensamento com uma allusão affrontosa do pudor de Rosina.

Joanna soltou dolorosa e forte exclamação de mãe insultada.

O selvagem não se commoveo, nem se moderou.

— Leve o diabo tudo! bradou descomedido; os farrapos da honra da familia não valem, nem merecem considerações generosas. Dê no que der, vou pôr no meio da garabulha a mulher do velho seductor de minha sobrinha, e se esta recalcitrar, e se fizer de boa comigo, tornarei publica e rasa a patifaria que vae por esta casa!...

— Não o farás!

— Hei de faze-lo... juro-o!...

— Se o fizeres, serás o mais infame dos homens!...

— Infame!... exclamou Propicio, erguendo-se ameaçadoramente.

Joanna, irada, magestosa pela estatura e pela grande nobreza dos sentimentos que a exaltavão, respondeu ao irmão brutal com desculpavel desabrimiento:

— Sim! infame!... e infame já o és pelo que ousaste dizer-me em face!

Propicio tremeo de raiva, e vacillou um momento entre o assanho da vingança da injuria, o respeito que devia á condição e á fraqueza natural da injuriadora; mas, embora furioso, não podendo deixar de ver diante de si apenas uma mulher, calcou com força e descortezmente o chapéo na cabeça, e precipitou-se pelo corredor, blasphemando em violenta insania.

Joanna ficou por alguns minutos em pé e immovel, onde tão nobre e firme se mostrara ao grosseiro e indigno irmão; em breve, porém, tremendo convulso, teve de sentar-se para não cahir, e ainda bem que poudo abrir logo valvulas á dôr immensa, desatando á chorar.

## V

Ursini e Rosina foram recebidos por Ernesto que os esperava no *chalet*, onde ninguem mais havia.

Algun homem que dispuha de mais gosto do que de avultados cabedaes, determinara e prezidira a construcção da casa e a disposição do jardim que a cercava por todos os lados.

A casa tinha a forma exterior das habitações suissas de que tomara o nome e no interior offerecia apraziveis commodos para familia pouco numerosa: havia excellente agoa prompta á correr de torneiras na sala de jantar, em duas pequenas salas ou quartos lateraes e na cosinha: todos os compartimentos erão de proporções limitadas sem que parecessem acanhados, e harmonisavão-se perfeita e agradavelmente. Notavão-se no papel que forrava as paredes, na escolha das tintas empregadas nas portas e ja-

nellas, na brancura esmeradamente conservada do tecto e na lisura e no bem acabado do assoalho o amor e o zelo do proprietario, que supprira luxo de riqueza com a distincção do bom gosto e com o aceio do desvelo.

Mas o principal era que o *chalet* se abrigava no seio perfumado de um jardim defendido na frente por grades e portão de ferro, e aos lados e no fundo por cerca ou gradil de madeira quasi de todo encoberto por trepadeiras de esmerada escolha, as quaes offerecião á vista uma muralha de folhas verdes durante todo anno, e de flôres de diversas côres durante alguns mezes.

Dez braças de frente sobre vinte de fundo, e nesse resumido espaço e em torno do pequeno *chalet* arvores e arbustos graciosos pela forma, preciosos pelas flôres, dispostos com arte para encantar a vista, e suavisar o calor com a sombra, tenue corrente pouco mais que uma penna d'agoa á fugir sobre leito de pedrinhas e, enfim, no fundo, e onde mais sombra havia, no centro de um grupo de arvores com os troncos e galhos recheiados de parasitas, uma gruta de verdura, porta ou entrada aberta entre folhas e flôres que a dissimulavão e no seio da gruta apenas meia luz, e banco de relva macio e fresco — eis o jardim dessa habitação que se fingira rustica.



Ursini tivera bom olho : 'o proprietario do *chalet* sem duvida violentava-se para vende-lo, e embora o sitio não fosse dos mais estimados entre os suburbios da cidade, o preço de doze contos de réis não era talvez metade do que o terreno e a construcção do *chalet* e do jardim tinham custado.

E todavia Ernesto já o houvera sob palavra por dez contos de réis que pagaria á vista.

Ernesto, Ursini e Rosina correrão a casa e em primeiro e rapido exame o jardim : logo depois Ursini, como architecto que se dizia, quiz estudar a construcção das paredes e a qualidade e estado do madeiramento.

O seductor contava com essa tarefa, ou'com outro qualquer pretexto que distanciasse o pae interesseiro e immoral ; offerecendo pois a mão á Rosina, disse-lhe :

— Voltemos á passear pelo jardim, Rosina.

A joven aceitou sem hesitar a mão de Ernesto, e sorrindo meigamente, deixou-se levar por elle ; mas apenas chegada ao jardim, esquivou-se ligeira, e deitou á correr por entre as arvores e arbustos inconsiderada, porém graciosa e alegre, feliz, como a ave que escapando á prisão em que a tinham, abre as azas e voa no espaço, festejando a liberdade.

Rosina, doudejando assim, examinava, observava e reflectia : não lhe tinha sido indifferente circumstancia de não haver encontrado no *chalet* nem o vendedor, nem pessoa alguma por elle, e nem jardineiro, ou guarda da casa, e suspeitosa de algum premeditado laço, fingia brincar puerilmente e meditava nos perigos á que podia estar exposta, estudando ao mesmo tempo as condições do lugar, e a proxima situação de chacaras visinhas, pois chegára á imaginar que em alguma pudesse estar preparada a traição e a violencia.

Ernesto olhava, acompanhava Rosina cobiçoso e anhelante : via-lhe as botinas, que se mostrando, mostravão as bellas proporções das pernas que na viveza da carreira escapavão á barra do vestido, forçado á dobrar-se pelo movimento e pelo impulso do ar, e vio-a emfim parar fatigada, e encostar-se ao tronco de uma florida magnolia.

O elegante velho chegou-se para Rosina que, com o rosto acendido pela fadiga, e com os seios á arfar pela agitação, estava mais que nunca arrebatadora.

— Agrada-te pois esta pequena casa com o seo jardim tão pouco extenso?... perguntou elle.

— Oh! muito!...

— É tua, formoso anjo!...

— Minha!... exclamou Rosina jubilosa.

— Já a comprei para que fosse tua, se te namorasses della: teu pae irá amanhã assignar o titulo competente, como comprador; porque não devo apparecer para poupar-te á calumniosas supposições...

Ernesto mentia: casado como era, podia haver bens immoveis; não lhe era permittido porém doa-los sem a assignatura de sua mulher: fôra essa razão, e fôra tambem o calculo do reconhecimento da donzella o duplice motivo da compra do *chalet* sob palavra.

Mas Rosina commovida e cheia de doce confusão, abaixára os olhos e perguntára:

— Virás visitar-nos algumas vezes, quando estivermos aqui, Ernesto?...

— Oh! todos os dias!... mas... se eu dissesse que não?...

— Eu não aceitaria o *chalet*.

— Rosina!

— Passeemos ao lado um do outro por este jardim, que é meo... e que eu amo; porque tu m'o deste...

— Sim... sim... passeemos...

Foi Rosina que offereceo a mão á Ernesto: sem duvida a terrivel e seductora namoradaira já se achava livre das apprehensões que tivera; poisque então era ella quem mais se expunha, simulando ternura, enlevos da alma, e perturbações que denunciavão intimo e arriscado fogo.

Ernesto guardava e zelava em segredo o mais traçoeiro e perverso estratagema de seducção, para cujo exito precisava da allucinação da victima pelo incendimento de seos sentidos; applaudindo-se pois da commoção e das flammas que começavão á atear-se em Rosina, empenhou-se em excita-las ainda mais para que não disputada fosse a sua victoria.

Passeando ao lado de Rosina, e affectando respeito nas palavras de amor que lhe dizia, ora colhia e desfolhava rosas sobre a cabeça da formosa donzella, ora lhe apertava a mão, e a levava á seo peito palpitante e ancioso, ora simulando querer afastar os galhos de uma roseira, avançava o braço por diante dos seios da donzella, e estremecia ao passageiro toque fruido casualmente, ora abaixando-se sob o ramo de uma arvore aliás mais alto que elle, roçava com os labios um hombro arredondado, branco e formoso, e em quanto isso fazia. pouco e pouco exaltava

a conversação amorosa com ideas e imagens sensuaes, que devião atear labaredas, e abraçar em voluptuosidade involuntaria, em violento e absoluto e desgovernado dominio dos sentidos a misera joven, de quem pretendia erigir-se em algoz feliz.

Rosina guardava afflictivo silencio que interrompia somente para responder com monosyllabos tremulos á perguntas e á provocações de vehemencia apaixonada e já por fim evidentemente lasciva, e como abandonada da razão, e á perder-se de amor, agora apertava a mão que lhe apertava a sua, logo vacillante, sostinha-se, apoiando-se ao hombro de Ernesto.

A situação de Rosina tornava-se de momento á momento cada vez mais insustentavel.

A pobre donzella abandonada sem defeza, incendio toda, e como á desejar immolar-se, volvia os olhos para o *chalet*, parecendo chamar o pae á socorre-la, e deixava-se escravizada por amor, possessa de paixão louca arrastar pelo seductor, onde elle quizesse leva-la.

Ernesto abraçou-a atrevidamente pela cintura e disse-lhe:

— Como te amo!... oh!... o nosso amor

nos daria na terra o céu!... Rosina!... Rosina!...

A filha de Ursini convulsou apertada pelo braço do seductor, e murmurou, como gemendo abafadamente:

— Voltemos ao *chalet*... leve-me á meo pae...

Mas apenas fez leve e facilmente vencido esforço para se retirar.

— Não! disse-lhe Ernesto; ainda não conheces todo o jardim, que é teu... ha nellê um asylo de amor... vem! quero que o vejas...

— Oh!... não!... balbuciou Rosina.

E deixou-se levar.

O seductor conduzio-a até a entrada da gruta de verdura, de folhas e de flores que havia no fundo do jardim.

Era um precipicio encantador...

— Eis o asylo de amor!... exclamou Ernesto, mostrando a porta da perdição.

Rosina estremeceo toda.

— Entra, e vê!...

A donzella não ousou entrar; mas não fugio; olhava... tremia... quasi chorava...

Ernesto a empurrou de leve com suas mãos que tocarão assim as espaldas da victima.

A victima obedeceo ao impulso doce e amo-

roso, e entrou na gruta, onde havia um banco de relva e apenas meia luz...

O seductor seguio-a, e disse com anciedade voluptuosa e cheia de criminoso contagio:

— Olha o banco de relva!... é teu!... toma posse delle!... senta-te, anjo da minha vida!... quero beijar-te os pés... ali... beijar-te os pés sómente!... oh!... senta-te, e deixa-me beijar-te os pés, Rosina!...

— Não! não!... murmurou a donzella.

Mas o seductor a empurrou outra vez, doce e ternamente, pelas espaduas dizendo-lhe:

— Anjo de amor e de formosura!... o teu throno é ali... ali te beijarei os pés!...

A victima deixou-se cahir sentada no banco de relva...

Ernesto ajoelhou-se diante della, abraçou-lhe os joelhos... beijou-lhe os pés... e animado pela tolerancia delirante... ergueo-se ameaçador, e o volcão prorompeo nas vehemencias da seducção exigente...

A louca donzella em vez de repellir a affronta, os perversos intentos, desatinada, volcanica, incendiada, estendeo para Ernesto os braços e com as mãos tremulas parecia implorar compaixão.

Ernesto abriu tambem os braços ; mas para assenhorear-se da presa...

Mas de subito Rosina soltou um grito de pavor.

— Que é?... pergantou Ernesto.

— Uma serpente... ali vae!... exclamou a joven donzella, apontando aterrada para um canto da gruta.

Ernesto desviou-se dous passos, procurando o importuno reptil no ponto indicado.

Rosina, aproveitando o ensejo, levantou-se rapida do banco de relva, e fugio para fóra e para longe da gruta.

Ao ruido dos passos precipitados da fugitiva, o seductor voltou os olhos, e vio desfeito o seo nefando estratagemas.

Ainda scintillante de impudicas flammas, envergonhado da tentativa burlada, confuso pelo flagrante desmentido á seos protestos de respeitoso amor, indignado contra si proprio, pois que Rosina estivera á ponto de entregar-se; e só lhe escapara por instinctiva astucia de pudicicia, que elle sem duvida teria facilmente frustrado, mostrando-se mais zeloso da occasião propicia, do que accessivel em taes momentos á qualquer idéa de perigo ou



á cuidados de prudencia ; Ernesto demorou-se alguns minutos, esforçando-se por ganhar apparencias de serenidade, e imaginando escusas e explicações com que se defendesse da tentativa criminosa, e sahindo finalmente da gruta, vio a formosa moça que meditava melancolica e abatida á sombra de uma arvore.

Não se representão impunemente scenas fingidas, mas verosimeis de affectos tempestuosos e de paixão phrenetica. Rosina estava pallida, e ainda fortemente abalada, á semelhança porém dos jogadores, que nas mais fortes commoções que experimentão, achão o mais forte encantamento do seo vicio fatal, esperava ella por Ernesto para rematar, como julgava convir-lhe, esse acto extraordinariamente vertiginoso e petulante da vergonhosa comedia.

A filha de Ursini já se suppunha, mas ainda não era legitima dona do bonito *chalet*, e, embora firmemente decidida á não render-se ao seductor nem por esse, ne.n por outro qualquer imaginavel incentivo, não queria expôr-se á perder a vantajosa doação, espantando o seo velho apaixonado com os furores da sua justissima raiva, ou com os vexames

naturalmente immensos e abismadores pela evidencia do crime que elle tentara commetter, e pela irrisão que lhe ficara da esteril mas infame deligencia.

Ernesto aproximou-se temeroso da bella e encantadora joven, e animando-se ao observar que ella não lhe fugia, e nem se quer o olhava colerica, disse-lhe em tom quasi de queixa :

— Rosina!... chegaste á desconfiar de mim?...

A filha de Ursini, exagerando com arte o abalo de que se achava possuida, respondeu com ternura, e ainda com indicios de turbacão e de susto :

— Não, Ernesto!... a serpente era o meo desvario de amor!...

— Oh!... exclamou o velho.

— Não eras tu que tentavas seduzir-me! não, Ernesto; eu sou justa, e não posso condemnar-te : era eu a seductora!... o meo amor nos hia perdendo... ah!... perdoa-me!...

— Perdoar-te ??? oh, minha Rosina!...

A feiticeira, ou endemoninhada namoradeira, interrompeo o misero velho que a adorava tão sensual e tão delirantemente, fechando-lhe os labios com a rosea palma de uma de suas

mãos pequeninas e macias, e em quanto deixava que elle lh'a beijasse com ardor, disse-lhe, confessando fraqueza e medo que confessavão amor, e provavel, e proximo, e já não duvidoso rendimento voluntario.

— Ernesto!... Ernesto!... amo-te mais do que devia... nós não podemos mais estar sós!...

Ernesto lançar-se-hia aos pés de Rosina, se nesse momento não tivesse apparecido Ursini, que vinha encontra-los.

---



## VI

Rosina manobrara com habilidade e subtileza de namoradaira ambiciosa, tomando para si a responsabilidade e a culpa da flagrante tentativa de seducção na gruta, donde se escapara no momento em que o velho libertino já a contava succumbindo em seos braços.

Ella dissera a Ernesto :

« A serpente era o meo desvario de amor !

Depois accrescentára :

« Não eras tu que tentavas seduzir-me : era eu a seductora !

E por fim exclamára :

« Amo-te mais do que devia : nós não podemos mais estar sós !...

Nessa triplice confissão de opprobriosa fraqueza, Rosina não sómente perdoava o insulto que recebera, como se declarava incapaz de resistencia, e até provocadora do seo holocausto,

desde que Ernesto, no primeiro ensejo que se dêsse, ou que houvesse preparado, empregasse contra ella o facil incendimento de seos sentidos, ou aquella serpente que era o seo desvario de amor.

Pronunciando-se tão desbriosamente, que só a vehemencia da paixão delirante, obscurecendo-lhe a razão, podia desculpa-la, Rosina tiuha feito entrega previa de todas as suas fracas defezas ao seductor que ainda antes do ataque podia assim prelibar infallivel conquista.

Não era licito duvidar da submissão de Rosina: já nem havia combate e opposição á vencer: a victima se hallucinára á tal ponto que parecia desejar o sacrificio.

O velho seductor acreditou em tudo quanto a joven donzella quiz que elle ficasse crendo.

O resultado pouco se demorou.

Ernesto era millionario, sempre fôra generoso, contava então sessenta annos, tinha todas as vaidades de velho namorador, presumia-se amado pela bella Rosina, adorava-a com o ardor e a cegueira dos velhos que se apaixonão, e estava certissimo de ser em breve seo amante afortunado.

Tres dias depois daquella tarde de commoções

fortissimas passadas no jardim do *chalet*, Ursini realisou a compra deste em nome de sua filha com todas as seguranças para que indisputavelmente só á ella pertencesse, e pagou á vista o preço convencionado.

Sem duvida o vendedor sabia quem pagava o *chalet* comprado em nome de Rosina, e della ficou fazendo juizo tão affrontoso, que apenas era menos repugnante do que o conceito em que cahio o pae condescendente e corrompido; Ursini porém, imperturbavel e sereno durante a transacção, logo que esta acabou e elle recebeu os titulos da compra do *chalet*, correo para casa entusiasmado e como doudo de alegria.

Rosina exultou.

Joanna impallideceo ouvindo a noticia daquella fortuna da filha. ou do principio da sua grande fortuna, conforme Ursini teimava em dizer.

O dia foi de festa para o pae e para a filha.

Para a mãe não o foi: Joanna procurou repetidas vezes o refugio do seo quarto para chorar em segredo: o *chalet* de Rosina esmagava-lhe o coração.

Esse *chalet* parecia á piedosa e infelizmente

muito fraca e abatida mãe, e ainda mais esposa exageradamente submissa, um pregão publico da ignominia embora supposta e não real de sua filha, e ella, a pobre que não sabia ter força, e só tinha lagrimas, chorava sobre o desconceito merecido da sua Rosina.

Joanna ainda amava ; mas havia horas em que desestimava o marido, reconhecendo que elle tinha impellido a filha para o *chalet*, e prevenendo que ainda a impelliria *para além do chalet*.

As entranhas da mãe estavam em revolta contra o coração da esposa...

Esteril revolta!... a esposa obedecia sempre, e a mãe apenas chorava...

Rosina percebeo a reprovação muda, nobre e dolorosa com que sua mãe condemnava a aquisição abusiva e reprehensiva do *chalet* pago pelo ouro de Ernesto, o homem casado que a amava e procurava seduzi-la; habituada porém á direcção absoluta de seo pae, e predominada pela idéa da rudeza e da muita limitada intelligencia de Joanna, não se commoveo, nem se alvoroçou ao senti-la assim instinctivamente sublevada contra o seo procedimento, e entregou-se tresloucada e inconvenientemente ao jubilo indecoroso que lhe



acendião o interesse e a vangloria da propriedade do *chalet*.

Não ha porém na vida gostos perfeitos: no meio do dia mais brilhante uma nuvem se condensa, e o sol se empallidesce contrastado por ella.

Pouco antes da hora do jantar um pobre italiano recémchegado ao Rio de Janeiro, e tomado á serviço de Manzoni, trouxe á Rosina da parte de Marieta um appetitoso prato de ravioli, uma rosa lindissima em cartucho de papel, e entre o prato e o cartucho uma carta perfumada.

O prato de ravioli era a oração incidente, o cartucho da rosa que aliás não trazia espinhos era a oração subordinada, e a carta perfumada que trazia veneno era a oração principal de um periodo bem estudado da grammatica da inveja.

Marieta mandava uma seta ervada ao coração de Rosina.

A carta de Marieta dizia assim:

« Rosina, — Pouco me custou á fazer do meo *cahido* nosso espião: tenho já noticias á dar-te, e doe-me que sejam ruins. Estes homens!... Tem paciencia, minha querida; o teu *innocente* e *ingenuo* namorado é tão falso como os outros,

e talvez como o meo *cahido*. A historia da carta e do juramento prestado ao pae moribundo foi toda mentirosa para dar apparencias romanescas á mais indigna traição : Angelo não tem noiva de encomenda paternal, nem te ama com aquelle ardor de que por cruel zombaria te deixou a crença. O hypocrita está apaixonado pela filha de um negociante, de quem ainda não sei o nome : tomou-se de amores por ella, tirando-lhe o retrato ; levou trinta horas em quinze dias á contempla-la *artisticamente* para reproduzir na téla suas perfeições. Isto é positivo. Angelo perdeu o coração e a cabeça, retratando a filha do negociante, que tambem parece tomar muito interesse por elle. Esquece o ingrato que te desdenhou, minha querida Rosina !... é um desgraçado, que nem soube reconhecer o que vales !... ainda se o tal negociante fosse rico, a estúpida preferencia teria explicação que não te offenderia ; mas nem isso !.. o pae da joven retratada tem fortuna mediocre e muitos filhos !... Angelo é portanto indesculpavel, ou enormemente tolo. — Esquece quem te esqueceo, Rosina : tu és bella como os amores ; só algum Angelo de gosto pervertido será capaz de des- apreciar o poder dos teos encantos. Diverte-te

bem com o teu velho tonto e vai tratando de acorrentar um noivo; basta que olhes e que sorries, como sabes faze-lo!... ah! se eu fosse homem!... adeos: dou-te um beijo em cada face e dez nos labios. — Tua amiga, Marieta: — *Post-scriptum*. — Quando passaremos juntas outro mez?... tenho tanta vontade!... »

A carta de Marieta continha veneno desde a primeira até a ultima palavra. Em toda ella palpitava a infedilidade, o desamor de Angelo para com Rosina, e o abatimento e desvalia desta ante a preferencia dada por aquelle á outra joven que nem ao menos era rica e que por tantomercera mais só por seus dotes pessoas!...

Uma verdadeira e prudente amiga não teria escripto a carta, como a escrevera Marieta: em todo caso havia insensibilidade e faltava delicadeza nesse desengano doloroso desfechado fria e subitamente.

Mas o que Rosina não pensou, porque era difficil imagina-lo, o que ninguem poderia razoavelmente desconfiar, era que Marieta que se dizia amiga de Rosina, que não conhecia, e não amava Angelo, pudesse urdir uma fabula perfida, inventar uma historia de filha de nego-

ciante, de retrato e de amor que não existião, e que ella sómente ingenhara por sentimento baixo, mesquinho, e malefico.

E todavia era assim!...

Marieta não tivera espião, nada procurara saber, nem soubera de Angelo, desejava conhece-lo, exultaria, se, encontrando-o, conseguisse ser amada por elle; faltavão-lhe porém os meios e não tinha esperança de realizar esse caprichoso desejo, e escrevera á Rosina um tecido de falsidades.

Esta inverosimilhança é a triste verdade dos resultados da mais miseravel das paixões, a — inveja.

A inveja é desprezível e hedionda onde e em quem quer que se manifeste; pela differença porém da educação que se dá, e dos destinos que se preparam aos dous sexos, a inveja no homem de ordinario se embravece disfarçada, quando ha superioridade dos invejados nas artes, nas sciencias, nas grandezas sociaes nos lucros do trabalho, na prosperidade da industria.

Na mulher a inveja corresponde sempre a vaidade, á segunda natureza que a educação lhe impoz. A mulher invejosa se enraivece á

vista dos ricos vestidos de outra, considerando e reconhecendo a belleza, observando o amor merecido, vendo o casamento feliz, acompanhando o esplendor e os triumphos, com que se exalta outra mulher.

A inveja na mulher amarrota os vestidos, avulta e faz notar os senões do rosto, e as imperfeições do talhe, e arranha ou despedaça com fundamento ou com aleives a reputação da invejada.

Às vezes não comprehendéis porque uma menina rasga ás escondidas o bonito lenço de renda da outra; porque uma joven donzella conversa em alta voz e perturba a attenção dos que ouvem a aria, que está cantando outra joven donzella; porque a senhora casada se horrorisa do vaidoso, mas innocente agrado, com que outra senhora casada recebe a corte lisonjeira, porém respeitosa e contida que sua formosura e seo merecimento obrigação : a explicação é facil : é a inveja que rasga o lenço, que perturba a attenção devida ao canto, e que insinua e provoca suspeitas affrontosas do recato e da honra.

A mulher invejosa, inveja tudo, o bem e o mal, inveja o amor, o casamento, e até mesmo a viuvez ás vezes : inveja desde a cor e o compri-

mento dos cabellos até os botões ou os laços e o salto das botinas de outra mulher.

Marieta era invejosa: não perdoava á Rosina o thesouro natural da belleza; invejara-lhe o ter merecido o amor melindroso e puro do coração virgem de Angelo, e igualmente não lhe perdoaria a felicidade do seo casamento com o joven pintor.

Escrevendo a embusteira carta, a falsa amiga alimentava a sua inveja, abatendo e contundindo a vaidade de Rosina, e aggravando com a intriga e com o seo aleive os motivos que já separavão a donzella loureira e o mancebo honestissimo, para que assim ainda mais difficil se tornasse a reconciliação que de novo e docemente os encadearia noivos e ditosos.

Mas Rosina estava longe de suspeitar tanta e tão extravagante maldade no coração de Marieta, e sentio-se profundamente ferida, lendo a carta da inveja.

Todavia Rosina era mulher, e logo após o primeiro e grande abalo, foi seo principal cuidado salvar as apparencias altivas da sua vaidade ante Marieta que provavelmente a estaria suppondo quebrantada.

Ella quiz responder immediatamente á Marieta, e escreveu e rasgou dez bilhetes primeiro que chegasse áquelle que melhor lhe pareceo esconder a conturbação do seo espirito e os vexames do seo desvanecimento de formosa sem rival.

Rosina respondeo nas seguintes palavras :  
« Marieta. — Poupa o teu *cahido* ao feio papel de espião: que póde elle *espigar* que me interesse?... oh! sim: houve um Angelo *no outro tempo*...; mas se soubesses que *tentação* me enfeitica agora!... se fosses homem com esse rosto que tens, talvez... não sei... mas por esta duvida em que estou, vou pagando-te os beijos nas faces e nos labios. — Rosina. *Post scriptum*. — Desta vez é sonho á realisar-se: faze idéa! moço, bonito, elegante e... *abysmo de ouro*!... vou fazer meo testamento de solteira: queres que te deixe em legado o meo *velho*?... Não vou roubar-te por algumas semanas á teo pae; porque tenho medo: tornei-me ciumenta... has de jurar-me primeiro cegueira — surdez — e peito sem coração. Adeos. »

Não escapou á Rosina que sua letra sahira

tremula da mão que tremula escrevera ;urgia porém responder nesse tom á Marieta.

O portador partio, levando o bilhete da vaidade.

Rosina como que se achou livre dos olhos, da observação femeninamente hostile, do goso maligno de suas confusões, da compaixão impiedosa e ferina de Marieta, que, embora sua amiga, era mulher, joven, e tambem presumida de bonita, exactamente pois nas suas condições e por tanto sua emula.

Desoccupada assim de Marieta ; Rosina entregou-se toda ao estudo afflictivo da carta da inveja.

---



## VII

Relendo a carta de Marieta e combinando as informações nella contidas com o procedimento de Angelo, a noiva desprezada raciocinou assim :

O juramento ao pae moribundo, e a esposa imposta no pedido d'alem tumulo erão falsidades, com que se desculpara a traição.

Angelo poderia explicar justificadamente sua infidelidade pelos erros e indiscripções de sua noiva : mas despedindo-se della, e quebrando seos laços, ainda lhe jurára amor, e lhe rendera homenagem á innocencia e á pureza que reconhecia nella.

Fôra isso ainda outra falsidade para melhor disfarçar a perfidia.

Já então tinha sido chamado á retratar uma joven donzella, por quem se apaixonara, retratando-a.

Era verosimil.

O pae da joven retratada e amada não é rico, e é ao contrario tão pouco notavel que o espião de Marieta não soubera dizer o seo nome.

Por tanto Angelo amou a filha desse homem, e por ella esqueceo aquella que era já sua noiva sem que o dominassem os incentivos da ambição, e sómente porque o allucinarão os encantos da feliz retratada.

Por consequencia...

A consequencia era horrivel para Rosina. Tinha havido forçosamente comparação e preferencia; comparação da belleza de Rosina com a de outra mulher, á preferencia dada á esta, preferencia injuriosa para a vencida que já era noiva de Angelo.

A filha de Ursini querería antes ter sido desprezada por quebra de seo credito.

A vaidosa rugia!...

Rosina lembrava-se de Angelo com odio feroz, e desejava ver a rival preferida, encontrar-se com ella para, inflammada em sanha, fulmina-la com o seo olhar.

Ella jurava á si mesma que havia de saber quem era essa maravilhosa mulher que parecera á Angelo, que se afigurára á um homem mais formosa do que ella, e fazia votos para que o in-

solente retratista as visse defronte uma da outra, e se arrependesse, e após o arrependimento estribuxasse desprezado á seos pés, e morresse amando-a, e ferido pela sua vingança odienta e implacavel.

Ella ardia por tornar á ser vista por Angelo: sem olha-lo, sem attende-lo, passando diante delle esplendida e soberba sem enxerga-lo cahido no chão do seo desprezo; havia de ter encantamentos, tentações, prestigio para atordoa-lo e endoudece-lo, para arrasta-lo captivo e empurra-lo depois com a ponta da sua botina, como objecto ruin, que se afasta de passagem, e de que nem se conserva a lembrança.

Mas arrebatando-se nesses desejos de vingança, nesses assanhos de odio, nesse embravecimento da vaidade ultrajada, Rosina perdera o contentamento e o jubilo que lhe causára a doação do *chalet*, e assenhoreada pelo resentimento, e, embora o não confessasse á si mesina, pelo mais ardente ciume, não poude, durante o jantar, esconder á seos paes a commoção que lhe angustiava o espirito.

Tanto Ursini como Joanna enganarão-se, julgando adivinhar a causa da preocupação afflictiva da filha: pensarão ambos que passada a

primeira e agradavel impressão da propriedade do *chalet*, a joven proprietaria experimentava naturaes mordimentos de consciencia, e atropellos de pudor amotinado.

E cada qual, o pae e a mae, foi dentro de si preparando expedientes, um para fazer dormir aquella consciencia importuna, outra para despertar-la ainda mais no interesse do pudor que justamente se amotinava.

Depois do jantar e do café era Joanna quem ficava á sós com a filha,

— Rosina, disse ella; bem vejo que estás mortificada, e com bastante fundamento. Esse *chalet* te compromette; é um indicio falso de condescendencias desairosas, que não houve; mas é indicio que te póde fazer mal.

— O *chalet*?... que me importa elle?...

— Que te importa?... minha filha, o *chalet* é teu... e não devia se-lo...

— Oh!... devia!... exclamou Rosina, lembrando a traição de Angelo; devia ser meo!... é melhor assim!...

— Não desvaries, menina; a tua consciencia te illumina, atormentando-te; tu te arriscas demais; olha: por andar em caminho tam tortuoso, já perdeste, ou apartaste de ti o melhor dos noivos...

— Angelo !... murmurou Rosina com um riso convulso de raiva.

A pobre mãe errava ainda uma vez, appellando inoportunamente para a lembrança do amor do nobre mancebo.

— Sim, Angelo ; tornou ella : escuta, minha filha, eu não creio naquella carta deixada pelo pae, nem...

— Ah !... não crê ?...

— Não; Angelo fugio-te, porque te suppoz e te suppõe inconstante e leviana... talvez mesmo... perjura...

— Pensa-o ?... perguntou Rosina, abafando a colera, e sentindo a carta de Marieta queimar-lhe o seio.

— Angelo ainda te ama, e se se convencesse da tua innocencia...

— Ah !... sim... uma esperança para mim... elle porém... fugio-me... espantei-o...

— Poderia voltar...

— Espera talvez que eu o chame...

— Louca !... pois não ha outros meios ?...

— Outros meios ?... perguntou Rosina, sobresaltando-se : por exemplo ?

— Se eu me entendesse com tua madrinha... ella tambem desejava muito o teu casamento com elle...

As faces de Rosina tornarão-se em rosas e flammas.

Joanna acudio logo :

— Tu serás estranha á tudo : eu conversarei com a comadre ; ella abrirá os olhos ao sobrinho, chama-lo-ha á razão ; e será Angelo que ha de vir...

Rosina não deixou a mãe acabar, e interrompendo-a, exclamou :

— Nunca !... antes a morte... antes...

E accrescentou dardejando chammas dos olhos em fogo de ira.

— Eu detesto esse homem... é um infame!...

E levantando-se arrebatada, disse ainda :

— Se minha mãe aviltar-me diante do miseravel que me ultrajou...

— Rosina ! murmurou tristemente Joanna ; tu offendes a tua mãe...

A filha commoveo-se áquella queixa magoada do santo coração maternal.

— Perdão !... disse doce:mente ; mas é que minha mãe não sabe...

— Que é que eu não sei, Rosina ?

— Que Angelo é hypocrita , fementido e traidor !...

— Minha filha, perdoa-me tambem ; por que eu não creio no que estás dizendo.

Rosina levou a mão ao seio com rapido movimento, e tirando d'ali a carta de Marieta, abriu-a agitadoamente e apresentou-a á Joanna.

— Leia! disse entregando a carta.

Joanna sorrio-se.

— Como estás irreflectida e tonta, minha filha!...

Só então Rosina lembrou-se de que sua mae não sabia ler!... sem confundir-se pelo esquecimento que denunciava extraordinaria abstracção de seo espirito exaltadamente preocupado, ella sentou-se de novo e leo em voz de confidencia a carta de Marieta.

Quando acabou de ler, perguntou :

— E que diz agora, minha mae?...

Joanna, aturdida com a triste descoberta do novo amor de Angelo, e muito simples para desconfiar da lealdade de Marieta, não soube que responder a filha, e ficava em silencio maldizendo da inconstancia dos homens, quando ao volver os olhos para Rosina, vio-lhe no rosto a expressão vehemente da indignação e do desespero, e comprehendeo quanto deveria estar soffrendo e ter já soffrido aquelle coração de moça vaidosa, e de noiva infeliz desprezada, porque outra mulher podera supera-la.

A pobre mae confrangeo-se, imaginando e talvez exagerando o padecer da filha, e para tentar arrefecer-lhe a vehemencia da dor, deixou ouvir uma dessas consolações vagas e estereis, que muitas vezes se dizem com o unico fim de crear em uma illusão uma esperanza ephemera, que ao menos abranda por algum tempo o soffrimento.

— Ora... quem sabe?... a carta do pae não foi invenção mentirosa?... quem sabe, se tudo mais que contarão á Marieta não é tambem falso?...

Rosina estremeceo, escutando sua mae.

Joanna, sem que o houvesse de leve pensado, acabava de abrir a alma da filha á suspeita da verdade.

A viva, intelligente e perpicaç Rosina tornou a abrir, e a reler a carta de Marieta, reflectio depois alguns minutos, e já menos exacerbada, disse:

— É assim, minha mae: quem sabe?...

Joanna olhou admirada para a filha e perguntou:

— Achas que tenho razão?...

Rosina sorrio-se e respondeo:

— Achei que Marieta é mulher.

— Oh!... exclamou Joanna surprehendida por aquella desconfiança da filha.



— Se Marieta não mentio, pelo menos empenhou-se em mortificar-me : basta esse empenho para fazer-mé crer que ella era capaz de mentir.

— Eu saberei toda a verdade; disse Joanna.

— Não, minha mãe; eu absolutamente me opponho á que vossa mercê falle á minha madrinha sobre este assumpto. Não ha hypothese em que eu desça, dando um passo para Angelo.

Joanna queria combater o vão orgulho da filha; teve porém de conter-se; porque Ursini entrou nesse momento.

O pae vinha á seo turno tratar de vencer as suppostas inquietações da consciencia da proprietaria do *chalet*.

O expediente de Ursini era facil e seguro : estava já muito recommendado pela experiencia : era simplesmente despertar na vaidosa o desejo de mostrar-se e de ostentar sua belleza, offerecendo-lhe occasião asada para isso.

— Rosina! disse Ursini alegremente; abriu-se hontem a exposição da academia das Bellas Artes : queres ir amanhã de manhã apreciá-la?...

A resposta afirmativa foi prompta, e seguida logo da natural pergunta :

— Á que horas, meo pae?...

— Accorda de madrugada amanhã para ataviar-te sem precipitação : sahiremos de casa ao meio dia em ponto.

---

## VIII

Castigo da inveja! Rosina tinha quasi esquecido Angelo, e Marieta urdindo feia intriga para distanciar ainda mais da sua chamada amiga o nobre e estimavel mancebo, avivara sómente a imagem delle e a lembrança do seo amor no coração voluvel da filha de Ursini.

Rosina, vacillando entre as suspeitas da falsidade de Marieta e da traição de Angelo, de novo encontrou no seio os germens do amor brando e delicado, e os agulhões do capricho que a fazião almejar a reconquista daquelle escravo foragido.

O interesse de Marieta em matar-lhe esse amor dobrava o preço que elle merecia, e dava-lhe o encanto da contrariedade da emula. Se o ser amada por Angelo era dita que Marieta lhe invejava, a reconciliação dos dois

noivos, e o seu casamento deverião angustiar e desesperar a invejosa.

Mas se Angelo fosse realmente infiel e traidor?... se a paixão pela joven retratada fosse verdadeira ?...

O desvanecimento de Rosina defendia Angelo e se embalava, condemnando Marieta: doia-se menos da perfidia da amiga, do que da supposição da preferencia dada á outra joven, que não era rica, e só a venceria por mais formosa.

Todavia Rosina agitava-se na duvida: não era impossivel que Angelo a tivesse atraído e abatido, levantando pelo testemunho do seo amor outra mulher á cima della !...

Essa idéa era horrivel.

Rosina tinha para Angelo ora desejos ternos e impulsos caprichosos de vê-lo, enfeitá-lo, domina-lo outra vez, e ama-lo, e ser sua esposa, e enebriar-se em mutuo amor, ora odio sedento de vingativo desprezo, que se misturava com a raiva da rival preferida.

Mas nem por isso a inconsiderada e loureira Rosina esquecera a visita á Academia das Bellas Artes. Entre as imaginações do amor de Angelo, e as conjecturas de seo affrontoso perjurio ella poude pensar no ves-

tido que lhe convinha preferir, nos adornos mais em harmonia com elle, e no penteado que melhor combinava a moda com o effeito das graças de seo rosto.

Evidentemente Rosina ainda cuidava mais em agradar á todos, do que no fraco amor que Angelo lhe inspirara.

E entretanto ella pensava em Angelo, pensando na Academia das Bellas Artes: elle era pintor... e talvez estaria lá...

Se o encontrasse... se ambos se achassem em frente um do outro...

Rosina extremou-se no apurado gosto do seo *toilette*, em que consorciou habilmente as apparencias de elegante simplicidade com a louçania rica que obriga a attenção sem excitar o reparo.

Ao meio dia em ponto ella appareceo á Ursini, que, ao ve-la, exclamou:

— Pela Madona! estás á eclypsar a exposição da Academia! se eu fosse o porteiro, te negava a entrada.

Rosina corou ligeiramente, e corou talvez de uma fraqueza de que se accusára; porque, adreçando-se, por vezes pensára que era bem possível ir encontrar Angelo na Academia das Bellas Artes.

Ursini e sua filha não tardarão á chegar ao modesto alcaçar artistico.

O concurso dos amadores e curiosos era menos numerozo do que devia ser, embora a festa annual da exposiçãõ da Academia das Bellas Artes nunca seja rica de obras novas devidas á palheta ou ao cinzel dos nossos artistas.

Mas não pôde ser de outro modo : apenas agora começamos a bruxolear no Brazil o amor das artes, e a indifferença dos homens ricos apaga o entusiasmo e suffoca o genio dos artistas que não podem perder tempo e dinheiro em quadros e estatuas que não tem de achar compradores.

Fôra cruelissima injustiça responsabilisar os nossos artistas pela pobreza das exposições : as victimas não devem carregar com as culpas da enregeladora indifferença publica.

Mas a chegada de Rosina tinha produzido sensaçãõ, e em alguns certa curiosidade impertinente que podia indicar conceito menos respeitoso; entretanto a donzella loureira e vaidosa se afigurava nesse dia um pouco desoccupada do effeito que produzia e dos olhos que a contemplavãõ, bem que não deixasse de passar em rapido e fugitivo olhar todos quantos entravãõ sahiãõ, ou estavãõ nas salas.

Erão tantos os namorados e admiradores de Rosina que ella teve de sorrir, e de pagar furtivos signaes de agrado á alguns que ali a cercarão desde que a virão entrar; abstracta porém, e como que negligente, attendia aos seus apaixonados muito menos do que costumava, e parecia apenas aperceber-se da teimosa presença delles.

Era como a mulher formsoa que se deixa olhar; mas que não quer ver quem a está olhando.

Rosina correo todas as salas com ligeireza que não permittia observação séria dos quadros e retratos expostos, entrou na pynacotheca, e della sahio sem demorar-se mais de cinco minutos.

Ursini acompanhava a filha, accusando-a de balde da celeridade inconveniente que lhe notava.

— Temos tempo; dizia-lhe Rosina.

— Mas que viemos fazer aqui?... que tens visto na carreira em que me levas?...

A filha de Ursini corou outra vez, ouvindo seo pae.

E ainda corou da fraqueza de que se accusava.

Ella não tinha visto nada, porque até então só procurára encontrar Angelo, e não conseguira a realisação da sua esperanza.

Mas... Angelo ainda podia chegar...

— Agora sim, meo pae ; disse Rosina ; vamos estudar conscienciosamente a exposição.

Ella queria ganhar tempo, e trocou a celeridade inconveniente pelo exame o mais prolongado e enfadonho de todos os paineis e trabalhos expostos, e ainda daquelles que menos merecimento podião ter.

Mas Rosina sómente olhava para os quadros e não via senão quem entrava e sahia.

Erão já duas horas da tarde.

Ursini começava á impacientar-se.

Estavão elle e a filha na segunda sala.

Rosina contrariada, e ainda insistente esperava... e fingia ver as obras da arte.

Uma voz disse perto della :

— Terá defeitos... mas este quadro é de pincel de mestre...

— A visão do Tasso ! disse outra voz ; é obra de um pintor que tem vinte e cinco annos ; não póde ser mestre.

— Em tal caso foi inspiração de amor : quem é esse pintor ?...

— É um animal invisivel, collega e amigo meo ; chama-se Angelo.

Rosina voltou instinctivamente o rosto e vio



um velho e um mancebo com os olhos fitos em um quadro em que ella não tinha notado.

Os olhos do velho e do mancebo ensinarão-lhe onde estava a *inspiração de amor* : Rosina distinguio... aproximou-se mais... escolheu a posição mais favoravel, e vio...

Era um painel de imaginação : representava Torquato Tasso prezo, apaixonado e delirante, e em perdido enlevo adorando a visão encantadora de Eleonora que parecia como um anjo subir ao céu, e mostrar-lhe no céu o throno puro de seus amores...

O quadro era cheio de sentimento, de exaltação, de transporte indizível na figura do Tasso á adorar a visão querida e arrebatadora... era o Tasso doudo ; mas doudo de amor sublime...

Rosina embeveceo-se admirando, amando aquelle poeta amante, e doudo de amor, que era mil vezes mais bello pela expressão do sentimento, do que pela formosura varonil do rosto que aliás brilhava com a flamma do genio na frente, e com a flamma do amor nos olhos, e no semblante acendido...

E logo depois ella vio a imagem de Eleonora que subia ao céu, e como que mostrava no céu o throno dos amores puros...

Ella vio... e corou pela terceira vez nesse dia... ella vio-se em retrato dissimulado na imagem phantastica e vaporosa de Eleonora...

Não era ella, e era positivamente ella; não era o seu retrato; era porém a sua cabeça, erão seus cabellos ondeantes, seus olhos, seu angulo facial, sobre tudo suas espaldas e seu peito, o talhe de seu corpo perfeitamente reproduzido, suas mãos copiadas ao vivo... para não faltar na la o buço cinzento coroando o labio superior... era ella, Eleonora era Rosina, o Tasso era Angelo.

Portanto Marieta tinha mentido.

Portanto Angelo amava-a !...

Rosina estava vendo, amando Angelo em Torquato Tasso.

Ella se sentia engrandecida, vingada de Marieta, e de certo modo purificada pelo amor angelico, que a fizera Eleonora naquelle quadro de encantadora e poetica visão.

Rosina tinha enfim visto Angelo, e o tinha visto adorando-a !...

Toda esta scena havia escapado á Ursini que aborrecido de esperar que a filha se fartasse da duplice exposição da sua propria pessoa e da Academia, tinha-se afastado para o corredor,

onde conversava com um amigo ou conhecido que felizmente achara.

Mas Rosina demorando-se enlevada em frente do quadro da *visão do Tasso* naturalmente deo occasião á que notassem o que ella fora a primeira á notar, e bem depressa reconheceo que estava excitando observações sobre a sua não perfeita porém muito sensível parecença com a imagem de Eleonora.

Leves e lisongeiros gracejos murmurados perto começavão á chegar á seos ouvidos. O que tinha sido dous minutos antes advertencia de alguns tornava-se curioso reparo de todos.

Rosina agradeceo dentro de si os signaes inequívocos do accordo unanime em acha-la parecida com a Eleonora da poetica e apaixonada visão; mas ou porque não pudesse por mais tempo arrostrar a comparação que tantos olhos fazião da sua pessoa com a figura da amada do Tasso, e a malicia motejadora de algumas allusões á felicidade da imaginação do pintor, ou porque satisfeita e alegre quizesse em liberdade dar expansão á seos sentimentos, afastou-se graciosa e serena, como se fosse alheia ao que todos pensavão, e indo ter com Ursini, convidou-o á voltar para casa.

De caminho o pae perguntou-lhe :

— Que especie de attracção achaste nessa exposição que te prendeo por mais de duas horas?...

A filha respondeo sorrindo :

— Meo pae, não fui eu só que achei... acharão-me...

— Acharão-te?... não entendo...

Rosina não julgou conveniente explicar-se e disse :

— Gostei muito : sinto-me feliz : se vossa mercê condescendesse...

— Em que?...

— Em trazer-me outra vez á exposição... amanhã... por meia hora só...

Ursini vio que tirára grande resultado do seo expediente, e embora principiasse á desconfiar de alguma nova conquista amorosa da filha, respondeo-lhe :

— Pois bem ; mas não esqueças que me tomarás meia hora só...

— Salvo o tempo de ida e volta...

— É claro.

— Ao meio dia em ponto, como hoje...

— Seja.

Rosina estava jubilosa, mas ainda assim Ursini não se animou á fallar-lhe logo no *chalet*.

**Chegarão á casa.**

Radiante de alegria e de orgulho Rosina confiou á sua mae o que não era mais segredo na Academia das Bellas Artes.

— O pintor foi indiscreto, disse ella galantemente; mas eu lhe perdôo; porque agora tenho a certeza da falsidade da carta de Marieta.

— E eu tambem já a tinha, respondeo Joanna.

— Já a tinha?... e como?...

— Logo que voces sahirão, fui á casa de tua madrinha.

— Ah! minha mae!...

— Socéga: Angelo nunca saberá o motivo que lá me levou: a comadre m'o prometteo e aprecia os teos escrupulos de dignidade; ella porém assegurou-me que a historia da moça retratada era um embuste.

— E... só isso...

— Não procurei indagar mais... tu me prohibiste adiantar o menor passo....

— Sim... por certo... não devo...

— Sube apenas que Angelo vive triste, e parece soffrer...

— Por minha causa... talvez...

— Não sei: elle não se queixa: foi isto, o que me disse a comadre.

A noticia da tristeza e do soffrimento de Angelo, em vez de affligir, augmentou a esperancosa ledice de Rosina.

Todavia o testemunho eloquente, colorido, cheio de luz e *exposto* do amor de Angelo não tinha saciado a vaidade da filha de Ursini: aquella vaidade tinha uma vingança á tomar, e já havia planejado vingança de mulher.

Logo depois do jantar, entrou Rosina em seo quarto e escreveu á sua *querida amiga*.

« Marieta. — Fui hoje á *Exposição* da Academia das Bellas Artes: ha que ver e *quem veja*: é um feitiço que me faz voltar lá *amanhã*: Sobretudo está exposto um quadro delirante... não digo mais... é de arrebatat!... queres arrebatat-te?... passarei por tua casa para levar-te comigo ao *meio dia* precisamente. Responde-me, se vás. Se tiveres tempo e occasião, avisa ao teu *cahido* para achar-se na Academia: desejo ver mais esse *quadro*... vivo. Adeos, formosa! abraço-te e beijo-te. Até *amanhã*... sim?... — Tua amiga do coração. — Rosina. »

Este bilhete não tardou á ser levado e o portador trouxe a resposta que a joven vingativa esperava.

« Rosina. — Vou: *amanhã* ao meio dia me

acharás prompta para acompanhar-te. Perversa ! ainda que eu tenha hoje occasião, não avisarei o *meo cahido* para não expor-me á ve-lo fugir para ti. Sonharei esta noute com o teu quadro delirante. Cuidado!... não és feliz com os pintores... mas se eu fosse homem e pintor!... adeos ! até amanhã : mil beijos em ti, princeza das fadas ! tua amiga e tua idolatra. — Marieta. — *Post-Scriptum*. — Não leves o *teo velho* á Exposição ; seria um crime de leza-arte : manda-o amanhã para o museu. »

Rosina respirou facil e contente, lendo a resposta de Marieta : Ella hia ; ella por tanto seria obrigada á contemplar, veria ao menos o quadro da visão do Tasso.

Era vingar-se bastante o mostra-lo.

E no dia seguinte á hora aprasada Ursini e Rosina chegarão á casa de Mazzonati, receberão Marieta e seguirão os tres para a Academia das Bellas Artes.

Mas Ursini tinha atraído um pouco sua filha, prevenindo o commendador Ernesto, seo compadre, da hora da visita de Rosina á Exposição.

Ernesto estava lá, e impoz sua companhia ás duas jovens.

Marieta disse ao ouvido da amiga :

— Esqueceste o museo...

Rosina, embora um pouco contrariada pela presença de Ernesto, mas desprezando-o bastante para não mudar seus desígnios, levou Marieta para a sala da vingança, e fazendo-a parar diante do quadro da *visão do Tasso*, disse-lhe :

— Vê bem !... é delirante, não é?...

Marieta olhou... vio... empallideceu um pouco, e murmurou :

— Vaidosa !... é quasi o teu retrato... és tu, apenas dissimulada... és tu !... quem foi o pintor ?

— Não... não posso ser eu... respondeu Rosina, saboreando a inveja da amiga ; não posso ser eu... aquella Eleonora deve parecer-se com a amada do pintor... e o pintor ama a filha de um negociante, de quem não se sabe o nome...

— Ah !...

— O autor do quadro é Angelo...

Marieta enleiou-se turbada ; mas logo depois dominando-se, e fingindo-se indifferente e zombeteira, disse á rir :

— Querem ver que elle explorou as commoções do passado, ou que tem a mania de amar, fazendo retratos ?...



Ernesto interrompeo as duas jovens que se fallavão e exclamou :

— Aposto que as senhoras estão surprehendidas como eu?... aquella Eleonora tem parecenças arrebatadoras!... este quadro ha de ser meo!...

Ursini coçava a cabeça.

Rosina voltára as costas á Ernesto, e tomando o braço de Marieta, levava-a para fóra da sala.

No movimento inesperado que fizera para sahir d'onde havia parado por momentos, Rosina vio um homem que se esgueirava pelo corredor.

Ella o reconheceo: era Angelo.

— Este quadro ha de ser meo! repettio Ernesto; qualquer que seja o seo preço, eu o quero.

Rosina e Marieta seguirão, percorrendo as outras salas da Exposição, e de volta Ernesto que as acompanhava obsequiador, e perfeitamente cavalleiro de esmerada cortezia, convidou-as á entrar pela segunda vez na sala, onde se achava o quadro da *visão do Tasso*.

— Custe o que custar, *aquella Eleonora* ha de

ser minha!... hei de comprar o quadro!... disse elle.

— Miraculoso e feliz poder do ouro!... observou Marieta, rindo-se.

E a invejosa prelibava o desencanto da *inspiração do amor*, que hia ser comprada pelo velho millionario.

Rosina palpitava anciosa...

Entrarão na sala... aproximarão-se do painel...

E Rosina exultou com transporte de orgulho, em quanto Ernesto e Marieta se confundião descontentes.

Em um dos angulos inferiores do quadro da *visão do Tasso* estava pregado um letreiro recente, que dizia em grandes e ostentosas letras:

NÃO SE VENDE.

**FIM DA QUARTA PARTE E DO SEGUNDO VOLUME.**

**Inferno, a Dansa dos Ossos.** 1 v.  
br. 2\$, enc. .... 3\$000  
**POESIAS. Cantos da solidão.** 1 v.  
enc. .... 6\$000

**Paulo de Koek.**

**CAROTIN.** 3 v. in-8º br. .... 3\$000  
**GALICHO.** 4 v. br. 4\$ 00, enc. 6\$000  
**PAULO E SERRAÇÃO.** 8 v. br. .... 4\$000

**Moreira de Azevedo**

**OS FRANCIZES NO RIO DE JANEIRO,**  
romance historico. 1 v. in-8º  
brochad. .... 2\$000  
**LORENÇO DE MENDONÇA,** romance  
historico. 1 v. br. .... 1\$500

**Camillo Castello Branco**

**ANATHEMA,** romance. 1 v. enca-  
dernado. .... 2\$500  
**DOZE CASAMENTOS FELIZES.** 1 v.  
enc. .... 2\$500  
**DEAS HORAS DE LETITIA: DOIS san-  
tos não beatificos em Roma, De  
Porto á Braga.** 1 v. br. 1\$000,  
enc. .... 2\$000

**Alex. Dumas**

**AVENTURAS DE LYDERICO.** 1 volume  
in 8º br. .... 600  
**HISTORIA DE EM MOREO.** 1 volume  
in 3º. .... 600  
**SOPHIA PRINTEMPS.** 2 v. br. 3\$000  
**MADMOISELLE DE BELLE ISLE,** dra-  
ma. 1 v. .... 1\$000

**Cl. Robert**

**O MARQUEZ DE POMBAI.** 1 v. bro-  
chado 1\$000, enc. .... 1\$600

**Eugenio Sue**

**AVINHA** 1 v. in-8º brochado 2\$000,  
encadernado. .... 3\$000  
**ALBA.** 1 v. in-8º br. 2\$000, enc. 3\$000  
**A SOBERBA,** 1 v. in-4º br. 6\$000,  
enc. .... 8\$000

**Telheira e Souza**

**MARIA OU A MENINA ROUBADA.** 1 v.  
brochado. .... 2\$000  
**O FILHO DO PESCADOR.** 1 v. bro-  
chado. .... 2\$000

**J. F. Freire**

**A PAIXÃO DE OLYMPIO.** 1 v. bro-  
chado. .... 1\$000

**P. Féval**

**A LORA.** 3 v. in-4º br. .... 3\$000

**Flévée**

**O DOTE DE SUZANINHA.** 1 v. b. 5\$000

**Guimarães Junior**

**HISTORIA PARA GENTE ALEGRE.** 2 v.  
in-8º br. .... 4\$000

**A. C. Louzado**

**RUA ESCURA** Tradicção portuense.  
18 v. in-4º enc. .... 3\$000  
**OS TRIFEIROS,** romance. 1 v. in-8º  
brochado. .... 1\$000

**A. P. Corrêa Junior**

**DA CÔRTE À FAZENDA DE SANTA-IT**  
Impressões de viagem 1 v. br.

**Victor Hugo**

**HOMENS DO MAR** 3 v. in-4º br. 3\$000

**X. de Montépin**

**UM DRAMA NAS MONTANHAS.** 1 v.  
brochado. .... 1\$000

**Max Valrey**

**MARTHA,** romance. 3 v. br. 3\$000

**A. Zaluar**

**CONTOS DA BOCA** 2 v. br. .... 2\$000  
**REVELAÇÕES** Poesias. 1 v. in-4º  
enc. .... 5\$000  
**PIRIGRINAÇÕES pela provincia de  
S. Paulo.** 1 v. in-4º enc. .... 6\$000

**Méry**

**RAFAEL E A FORNARIA.** novella. 1  
in-4º. .... 800

**E. de Mircourt**

**A ÚLTIMA MARQUIZA.** 1 v. in-8º  
brochado. .... 1\$000

**Molé Gentilhomme**

**JOANNA DE NAPOLES,** romance his-  
torico. 1 v. in-4º br. 2\$000, enca-  
dernado. .... 3\$000

**J. Norberto de S. S.**

**ROMANCES E NOVELLAS.** 1 v. br.  
3\$000, enc. .... 4\$000  
**BRASILHAS CILIBRES.** 1 v. in-8º  
enc. .... 2\$000  
**FLORIS ENTRE ESPINHOS.** Contos  
poeticos. 1 v. in-8º enc. .... 2\$000

**A. A. de Pascual**

**A MORTE MORAL** 4 v. br. 8\$000, en-  
cadernados. .... 12\$000

**O conselheiro J. M. Pereira  
da Silva**

**JERONYMO CÔRTE REAL.** 1 v. enca-  
dernado. .... 3\$000  
**MAXIMO DE MORVVS.** 1 v. br. 2\$000,  
enc. .... 3\$000  
**GONZAGA.** Poema. 1 vol in-8º  
enc. .... 3\$000

**T. da Costa Bea**

- A FLORESTA DE UM PORTUGUEZ, me-  
 dia em 2 actos e 1 protogo.  
 1 v. .... 1\$000
- O QUE É O MUNDO! comedia-drama  
 original de costumes populares  
 em 2 actos. 1 v. .... 800
- O QUE SÃO AS RIQUEZAS! comedia-  
 drama em 2 actos, seguimento da  
 comedia em 2 actos «O que é o  
 mundo.» 1 v. .... 1\$000
- PAULA E MARIA, ou a escravatura  
 branca, comedia-drama em 2  
 actos. 1 v. .... 1\$000

**Felix Pyat**

- OS DOIS SERRALHEIROS, drama em  
 5 actos. 1 v. br. .... 1\$000

**C. A. Cordeiro**

- O ESCRAVO FIEL, drama original  
 em 5 actos. 1 v. .... 2\$000

**H. Hostein e Tavenet**

- A ESTALAGEM DA VIRGEM, drama  
 em 5 actos. 1 v. .... 1\$000

**J. S. M. Leal Junior**

- OS DOIS RENEGADOS, drama em 5  
 actos. 1 v. .... 1\$000

- O HOMEM DA MASCARA NEGRA,  
 drama em 5 actos. 1 v. br. .... 1\$000

**D. Lopes de la Vega**

- OS INGLEZES NO BRASIL, comedia  
 em 2 actos. 1 v. .... 1\$000

**A. Feliciano de Castilho**

- MEDICO A FORÇA, comedia a antiga  
 de **Malière**, trasladada para o  
 portuguez. 1 v. .... 2\$500

**Quintino Bocaynva**

- OS MINEIROS DA DESGRAÇA, co-  
 media. 1 v. .... 2\$000

**L. C. M. Penna**

- O NOVIÇO, comedia 3 actos. 1 v.  
 br. .... 1\$000

**H. Crémieux**

- ORPHEO NOS INFERNOS, opera buffa  
 em 2 actos e 4 quadros, musica  
 de M. Jacques Offenbach. 1 v.  
 br. .... 1\$000

**J. Romano**

- 29 ou HONRA E GLORIA, comedia-  
 drama de costumes militares,  
 em 3 actos e 4 quadros. 1 v.  
 br. .... 1\$000

**BARBA DE ...**  
 tatica do barba ...  
**Voltaire**  
**BRUTO**, tragedia. 1 v. .... 600

**L. Gozlan**

- OS VESTIDOS BRANCOS, drama em 4  
 actos, ornado de canto, traduzida  
 por **A. M. Leal**. 1 v. .... 1\$000

**A. M. de Souza**

- PELAIO, ou a vingança de uma  
 affronta, drama em 4 actos, 1 v.  
 III 4º br. .... 1\$000

**A. Dumas e A. Maquet**

- O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA,  
 drama em 5 actos e 12 quadros.  
 1 v. .... 1\$000

**L. F. Cardoso de Carvalho**

- OS DOIS PROSCRIPTOS, ou a resta-  
 ração de Portugal, drama em 5  
 actos e 6 quadros. 1 v. .... 1\$000

**J. A. Ribeiro de Rezende**

- POR CAUSA DE MEIA PATAÇA, co-  
 media em 1 acto. 1 v. br. .... 500

**Aristides Abranches**

- O REINO DAS FADAS, comedia fan-  
 tastica em 4 actos e 20 quadros.  
 1 v. br. .... 1\$6 0

**Laurenciu**

- SIMÃO O LAZRÃO, drama em 4 actos.  
 1 v. br. .... 1\$000

**J. R. Pires de Almeida**

- FIRA DENTIS ou o AMOR E O DIO,  
 drama historico em 3 ac-  
 tos. .... 1\$500

**Roldão Amoroso**

- O PHENOMENO, ou o filho do mys-  
 terio, comedia em 1 acto. 600

**Por causa do ...**

- POR CAUSA DO ... SACRISTÃO, ou  
 os intantes improvisados, co-  
 media em 1 acto. 1 v. .... 1\$000

**Remellido o ...**

- REMI CHIDO O GUERRILHEIRO, drama  
 em 3 actos e 2 epochas. 1 v. .... 1\$500

**O Capitão ...**

- O CAPITÃO BITTURLIN, comedia  
 em 1 acto. 1 v. .... 1\$000

**Clara Harlowe**

- CLARA HARLOWE, drama em 3  
 actos, entremeiado de canto.  
 1 v. .... 1\$000

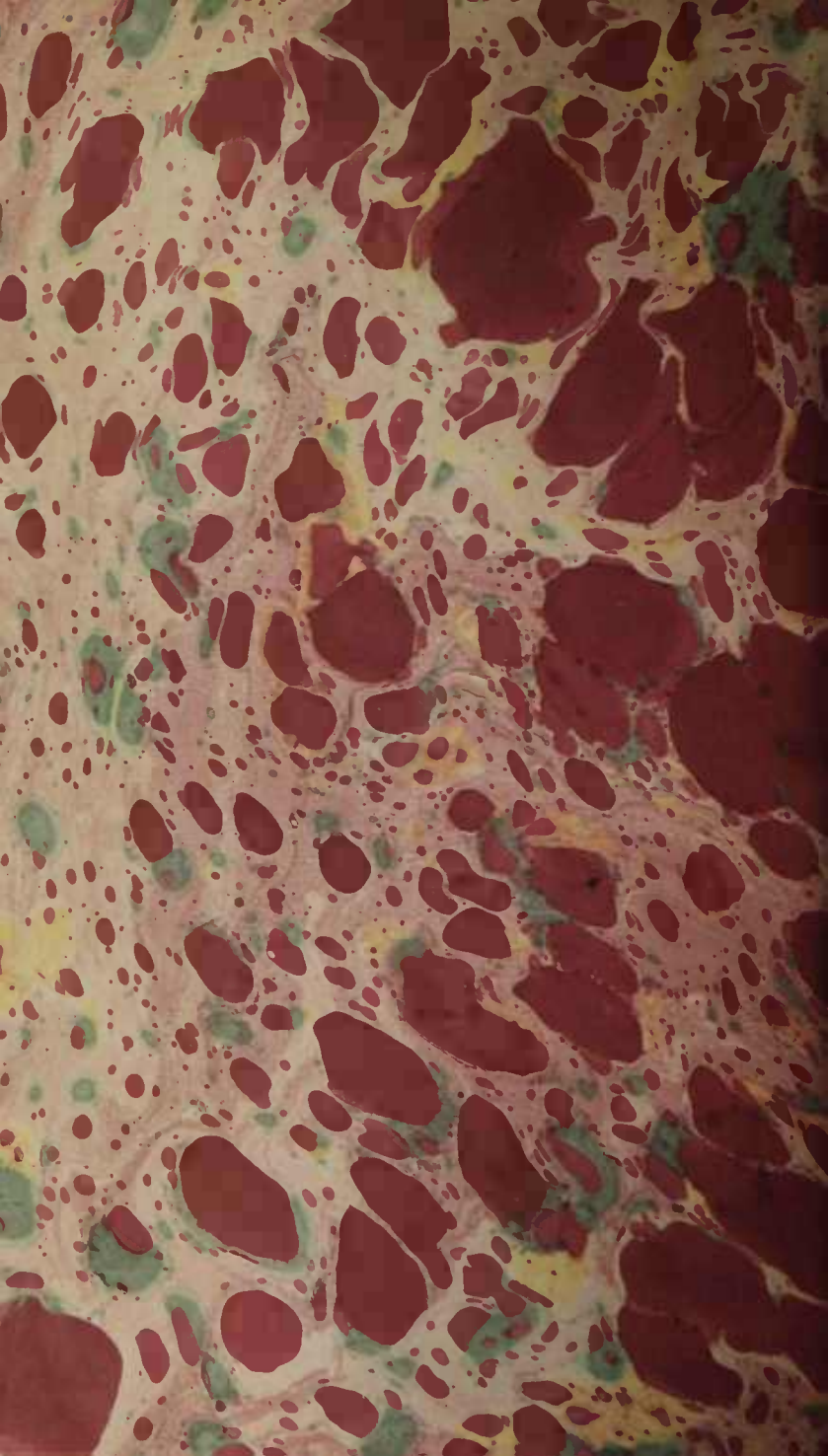
**Eliza ou a virtuosa Castro**

- ELIZA ou a VIRTUOSA CASTRO. 1 v.  
 III-8º br. .... 600

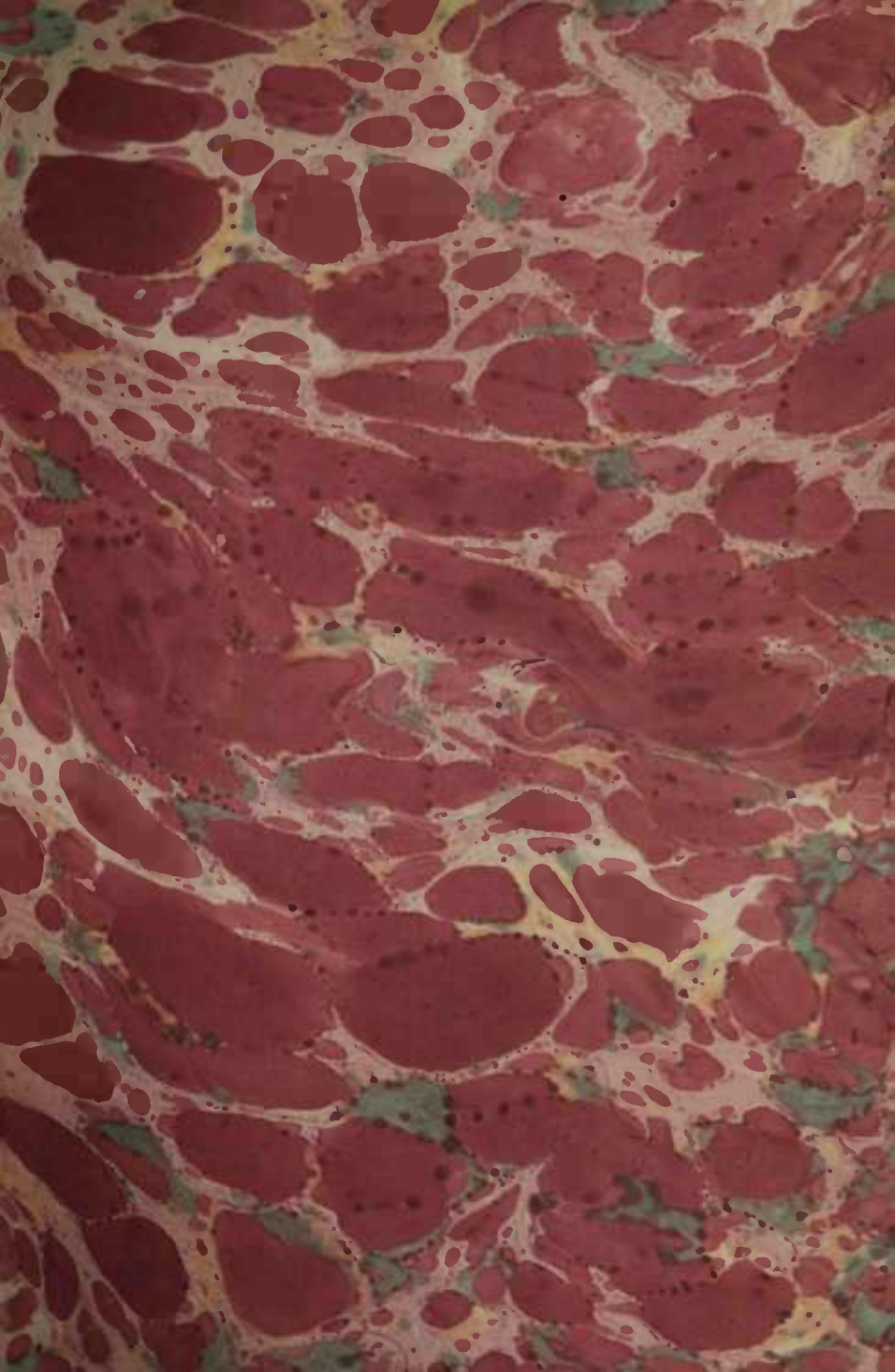














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).